

**A Faiança Portuguesa na Rua Serpa Pinto 65 (Vila Franca de Xira) e as  
vivências do quotidiano da Época Moderna no Vale do Tejo (Versão  
corrigida e melhorada após a sua defesa pública)**

**Isabel Maria Lopes Ribeiro da Cruz**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**Junho, 2018**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, .... de ..... de .....

*Para aqueles que sonham até acordados...*

## **Agradecimentos**

Chegando ao final desta etapa, gostaria de deixar alguns agradecimentos às pessoas que contribuíram para a realização desta dissertação e me apoiaram durante todo o seu processo.

Agradeço ao Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva pela sua disponibilidade para orientar esta dissertação, mas também por me ter auxiliado na sua construção.

Seguidamente, um enorme agradecimento aos arqueólogos João Pimenta e Henrique Mendes por me permitirem o acesso aos materiais contemplados neste trabalho, por me disponibilizarem o espaço para trabalhar e pelo apoio prestado ao longo deste processo.

Agradeço aos meus pais, ao meu irmão e ao meu avô por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não acredito, e por estarem sempre dispostos a ouvir as minhas inquietações e ideias.

A todas as minhas amigas e amigos que estiveram presentes durante a realização desta dissertação e me disponibilizaram o seu apoio e ajuda. Obrigada por tudo.

**A Faiança Portuguesa na Rua Serpa Pinto 65 (Vila Franca de Xira) e as vivências  
do quotidiano da Época Moderna no Vale do Tejo**

**Isabel Maria Lopes Ribeiro da Cruz**

**Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Terramoto de 1755, Vila Franca de Xira, Faiança Portuguesa, Arqueologia Urbana, Arqueologia Histórica

Esta dissertação pretende mostrar um pouco da Época Moderna na cidade de Vila Franca de Xira através do estudo do grupo de faiança portuguesa recolhido nos trabalhos arqueológicos na Rua Serpa Pinto, nº65 em Vila Franca de Xira. No local foi realizada uma sondagem pela empresa Crivarque, Lda no ano de 2002, na qual foram retirados vários tipos de materiais arqueológicos, depositados no Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX).

Com o estudo das faianças exumadas no local, tentar-se-á compreender quais as cronologias de formação, o contexto soció-económico, os hábitos de consumo, fontes de abastecimento e dinâmica local na Época Moderna.

**Abstract**

**KEYWORDS:** 1755 Earthquake, Vila Franca de Xira, Portuguese Faience, Urban Archaeology, Historical Archaeology

This work focuses in a small portion of Early Modern Age history of the town of Vila Franca de Xira through the study of the set of Portuguese Faience collected through archaeological excavations in Rua Serpa Pinto 65. The works on the site were conducted in 2002 by Crivarque, Lda, revealing several types of classes of artifacts, later deposited in CEAX, Vila Franca de Xira's centre for Archaeological Studies.

The study tried to enlighten strata unit formation diachronic chronologies, its social and economic backgrounds, consumption habits, supply sources and local dynamics at stage in Vila Franca de Xira during Early Modern Age.

## Índice

Introdução.....	8
Metodologias.....	10
Capítulo 1 – Intervenção Arqueológica	
1.1 – Metodologias e Estratégias.....	11
1.2 – Tratamento dos Materiais Arqueológicos.....	12
1.3 – Objectivos.....	13
1.4 – A Escavação Arqueológica.....	14
1.4.1 – Área 1.....	15
1.4.2 – Área 2.....	21
1.4.3 – Área 3.....	22
1.4.4 – Área 4.....	25
1.4.5 – Área 5.....	27
1.4.6 – Área 6.....	28
1.4.7 – Área 7.....	29
Capítulo 2 – História de Vila Franca de Xira e do Palacete	
2.1 – Vila Franca de Xira no século XVIII.....	32
2.2 – Breve história do palacete.....	35
Capítulo 3 – As Faianças Portuguesas	
3.1 – Características da Faiança Portuguesa, sua evolução crono-estilística e elementos bibliográficos	
3.1.1 – Características.....	36
3.1.2 – Elementos bibliográficos e evolução crono-estilística.....	37
3.2 – Evidências de Faiança Portuguesa em Vila Franca de Xira.....	42
3.3 – Características da amostra.....	46
3.4 – Formas.....	48

3.5 – Pastas.....	49
3.6 – Vidrados e Decorações.....	50
3.7 – Paralelos	
3.7.1 – Bacias.....	53
3.7.2 – Castiçais.....	54
3.7.3 – Covilhetes.....	55
3.7.4 – Escudelas.....	56
3.7.5 – Jarros.....	57
3.7.6 – Pratos Fundos.....	58
3.7.7 – Pratos Rasos.....	62
3.7.8 – Salseiras.....	68
3.7.9 – Tampas.....	69
3.7.10 – Tigelas.....	70
3.8 – Datação das Faianças Portuguesas da Rua Serpa Pinto Nº65.....	73
Conclusão.....	77
Bibliografia e Webgrafia.....	82
Anexos	
Anexos I - Catálogo das Faianças Portuguesas.....	88
Anexos II – Plantas e Mapas.....	164
Anexos III – Matriz de Harris.....	168
Anexos IV – Fotografias.....	175
Anexos V – Tabelas e Gráficos.....	187



## **Introdução**

Devido ao meu gosto pela Época Moderna e por residir em Vila Franca de Xira, considerei que seria interessante tratar um sítio desta localidade que se integrasse nesta cronologia na minha dissertação de Mestrado.

Assim sendo, depois de dialogar acerca desta possibilidade com o Professor Rodrigo Banha da Silva, falei com os arqueólogos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, João Pimenta e Henrique Mendes para que me sugerissem um sítio acerca do qual eu pudesse realizar uma dissertação. Foi-me então sugerido o arqueossítio da Rua Serpa Pinto nº65. Uma vez que os materiais arqueológicos consistiam num conjunto de grande dimensão, aconselharam-me que apenas tratasse as Faianças Portuguesas.

O espólio exumado do local já se encontrava lavado, marcado e inventariado e alguns fragmentos colados, assim como desenhados e fotografados. No entanto, realizei um inventário apenas contemplando as Faianças Portuguesas, verifiquei a existência de mais colagens, colando as que se evidenciassem. Seguidamente selecionei, desenhei e fotografei as peças que figurariam nesta dissertação.

A elevada fragmentação apresentada pelos materiais verificou-se um obstáculo, pois não permitiu muito sucesso na identificação de colagens e consequentemente nas morfologias e decorações dos objectos. Contudo, mesmo existindo esta dificuldade conseguiram-se reconhecer algumas colagens, formas e motivos decorativos presentes nas peças exumadas neste local.

Quanto aos paralelos para estas peças e fragmentos, foi possível identificar tanto paralelos morfológicos, como decorativos, os últimos em maior número.

Outro obstáculo existente concerne as informações acerca do sítio arqueológico e a cidade de Vila Franca de Xira no século XVIII, que aparecem de forma bastante escassa. No entanto, permitem-nos mesmo assim compreender um pouco o local e a cidade e formular algumas conclusões acerca destes.

Quanto ao tema da Faiança Portuguesa, a existência de uma vasta bibliografia que nos fala desde a sua evolução decorativa aos centros produtores, permitiu para além da identificação morfológica e decorativa de diversas peças deste conjunto a atribuição de vários paralelos para as peças analisadas nesta dissertação.

Esta dissertação pretende dar um contributo, não só para o estudo da Época Moderna na cidade de Vila Franca de Xira, mas também para o estudo da Faiança Portuguesa, para que gerações vindouras possam utilizá-la como referência.

## **Metodologias**

O espólio recolhido nos trabalhos arqueológicos da Rua Serpa Pinto Nº65 já se encontrava lavado, marcado, inventariado e algumas das suas peças desenhadas e fotografadas.

Para a execução desta dissertação seleccionou-se o conjunto de Faiança Portuguesa, acerca do qual se realizou inicialmente a verificação da presença de colagens, e seguidamente os desenhos, as fotografias e o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos. Os fragmentos e peças foram analisados com base nas suas pastas, morfologias, vidrados e decorações ou a não presença destas e depois realizada a sua inventariação.

Os desenhos das peças e fragmentos foram executados primeiramente de forma manual, sendo depois tintados com a utilização do computador com o software CorelDraw.

Foi possível estabelecer paralelos decorativos e morfológicos com outros locais arqueológicos para algumas peças e fragmentos.

No que respeita a pesquisa bibliográfica, esta foi realizada em diversos sítios, destacando-se a Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, a Biblioteca da faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na Biblioteca de Arqueologia da Direcção Geral do Património Cultural e em repositórios de várias universidades.

## **Capítulo 1: A Intervenção Arqueológica**

### **1.1: Metodologias e Estratégias**

Os trabalhos arqueológicos do sítio da Rua Serpa Pinto N°65 concentraram-se inicialmente no acompanhamento da picagem das paredes, seguindo-se a demolição das paredes interiores do edifício. O acompanhamento terá ainda ocorrido durante e depois de se ter realizado a intervenção arqueológica. Quanto à escavação, primeiramente foi aberto um espaço com 28 m<sup>2</sup> de dimensão, que mais tarde foram aumentados para 54 m<sup>2</sup>, divididos em quadrículas de 1x2 metros. As sondagens foram abertas em diferentes zonas do terreno, centralizando-se no espaço da antiga capela, a norte dos pés-direitos, no pátio, no espaço do elevador e próximo do quadrado P1a. (PINTO, 2005, p. 14, 15, 16 e 18)

O registo estratigráfico foi realizado através da matriz de Harris e para além do registo escrito existem ainda os registos fotográfico e gráfico desta intervenção. Os registos relacionados com esta intervenção estendem-se ainda à rede nacional geodésica e topograficamente, onde foram inseridos os dados das áreas e momentos arqueológicos destacáveis desta intervenção. Quanto ao espólio recolhido durante os trabalhos arqueológicos, encontrava-se separado por unidade estratigráfica, e terá sido depois tratado e inventariado. (PINTO, 2005, p. 17 e 18)

## **1.2: Tratamento dos Materiais Arqueológicos**

De acordo com a autora do relatório dos trabalhos arqueológicos Adelaide Pinto, o trabalho de laboratório foi repartido em cinco partes: a primeira, em que se lavou e tratou o espólio, a segunda para a realização do inventário, a terceira para os trabalhos gráficos, a quarta para desenhar e fotografar o material arqueológico e a quinta para realização da parte escrita do relatório. (PINTO, 2005, p. 77)

Primeiramente, realizou-se a limpeza das cerâmicas, por um período de dois meses. Quanto à limpeza da fauna, esta foi executada durante quinze dias. Seguidamente iniciaram a parte para marcar e inventariar os materiais arqueológicos. Todos os fragmentos de cerâmica perceptíveis como bordos, fundos e asas foram marcados individualmente e as paredes foram contadas e agrupadas. Também os metais foram agrupados e contados, sendo pesados quando não eram passíveis de identificar. As moedas exumadas foram preservadas individualmente. Este trabalho terá ocorrido durante um período de dois meses, enquanto o inventário da fauna foi executado durante quinze dias. (PINTO, 2005, p. 78)

Numa última fase foi realizado o tratamento gráfico do desenho de campo durante cerca de dois meses e as estampas trabalhadas digitalmente. As plantas dos espaços intervencionados e estruturas registadas foram desenhadas em Autocad. Alguns materiais foram selecionados para desenhar e fotografar, por forma a mostrar a diversidade de formas e tipos existentes neste arqueossítio. (PINTO, 2005, p. 79)

### **1.3: Objectivos**

A intervenção arqueológica foi realizada na Rua Serpa Pinto nº65 em Vila Franca de Xira pela empresa Crivarque, Lda com o objectivo de se adaptar os edifício do Departamento de Acção Sócio-Cultural (DASC) a Museu Municipal. Os trabalhos arqueológicos incluem-se na categoria C e foram separados em três fases distintas: monitorização da picagem de paredes, definição de sondagens e o acompanhamento arqueológico. (PINTO, 2005, p. 5)

Os seus principais objectivos foram: compreender se a estrutura do palacete teria sofrido alterações e quais estas seriam, reduzir qualquer impacto negativo que pudesse comprometer as evidências arqueológicas conhecidas ou desconhecidas, salvaguardar evidências de necrópole ou sepulturas solitárias, preservar a informação pelo registo tanto de estruturas como depósitos que tenham de ser eliminados e compreender os vestígios crono-culturalmente. (PINTO, 2005, p. 5)

Quanto ao acompanhamento de obra, este foi realizado durante as terraplanagens, e nos trabalhos nas sapatas e no subsolo, tendo como principais objectivos a diminuição de impactos negativos nos níveis arqueológicos desconhecidos e compreender os registos efectuados durante a escavação. (PINTO, 2005, p. 67)

#### **1.4: A Escavação Arqueológica**

Devido à não-existência de registos prévios, houve uma maior preocupação com as realidades arqueológicas que poderiam aparecer, existindo ainda a possibilidade de serem identificados vestígios antropológicos. O dono de obra determinou que se deviam abrir 28 m<sup>2</sup> no espaço onde se encontrava a Ermida, no espaço onde se iria enquadrar o elevador e no pátio. Depois das primeiras sondagens, percebeu-se a necessidade de alargar a área para poder caracterizar melhor a descobertas efectuadas e assim ficaram com um total de 54 m<sup>2</sup>. (PINTO, 2005, p. 25)

A intervenção arqueológica começou com a área 1, que devido à sua extensão e estratigrafia, se manteve com os trabalhos nas outras áreas. Foi dada prioridade às zona do elevador e das traseiras do palacete setecentista. Seguidamente abriram as áreas 2, 3, 6 e parte da área 7, passando à área 4, a limpeza de superfície da área 5, sempre continuando os trabalhos na área 1 e 7. (PINTO, 2005, p. 27)

Do palacete setecentista apenas permaneceram a fachada e as paredes-mestras laterais, sendo assim quase integralmente demolido. Depois da demolição do interior e da remoção de entulhos e limpeza, perceberam a existência de um pavimento de calcário que tapava quase toda a área interna (parte da área 3, área 5 e área 7 (quadrados a, b, c, d, 5, 6, 7 (sul), excepto as áreas 1 e 2. (PINTO, 2005, p. 27 e 28)

### 1.4.1: Área 1

Esta área situava-se no espaço onde possivelmente se encontrava a Ermida de Nossa Senhora do Monte Carmo, mas não se registaram evidências da sua presença. O espaço estava delimitado pelas paredes em alvenaria a Sul, Este, Oeste e também pela estrutura onde se encontravam os pés direitos. A área tinha um total de 32 m<sup>2</sup>, mas apenas foram escavados 17 m<sup>2</sup>. (PINTO, 2005, p. 29)

A intervenção não foi realizada em área, mas em quadrados que depois se uniram, concentrando-se maioritariamente em A, B, C e D1, 2, 3 e 4. A U.E. 11 foi a primeira a ser identificada, consistindo numa camada de entulhamento possivelmente utilizada para nivelar o pavimento e continha espólio transversal a diferentes épocas. Ao contrário de outras áreas, o pavimento de calcário não foi aqui registado, podendo eventualmente ter sido removido quando se realizou alguma modificação ou não ter existido mesmo. Uma vez que este seria o local da Ermida, esta poderia ter soalho em madeira, o que explicaria a não-existência do pavimento nesta área. (PINTO, 2005, p. 29 e 30)

Nesta área também se registaram dois depósitos de derrubes de estruturas, as unidades 13 e 23. A unidade 13 era um derrube da U.E. 14, uma parede de pedra calcária grande, orientada de Este para Oeste com 80 cm de largura e o reboco de estuque branco, que estaria ainda ligada a uma outra estrutura, a U.E. 24, também em pedra e material de construção pequeno, que assentava numa tijoleira e estariam ambas perturbadas pela U.E. 93, que tal como a U.E. 92 seriam valas paralelas às paredes desta construção, limitavam a área e possivelmente relacionavam-se com alterações construtivas. Estes interfaces eram completados pelas U.E. 12, 16, 91 e 34. Quantos às U.E. 17 e 94 esta encontravam-se a separar a tijoleira e apresentavam no seu interior um sedimento arenoso misturado com argamassa (U.E. 22). Foi ainda identificado um nicho rectangular com reboco interior nas estruturas U.E. 14 e 24, sendo possivelmente para colocar outra estrutura. Este espaço incluiria completamente a área 1 e apenas a zona Sul da área 7, registando-se vestígios de estruturas cuja função é desconhecida. (PINTO, 2005, p. 30, 31 e 32)

Existia uma ligação entre as U.E. 12 e 92, abaixo das quais de encontravam as U.E. 19, 25 e 29, com características atribuíveis ao preenchimentos de valas e situadas nos quadrados A, 1, 2 e 3. Na base da U.E. 92 aparece também a U.E. 26=44 (em A1),



que se estende até às U.E. 32=73 (em A3). (PINTO, 2005, p. 31)

A U.E. 93 foi ainda identificada sob as U.E. 16 e 17 próxima do interface U.E. 94, associando-se à destruição da tijoleira. Abaixo desta registou-se a U.E. 21 tapando as U.E. 27, 30 e 35 que formavam a apoio da vala. Estas unidades cobriam a tijoleira (U.E. 15=20), ocupando uma área de cerca de 17 m<sup>2</sup> e que com o acompanhamento se percepcionou que cobriria a restante área. Perto das estruturas limitadoras da área e que atravessavam os pés-direitos (U.E. 18), o piso estava danificado, assim como perto da U.E. 14. (PINTO, 2005, p. 31)

Identificaram-se três ambientes diferentes sob o pavimento: a Norte nos quadrados B, C e D4, a Sul nos quadrados A, B, C e D3 e a Este no quadrado A1. A U.E. 14 terá sido a causa desta separação, tendo sido reutilizada quando o solo foi coberto de tijoleira. Foi ainda possível percepcionar a existência de uma “sapata de assentamento”, a U.E. 14a perto do alçado a Norte. Também próxima da U.E. 14, foi identificada a U.E. 27, que apresentava morfologia circular e onde se recolheram diversos materiais. Esta unidade poderia corresponder à U.E. 41, um depósito onde se identificaram elementos cerâmicos e carvões, algo que não foi possível certificar. (PINTO, 2005, p. 32 e 33)

As U.E. 35, 37 e 48, com características de entulhos, registavam grande afluência de espólio arqueológico, materiais de construção cerâmicos, argamassa e pedras de pequena dimensão. Apenas as U.E. 35 e 48 se encontravam encostadas às U.E. 14 e 34, enquanto a U.E. 37 encostava às U.E. 14 e 36. A U.E. 36 era uma estrutura de pedra calcária média, inclinada a 30° em relação à U.E. 34 e estando eventualmente ligada à U.E. 14. Na área 7, a U.E. 36 foi registada como U.E. 16, mantendo a orientação para Norte. (PINTO, 2005, p. 33 e 34)

Nesta área foi ainda identificado um pavimento muito danificado, a U.E. 45 e uma película de cal, a U.E. 45a, registada no quadrado B4. Esta película de cal corresponderia à zona de base do reboco estucado a branco patente nas U.E. 14 e 36 e coincidiria ainda com a U.E. 28 da área 7, comprovado pela composição de sedimentos e análise das cotas. (PINTO, 2005, p. 34)

Seguidamente foi identificada a U.E. 49 estava relacionada com a U.E. 51, um

derrube com grande afluência de material de construção, ficando encostada à U.E. 36. Sob desta unidade identificaram-se as U.E. 53 e 55, onde se evidenciou a presença de substâncias orgânicas, carvões e cerâmicas relacionadas com uma cozinha. Estas duas unidades encontravam-se separadas pela U.E. 59, uma possível estrutura em pedras calcárias paralela à U.E. 36 e associada à U.E. 41 da área 7. A U.E. 59 permaneceria a dividir a área. Também neste espaço foi identificada a U.E. 57, que consistia num elevado número de concha moída e se situava sobre a U.E. 59, encostando às U.E. 36 e 58, esta última uma mancha de argamassa próxima da U.E. 14. (PINTO, 2005, p. 34 e 35)

Na U.E. 62 registou-se grande afluência de espólio, com destaque para a cerâmica comum e a fauna malacológica. Esta unidade estender-se-ia por toda a área, denominada de U.E. 82 no quadrado B4 e também ficaria encostada nas U.E. 14 e 36. Quanto à U.E. 63 seria semelhante à U.E. 62, diferenciando-se pela menor quantidade de espólio. (PINTO, 2005, p. 36)

Depois da remoção da tijoleira, iniciaram a intervenção nos quadrados C3 e D3, zona delimitada por um alicerce de pedra calcária a Oeste, a U.E. 34, e por uma parede em alvenaria a Este, a U.E. 91. (PINTO, 2005, p. 36 e 37)

A U.E. 30, um depósito de entulho sob o nível onde assentava a tijoleira, serviria para nivelar a superfície. Correspondia à U.E. 39 no quadrado A3 e às U.E. 67, 68 e 69 no quadrado C3, tendo sido possível percepcionar uma “bioturbação animal”, a U.E. 72, na superfície deste último quadrado. Esta unidade estaria apoiada nas U.E. 14 e 34 e terá sido cortada pela U.E. 92 na zona Este. Sob esta verificou-se a existência de uma película de cal, a U.E. 66, que assentava no depósito U.E. 31 (também denominado U.E. 70 e 71) e que apresentava espólio arqueológico e carvões. Quanto à U.E. 32, correspondente à U.E. 73 no quadrado A3, registou-se a presença de materiais de construção utilizados para entulhamento e nivelamento. (PINTO, 2005, p. 37)

O pavimento cobriria toda a área, tapando inclusivamente a U.E. 33, um nível de ocupação onde se registou muito espólio arqueológico, tanto fauna como cerâmica (principalmente de cozinha). Semelhante a esta unidade, registou-se a U.E. 38=80, diferenciando-se apenas na afluência de substâncias orgânicas e espólio arqueológico. Evidenciou-se a importância da fauna e cerâmica comum, com a presença de peças

inteiras, levando a que espaço fosse considerado parte de cozinha. (PINTO, 2005, p. 38)

A U.E. 52 continha características semelhantes à U.E. 38, destacando-se a grande afluência de espólio arqueológico, contudo foi considerada um novo momento arqueológico devido ao aparecimento de água. Também a U.E. 54 tinha características similares à U.E. 52, incluindo-se dentro desta uma outra unidade com morfologia semi-circular, formada por cinzas e carvões, constituindo um possível espaço de fogo ou de elementos provenientes de limpar um espaço de fogo. O pavimento de tijoleira (U.E. 15=20) presente no quadrado A1 também estaria cortada aqui pela U.E. 92. (PINTO, 2005, p. 39)

Sob a base onde assentaria este pavimento foi possível identificar uma unidade relacionada com a U.E. 30. Por baixo desta registou-se a U.E. 42, composta por argamassa e ainda cal e material de construção que assentava na U.E. 43, uma camada com material de construção moído, podendo estas unidades servir para nivelar o terreno para colocar o pavimento. (PINTO, 2005, p. 40)

Sob este níveis regista-se o depósito U.E. 44 onde se identificou escasso espólio, correspondente à U.E. 26, o que leva a concluir que a U.E. 92 terá perturbado as camadas até aqui. Encontrava-se preenchido por um outro depósito, a U.E. 95, que continha espólio arqueológico transversal a diversas cronologias. (PINTO, 2005, p. 40)

Quanto à U.E. 46, seria um depósito com pedra calcária, cal e material de construção, tendo ainda uma morfologia de bolsa (U.E. 46a), que pode ser possivelmente associado à U.E. 47. Esta unidade estaria sob o alicerce actual, a U.E. 91, este construído em pedra calcária de dimensão grande e aparelho indefinido, orientada a 30° da parede actual, considerando-se que esta estrutura podia estar ligada à pré-existência. (PINTO, 2005, p. 40 e 41)

Por baixo das U.E. 46 e 47 aparece um outro depósito (U.E. 50), possivelmente de entulhamento, em que o espólio exumado mostra que seria de uma época mais recuada, entre o século XVI e XVII. Abaixo desta unidade registou-se a U.E. 60, coberta pela U.E. 61. Consistia num grupo de blocos calcários pequenos, coberta de sedimento argiloso, onde o espólio arqueológico vai decrescendo conforme a cota desce. Foi a última unidade

a ser escavada, sendo que a água se torna mais frequente a partir daqui. (PINTO, 2005, p. 41)

A parte Norte da área 1 seria comum à área 7, inclusivamente contendo unidades possíveis de serem relacionadas. Através da intervenção registaram-se diversas camadas de ocupação, como uma tijoleira, pertenceria ao século XVII, princípio do XVIII, mesmo não existindo muitas evidências para confirmar esta hipótese. Sob este pavimento apareceram diversas camadas de entulhamento e nivelamento, onde exumaram espólio variado, contudo não foi possível compreender a existência de um contexto plausível. A U.E. 36 (estrutura) mostra uma pré-existência de construção neste espaço e tal como os dois pavimentos (U.E. 45 e 46) e a estrutura (U.E. 59), permitiram o reconhecimento das várias ocupações aqui presentes. Embora apenas tenha sido intervencionada uma pequena área, conseguiu-se perceber que desde a U.E. 45, o espólio datante incluir-se-ia nas camadas superiores entre o final do século XVI e princípio do século XVII e nas camadas inferiores entre o século XV e XVI. (PINTO, 2005, p. 41 e 42)

A construção actual terá tido as suas paredes erguidas sobre a pré-existência, tendo-a utilizado para servir de base. Como não se registaram evidências da destruição da pré-existência, possivelmente essa mesma construção terá sido demolida, nivelando-se o espaço e colocando os entulhos noutras zonas. (PINTO, 2005, p. 37)

Desde a U.E. 33 identificam-se elementos que podem ser relacionados com os séculos XV e o XVI, como fragmentos de cerâmica vidrada a branco, cerâmica esmaltada, corda seca e cerâmica vidrada a azul, possivelmente de Sevilha. (PINTO, 2005, p. 39)

No espaço a Sul da U.E. 14 existiria uma zona diferente daquela limitada pela parte Norte da área 7 com as U.E. 14, 34 e 34a. Não se conseguiu registá-lo no espaço intervencionado, naquilo que concerne a delimitação a Sul e Este, mas a Este a pré-existência passaria a delimitação recente. Tal como na área 7, esta zona sob a tijoleira relacionar-se-ia com uma cozinha ou espaço para cozinhar. Não foi possível encontrar ligação entre as duas áreas, mas pode ter existido numa localização mais a Este. (PINTO, 2005, p. 42)

O piso de cal ou zonas de desinfectação não teria uma preservação muito acentuada

neste espaço, apenas se conseguindo identificar algumas manchas pouco homogêneas. Contudo mostram a presença de camadas de ocupação, onde o espólio exumado ajuda a compreender qual as suas funções. A cozinha ter-se-á mantido entre o século XV e princípio do XVII. (PINTO, 2005, p. 42)

### **1.4.2: Área 2**

Esta área concentrava-se numa zona de pátio tapada por ensoleiramento de cimento. Abriram uma sondagem de 2 m<sup>2</sup> na parte sul, para que fosse possível incluir os quadrados O e P12. Foram identificadas três U.E. A unidade 1, que foi dividida em 1a e 1b, seria o sedimento superficial, localizando-se sob o ensoleiramento antigo, verificando-se a existência de carvão, elementos faunísticos e espólio cerâmico. A unidade 1a caracterizava-se por ser um sedimento similar ao da unidade 1 e a unidade 1b seria a divisão do depósito em níveis artificiais. (PINTO, 2005, p. 43 e 44)

A unidade 1 encontrava-se a envolver a unidade 2, uma estrutura pétrea localizada mais a norte. Esta estrutura de pedra calcária média, estava direccionada de Este para Oeste e podia relacionar-se com modificações sofridas no espaço. No entanto, não foi possível compreender totalmente esta unidade, pois não se determinaram totalmente quais são os seus limites. (PINTO, 2005, p. 43 e 44)

A unidade 3 foi a última unidade onde se realizaram trabalhos nesta área. Não ofereceu muita riqueza a nível do espólio e a partir desta unidade dá-se o aparecimento de água. Os depósitos seriam coerentes com uma lixeira doméstica transversal a várias ocupações do edifício. (PINTO, 2005, p. 44)

### 1.4.3: Área 3

Esta área situava-se na ala esquerda, perto da parede de alvenaria Norte e no meio das paredes de alvenaria Este e Oeste. No total terão intervencionado em 22 m<sup>2</sup>, sendo que em 7 m<sup>2</sup> apenas se realizou uma limpeza de superfície. Tal como nas outras áreas, dividiu-se a escavação em quadrados, especificamente os quadrados M, N, O, P e Q8, 9 e 10. Seguidamente ao retirar dos entulhos, foi possível identificar um depósito de superfície (U.E. 1), que terá sofrido alterações anteriores ou mais recentes e que se modifica de acordo com a localização, obtendo a designação de UE 15 e 19. (PINTO, 2005, p. 45)

Foi identificada uma calçada de pedra (U.E. 2) que ocupava uma zona considerável da área, limitada por estrutura de pedra (U.E. 4=16) e delimitada por paredes de alvenaria pertencentes ao palacete do século XVIII no Norte e Este. Através da intervenção não se compreendeu se as estruturas (U.E. 5 e 18) aqui presentes cortariam a calçada, sendo uma das possibilidades consideradas. (PINTO, 2005, p. 45 e 46)

A unidade 2 estaria ligada a um antigo cano de esgoto (U.E. 24/33) e que dividiria essa unidade, tal como a unidade 16. Também o interface U.E. 30 cortaria a calçada, teria forma rectangular e estaria junto à unidade 16. Não conseguiram perceber qual era a sua funcionalidade, mas terá sido construído posteriormente às estruturas 16 e 25, pois apareceram duas unidades de derrube (U.E. 3 e 27) que podem ser associadas. (PINTO, 2005, p. 46)

A unidade 25 seria uma estrutura de pedra, com orientação Norte para Sul, que estava localizada logo sobre a calçada. A U.E. 16 seria estrutura pétreo calcária de diferentes tamanhos e dividiria as zonas. A Oeste estava ao lado do alicerce 34, mas pode ter sido cortada. Não foi possível associar a estrutura e a calçada cronologicamente. (PINTO, 2005, p. 46 e 47)

Foi registada a unidade 21, que seria um muro ou ensoleiramento, paralelo à unidade 16 e que conectava a esta através da unidade 20, uma estrutura de dimensões reduzidas e forma quadrada. As duas estruturas também pétreas em associação à unidade 25 podiam estar relacionadas com modificações na construção. Como não foi possível

aumentar a área intervencionada, apenas intervencionaram em profundidade entre a unidade 16 e 21. Os sedimentos identificados seriam similares com os que se encontravam sob a calçada a Norte e por isso foram usadas designações diferentes. (PINTO, 2005, p. 47)

Neste espaço foram intervencionadas as unidades 17, 23, 26, 28=29, 31 e 32 e todas seriam depósitos. Não foi possível chegar -se a uma conclusão sobre este espaço, devido à reduzida informação dos materiais exumados e à pequena dimensão da zona escavada. A Norte da unidade 16 foram escavados os quadrados O, P, Q8 e 9, sob a calçada que estaria rodeada por um sedimento com algum espólio e cerâmica de construção, sendo que este depósito é também identificado no interface 30, zona onde foi retirada a calçada. A unidade fica sobre outra calçada (U.E. 7) e seria construída em pedra de tamanho médio. (PINTO, 2005, p. 47)

Esta unidade só foi identificada em três quadrículas e não se percebe se aquela seria a sua localização efectiva ou apenas uma afectação, podendo ainda ser apenas uma forma de consolidar o terreno para se colocar a calçada (U.E. 2). (PINTO, 2005, p. 48)

Foi também registada outra estrutura (unidade 22), de morfologia circular similar a buraco de poste, cuja função se desconhece e estaria coberta por um depósito (U.E. 6). A unidade 7 também ficaria sobre outro depósito com pouco espólio. Encostava na unidade 10, que separa as unidades 7 e 8 nos quadrados P e Q9 e onde apareceram fragmentos de ferro e escória. (PINTO, 2005, p. 48)

A unidade 8 encontrava-se sob a U.E. 7 e sobre os depósitos 9 e 11. A unidade assenta na unidade 13, que por sua vez assenta na unidade 14, todas associando à U.E. 7, situada em depressão identificada na unidade 9. A unidade 13 estaria misturada com a unidade 11 e seguinte e continha cerâmica de construção. A unidade 14 é semelhante à unidade 9, mas tem maior quantidade de pedra de reduzidas dimensões. (PINTO, 2005, p. 48)

As unidades 8 e 14 estariam sobre outro depósito (U.E. 9) que teria blocos calcários de pequena dimensão e algum espólio arqueológico. Esta unidade encontrava-se em toda a área escavada, ficava sobre a unidade 12 e encostava à unidade 16. A unidade



12 terá sido a última a ser intervencionada, onde se deu o aparecimento de água e não foi identificado muito espólio. (PINTO, 2005, p. 48 e 49)

A área 3 deveria ser um espaço exterior, possivelmente um pátio com uma calçada de pedra com ou sem dois níveis diferentes. Terá sofrido alterações com a construção de estruturas do palacete do século XVIII, mas podia ou não estar a ser utilizada neste período. A calçada não pode ser conectada com as ocupações registadas nas áreas 1 e 7, mas devido ao espólio sob esta pertencer ao século XV e XVI, leva a crer que pertenceria à edificação com interior de tijoleira. A unidade 16 conectada a esta calçada, não aparece nas outras áreas, o que coloca a possibilidade de estarem as duas em associação. (PINTO, 2005, p. 49)

#### 1.4.4: Área 4

Esta área estava situada perto de uma entrada lateral localizada no lado esquerdo, adjacente ao pilar P1A. Ocuparia 2 m<sup>2</sup>, estabelecidos nas quadrículas P e Q3. Sob o pavimento recente apareceu um lajeado calcário, parcialmente destruído (unidade 1), encostado a um sedimento (U.E. 18). Este lajeado assentava numa argamassa constituída por saibro e cal com entre 3 a 5 cm, a unidade 2. Poderia corresponder a uma área exterior, como entrada lateral. (PINTO, 2005, p. 50)

A unidade 3 (sedimento) localizada sob as unidades 2 e 18, seria possivelmente um conjunto de entulhos posteriores ao palacete setecentista. Esta unidade estava sobre um outro nível de entulhamento (unidade 4) onde se identificou muito material de construção, que por sua vez está sobre outro nível de entulhamento (unidade 5), assentando nas unidades 6, 7 e 8. A unidade 6 estava constituída por material de construção e carvão. A unidade 9 que se localizava sob as unidades 7 e 8 continha algum espólio arqueológico. As unidades 6, 7 e 9 foram consideradas um conjunto de entulho (unidade 8) que tapavam um nível de pavimento de cal ou desinfecção, mas não foi possível retirar conclusões. (PINTO, 2005, p. 50 e 51)

As unidades 10 e 11, que foram classificados como dois níveis de entulhos com pouca presença de espólio, sobrepõe-se a um depósito (U.E. 12), que tapava a área escavada e tinha alguns materiais arqueológicos. Neste depósito identificou-se uma provável estrutura parcialmente destruída (U.E. 13), constituída por pedra de tamanho médio e materiais de construção. Também foi possível registar uma película de cal (U.E. 14) que podia ou não ter relação com o pavimento ou nível de desinfecção. (PINTO, 2005, p. 51)

A unidade 12 situada sobre um depósito (U.E. 15) onde não apareceu espólio arqueológico. O depósito encontrar-se-ia ainda sobre u outro depósito (U.E. 16), que tal como a U.E. 15 ocupava toda a área escavada, e onde não se registou espólio, mas uma possível “bioturbação vegetal”. Nesta fase concentraram-se apenas no quadrado P3, onde apareceu a última U.E. (17). (PINTO, 2005, p. 51)

Não foi possível compreender qual a função desta área, mas poderia ser uma zona

externa aos espaços internos como nas área 1, 5 e 7. Os pavimentos de cal e vestígios da estrutura 13 poderiam ser níveis de entulhamento. Os níveis mais inferiores poderiam ser depósitos do século XVII e mais antigos. (PINTO, 2005, p. 52)

#### **1.4.5: Área 5**

Esta área seria o centro do edifício, onde os trabalhos se concentraram numa limpeza de superfície e registo. Mais tarde foi realizado o acompanhamento arqueológico. A escavação centrou-se na zona sul dos quadrados E, F, G, H, I e J3, ligando as U.E. 3 (Oeste) e 8 (Este). Este espaço estava completamente tapada por lajeado calcário, que depois de removido mostrou um nível de entulhamento (unidade 1), onde se identificou espólio de várias cronologias. A unidade 1 encontrava-se sob um pavimento de tijoleira (UE 2), similar ao identificado nas áreas 1 e 7. O pavimento estava cortado perto das unidades 7 e 8, podendo assim perceber-se que seria mais antigo que as paredes ou a renovação. (PINTO, 2005, p. 53)

Perto da U.E. 3, apareceu a unidade 5 que tinha a U.E. 4 como enchimento. Os interfaces relacionar-se-iam com a eliminação do pavimento, levando à sua inexistência perto dos alicerces. Aquando dos trabalhos de acompanhamento foi possível perceber que o pavimento fica junto a estrutura a Norte e que ligava com a estrutura (U.E. 21) da área 7. Assim sendo esta área incluiria uma zona delimitada a norte e que se distingue da zona delimitada pelo palacete do século XVIII. As conclusões são escassas, uma vez que o local não foi intervencionado em profundidade e não se registaram estruturas ou realidades arqueológicas no acompanhamento. (PINTO, 2005, p. 54)

#### **1.4.6: Área 6**

Esta área era uma pequena sondagem, aberta devido ao aparecimento de uma enorme quantidade de espólio relevante para contextualizar o local, localizava-se perto de uma parede que limitava o espaço do pátio a Oeste. Encontrava-se situada nos quadrados P15 e 16, limitada a Oeste pela parede do palacete e por isso tem morfologia triangular. (PINTO, 2005, p. 55)

O ensoleiramento de cimento que tapava a zona do pátio foi eliminado, mostrando sob este um sedimento superficial com grande afluência de espólio. Este depósito (U.E. 1), encostava a uma parede de alvenaria (unidade 3), que pode estar relacionada com modificações da edificação, que já fora registada e sobrepunha-se a um outro depósito similar. Nas duas camadas dá-se a grande afluência de materiais arqueológicos, principalmente cerâmica. (PINTO, 2005, p. 55)

Através de um estudo inicial dos materiais arqueológicos e do depósito intervencionado neste espaço, mostrava que seria um espaço de despejo de detritos com cronologia entre o final da Idade Média e início da Época Moderna, dando-se o aparecimento de faiança que pode ser atribuída aos séculos XVII e XVIII. Esta área e a zona norte da área 7 seriam lixeiras e entulhos do palacete setecentista. (PINTO, 2005, p. 56)

#### 1.4.7: Área 7

Esta área encontrava-se situada a Norte dos pés direitos, incluindo dois espaços diferentes a nível do tipo de ocupação. Encostada aos pés direitos, localizava-se uma área de 10 m<sup>2</sup>, que seria a parte interior de uma construção prévia e partilhava uma ligação com a parte Norte da área 1. A outra parte da área estava separada em 4 m<sup>2</sup> e 2 m<sup>2</sup>, de uma zona exterior à construção pré-existente e de relação entre as duas áreas referidas, respectivamente. No total foram escavados 16 m<sup>2</sup> em zona direita a norte da edificação. (PINTO, 2005, p. 57)

Nos quadrados A, AA8 e 9 foi aberta uma sondagem de 4x4, onde se registaram oito U.E., entre elas uma estrutura. Sob o piso recente encontrava-se um lajeado de calcário. As U.E 1, 2, 3 e 4, depósitos com características muito heterogéneos, registavam espólio transversal a diferentes cronologias e evidências de remeximento. (PINTO, 2005, p. 57 e 58)

Na U.E. 5 registou-se espólio que patenteava uma cronologia mais coerente, destacando-se faianças dos séculos XVII/XVIII. Este tipo de material vai começando a decrescer, encontrando-se em pequenos números na U.E. 7, que foi apenas escavada no quadrado AA 9s. (PINTO, 2005, p. 58)

A U.E. 13 seria uma estrutura de alvenaria, com cerca de 40 cm de largura e estaria ligada à parede de alvenaria Este que limita a construção. Não se encontrou vala de fundação, por isso considera-se que terá sido erigido posteriormente ao depósito. Abaixo do pavimento de calcário, U.E. 45, que se encontrava sob o piso que tapava os pés direitos, registou-se um depósito (U.E. 8) aparentando características de entulhamento para colocar o piso. (PINTO, 2005, p. 58 e 59)

Depois de ser ter retirado o depósito superficial foi possível registar duas estruturas de pedra de pequena dimensão, as U.E. 9 e 11. A U.E. 12, o pavimento de tijoleira terá coexistido coma U.E. 9. Quanto à U.E. 11, esta estaria relacionada com a U.E. 21, uma outra construção de pedra cuja funcionalidade é desconhecida e fecharia a zona Norte deste espaço. (PINTO, 2005, p. 59)

A U.E. 10 cobre a tijoleira e uma estrutura de pedras grandes (U.E. 16). Esta estrutura orientada a 30° do alicerce actual (U.E. 14), mostrava vestígios de destruição a partir do piso, demonstrando a eliminação de construções pré-existentes para erigir o palacete setecentista. A U.E. 15 taparia a estrutura U.E. 12 e 20. Os materiais arqueológicos aqui registados apontavam para cronologias seguintes ao século XVII. Sob estas camadas encontrava-se um piso de tijoleira que tapava toda a área e que corresponderia a uma tijoleira encontrada na área 1. (PINTO, 2005, p. 59 e 60)

A U.E. 21 correspondia a uma estrutura calcária de pedras de grande dimensão e relacionar-se-ia com a U.E. 16. Estas duas estruturas constituiriam um espaço que ultrapassaria a delimitação da edificação recente e acerca do qual se desconhecem as funções do lado Este. Sobre este espaço registou-se uma tijoleira onde se identificaram as estruturas U.E. 9 e 11 e a reutilização das U.E. 14 e 24 da área 1. (PINTO, 2005, p. 60)

Sob o piso de tijoleira registaram-se as U.E. 22 e 24, uma camada usada para nivelar o terreno e um pavimento respectivamente. Abaixo dos depósitos U.E. 25 e 27, foi possível perceber a existência de um outro pavimento (U.E. 28), que se caracteriza por ser apenas uma camada de cal, eventualmente colocada para higienizar e que se relacionaria com a U.E. 45 da área 1. Esta unidade estaria balizada entre o final do século XVI e princípio do século XVII, através do estudo dos materiais arqueológicos. (PINTO, 2005, p. 61)

Abaixo destes níveis identificaram-se as U.E. 36 e 39, que se caracterizavam pela grande afluência de espólio arqueológico e entre estas encontrava-se a U.E. 38, uma estrutura que terá sido desmontada, próxima da U.E. 16. Nas U.E. 39 e 39a identificou-se uma enorme quantidade de materiais ligados com uma cozinha. O espólio datante aponta para que estas camadas se localizem cronologicamente entre os séculos XVI e XVII, podendo até recuar ao século XV na U.E. 39. (PINTO, 2005, p. 61 e 62)

Sob a U.E. 39a existia um piso de argamassa (U.E. 40), próximo de uma estrutura de pedra calcária (U.E. 41), separadas por um depósito (U.E. 42). Os dois espaços apresentariam diferentes funções, possivelmente com relação a um espaço para fogo. Através dos materiais arqueológicos recolhidos no depósito, este foi datado como pertencente ao século XV ou início do XVI. Na U.E. 43 foi possível registar um conjunto

de pedra calcária grande, provenientes de um desmoronamento ou restos de palacete onde não se identificou muito espólio. (PINTO, 2005, p. 62)

Entre as U.E. 17, uma estrutura pétreia grande na base de um alicerce e U.E. 21, encontrava-se a U.E. 31, com pouca afluência de espólio, sobrepondo-se a um película de cal (U.E. 32). Não foi possível compreender se seria um pavimento ou zona para despejo de lixo, mas aparentava ser uma área exterior. Também a U.E. 35 se encontrava coberta pela U.E. 32 e corresponderia a uma zona para despejo de lixo doméstica, possivelmente um espaço de confecção alimentar, que revelou uma enorme presença de cerâmica comum e fauna malacológica. A esta unidade relacionava-se uma estrutura (U.E. 37) de funções desconhecidas. A Norte desta unidades encontrava-se a U.E. 17, uma estrutura de grandes pedras relacionada com a U.E. 18, que cobriria uma outra estrutura e de função não determinada, mas erigida depois do século XVII. (PINTO, 2005, p. 63 e 64)

As camadas superficiais teriam sido utilizadas como entulhamentos mais actuais para colocar a tijoleira, sobrepondo-se noutros depósitos que seriam eventualmente um espaço para despejo de lixo dos séculos XVII e XVIII, criado antes ou depois da edificação do palacete setecentista. (PINTO, 2005, p. 65)

Neste espaço foi ainda identificado um lajeado de calcário, que terá sido utilizado em conjunto com as paredes recentes, atribuindo-se ao palacete setecentista. Através da intervenção neste sítio revelou a existência de outra construção, à qual se relacionava uma tijoleira de função indeterminada. No entanto foi possível perceber pelo espólio encontrado em camadas de entulhamento para nivelar o piso, que este pertenceria ao século XVII. (PINTO, 2005, p. 65)

Na divisão formada por uma estrutura da área 1 e duas da área 7 sob a tijoleira, regista-se outra construção prévia. Através do espólio proveniente deste local, considera-se que seria um espaço para confecção de alimentos dos séculos XV e XVI. (PINTO, 2005, p. 65)



## **Capítulo 2: História de Vila Franca de Xira e do Palacete**

### **2.1: Vila Franca de Xira no século XVIII**

Durante o século XVIII, a cidade de Vila Franca de Xira integrava-se na Província da Estremadura e consequentemente na Comarca de Torres Vedras. (COSTA, 1712, p. 18; LIMA, 1736, p. 179; FREIRE, 1739, p. 111; CASTRO, 1762, p. 71 e 50)

Na monografia do Padre António Carvalho da Costa, redigida em 1712, este refere-nos que nesta cidade existiam “950 vizinhos com nobreza”. Através da corografia de D. Luiz Caetano de Lima (1736) percebemos que a paróquia de S. Vicente, incluída em Vila Franca de Xira contava com 743 fogos e 2902 almas. Três anos depois verifica-se que os números se mantêm, com 743 fogos e 2902 almas, algo que podemos perceber através da obra de António de Oliveira Freire. Já no ano de 1762, o Padre João Baptista de Castro refere-nos que esta cidade tinha 950 fogos, mas não mencionando qual o número de almas. Clara Camacho, que redigiu um artigo considerando diversas corografias do século XVIII, considera que estas informações são na sua maioria pouco fidedignas, devido à correlação entre os anos visados e os números de fogos e almas mencionados. Esta autora menciona ainda o Censo de Pina Manique de 1798, em que existiriam 1041 fogos. (COSTA, 1712, p. 32 e 33; LIMA, 1736, p. 653; FREIRE, 1739, p. 114; CASTRO, 1762, p. 50, CAMACHO, 1985, p. 99 e 100)

Quanto à parte administrativa da cidade, apenas o Padre António Carvalho da Costa nos descreve como esta se definia. De acordo com este autor, a assistir o governo civil registava-se um Juiz de Fora, três Vereadores, um Procurador do Concelho, um Escrivão da Câmara, um Juiz dos Órfãos com os seus oficiais, um Inquiridor, um Distribuidor, um Contador, três Escrivães do Judicial e um Alcaide. O autor também nos refere que o Alcaide desta vila seria o Conde de Pombeiro, através da Casa de Bellas. (COSTA, 1712, p. 32 e 33)

No que respeita a parte económica da vila, o Padre António Carvalho da Costa refere-nos que uma vez que o Tejo banhava esta vila, permitia a existência de grande prosperidade em peixe, fertilizando ainda os campos agrícolas para a produção de trigo, cevada, milho e diversos legumes. É-nos ainda mencionado pelo autor que nas Lezírias existia criação de ginetes e éguas para a trabalhar nos campos. A vila teria ainda uma feira, que se realizava no primeiro domingo de Outubro, permanecendo por três dias,

como nos indicam o Padre António Carvalho da Costa e o Padre João Baptista de Castro. (COSTA, 1712, p. 32 e 33; CASTRO, 1762, p. 50)

Quanto à parte ligada à vida religiosa desta vila, o Padre António Carvalho da Costa menciona a existência de uma Igreja Paroquial com invocação de S. Vicente, uma Vigairaria do Padroado Real e a Comenda da Ordem de Cristo coordenada pelo Comendador Marquês de Arronches. É também referida a presença de uma outra Igreja, fundada junto à Matriz pelos Irmãos Terceiros de S. Francisco e de diversas ermidas, designadamente as Ermidas de N. Senhora dos Remédios, Santa Sofia, S. Amaro, N. Senhora da Mercês, S. Sebastião e N. Senhora do Desterro. Outras infra-estruturas também referidas pelo autor são a Casa da Misericórdia e um Hospital. António de Oliveira Freire também nos aponta a existência de uma Casa da Misericórdia, assim como de uma paróquia, algo também citado pelo Padre João Baptista de Castro. Este último autor diz-nos ainda que na vila poderíamos encontrar a presença de sete ermidas. (COSTA, 1712, p. 32 e 33; FREIRE, 1739, p. 114; CASTRO, 1762, p. 50)

O Padre António Carvalho da Costa reporta-nos ainda outras informações que nos ajudam a compreender melhor esta vila. Por volta do ano de 1160 terá sido habitada por Ingleses que lhe chamaram Cornualha, remetendo para a sua pátria. O nome Vila Franca dever-se-á ao facto de os Reis lhe terem atribuído muitas franquezas. Numa praça existente nesta vila encontrar-se-ia um chafariz com quatro bicas e a uma pequena distância deste duas fontes onde corria água autóctone. (COSTA, 1712, p. 32 e 33)

Também neste século XVIII, a vila irá sofrer algumas alterações à sua estrutura urbana. D. João V terá incentivado a construção de estruturas destinadas à ajuda social, como o Hospital da Caridade (ou Senhor Jesus dos Incuráveis), que se localizaria em frente à Igreja da Misericórdia. A Ermida de Nossa Senhora das Mercês e a Albergaria de Santa Catarina foram delegadas aos Trinos, mantendo a ajuda social. (LUCAS, 2003, p. 112)

O Celeiro da Patriarcal e o Chafariz do Alegrete foram erigidos neste século, perto do antigo ribeiro Barbas de Bode (actual ribeiro de Santa Sofia), marcando o início da ocupação neste lado do ribeiro. Na vila existiam algumas construções apalaçadas como a casa do Comendador de Cristo Miguel Esguelha na Vila Alta, a Casa da Galache na Rua Direita e o palacete do Desembargador Diogo Baracho na Rua da Ribeira (actualmente Rua Serpa Pinto) na Vila Baixa que não foi terminada devido ao

terramoto, que terá também causado a necessidade de se realizarem várias modificações urbanas de reconstrução. (LUCAS, 2003, p. 112)

Na planta de Vila Franca de Xira levantada por Manoel de Souza Ramos no ano de 1786 e mais tarde copiada por Joze Candido Correa em Abril de 1826 (Anexos II – Figura 1) mostra-nos detalhadamente qual a disposição desta cidade durante o final do século XVIII.

Percepciona-se que grande parte das construções se concentrava na parte superior da vila, mostrando uma malha urbana mais confusa com ruas estreitas e sinuosas enquanto na parte inferior os edifícios eram construídos rodeando largos espaços de terreno, tornando o espaço mais aberto e organizado.

Na parte mais central podemos observar a existência de dois pátios, o Pátio do Carinho e o Pátio do Carga, incluídos no terreno denominado Orta da Passagem, visualmente comum a quase todos os edifícios que se concentravam naquele quarteirão. A Praça situava-se relativamente perto do Ribeiro Barbas de Bode, que passava pela vila, acabando por separar a zona central da vila de terrenos menos povoados.

Na zona direita da vila, destaca-se o Telhal, localizado perto dos limites da cidade num espaço relativamente despovoado. Perto deste situavam-se Os Tanques, próximo do Sapal que existia nesta vila. Quanto à parte esquerda da vila, a Sota de Manoel Dias e a Praça de Touros ainda apresentando morfologia rectangular (actualmente a sua forma é circular). Na zona superior da cidade regista-se o Olival, localizado nos limites da cidade, próximo da Fonte do Xinelo. O Hospital também se situava nesta parte da vila, junto à Igreja da Misericórdia.

Os edifícios religiosos encontram-se destacados com pintura a cor-de-rosa e o desenho de uma cruz no centro. É possível percepcionar a existência de seis infra-estruturas religiosas espalhadas pela vila, concentrando-se principalmente na parte superior desta, sendo que uma delas aparenta estar em ruína ou ter sofrido um demolição, perto da Fonte Nova.

Uma vez que esta planta foi levantada vários anos depois do terramoto, parece mostrar-nos a vila relativamente restabelecida e desenvolvida, delineando até espaços para onde esta cresceria posteriormente.

## **2.2: Breve História do Palacete**

Através de documentação histórica consegue perceber-se que esta edificação terá sido erguida no século XVIII, na rua hoje denominada de Serpa Pinto, antiga Rua da Ribeira. Contudo não se sabe muito acerca do local ou de construções anteriores. (PINTO, 2005, p. 12)

O palacete terá sido mandado edificar pelo Desembargador Diogo Baracho, oriundo da Freguesia de S. Bartolomeu de Charneca. Era constituído por duas partes “regulares” e no centro encontrava-se a Ermida dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo, a seguir à qual é possível visualizar “quatro janelas sacadas”. Não terminou a construção do palacete do lado leste, que deveria ser similar ao lado oeste e depois de falecer os herdeiros de Diogo Baracho também não a finalizaram, mas continuaram a usufruir desta. Terá sido depois comprada por João Pereira Caldas. (AMARAL, 1991, p. 5 e 6)

Na Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo dizia-se Missa não só para os moradores do palacete, mas também para os transeuntes que desejassem assistir a esta. Mais tarde, a habitação foi comprada por Negociantes Calotas de Lisboa, que posteriormente arrendaram o espaço a uma família abastada, que pagaria a um sacerdote, continuando assim a dizer-se Missa na Ermida, uma vez que não foi destruída quando se deram as Invasões Francesas. Posteriormente a Ermida deixará de ser utilizada, devido à escassez de sacerdotes. (AMARAL, 1991, p. 49; MARTINHO e MONTEIRO, 2001, p. 59)

O espaço vai depois deixar de servir como habitação entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX sendo utilizado como escola, prisão, Departamento de Acção Sociocultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, entre outras funções. (PINTO, 2005, p. 13)

O Desembargador Diogo Baracho, o requerente desta edificação, será descendente de um cavaleiro da Casa d’el Rei com o mesmo nome e que exercia função de almoxarife nas Lezírias de Vila Franca de Xira sob ordem de D. Manuel I. (RAIMUNDO, 2010, p.22)

## **Capítulo 3: As Faianças Portuguesas**

### **3.1: Características da Faiança Portuguesa, sua evolução crono-estilística e elementos bibliográficos**

#### **3.1.1: Características**

A faiança portuguesa era conseguida com uma mistura de barros para a pasta e revestida por esmalte estanífero, o qual era obtido através de uma mistura de chumbo, estanho, sílica e sal ou soda. Os objectos poderiam depois ser pintados, sendo utilizados óxidos de metais para manufacturar as cores. As cores mais comuns eram o azul (cobalto), violeta ou castanho (manganês), amarelo (antimónio) e verde (cobre). Os principais centros produtores deste tipo de cerâmica eram Lisboa, Vila Nova e Coimbra. (CASIMIRO, 2010, p. 462, 467, 469, 470 e 542)

A faiança portuguesa terá inicialmente influência da cerâmica Sevilhana, principalmente taças carenadas e pratos de fundo em ônfalo, que podiam ter decoração de linha azul na zona do bordo ou não serem decoradas. Para além das influências Espanholas, a faiança terá também inspiração Italiana (especialmente de Montelupo e Veneza) e Oriental (Chinesa e Persa). (CASIMIRO, 2010, p. 587 e 588)

### **3.1.2: Elementos bibliográficos e evolução crono-estilística**

Nas últimas décadas tem-se assinalado um aumento do estudo e consequentes publicações sobre o tema Faiança Portuguesa. Estes estudos concentram-se principalmente nas suas características morfológicas e decorativas, centros produtores e hábitos de consumo por parte das populações, por vezes incluídos em estudos que também mencionam outros materiais arqueológicos.

Uma das primeiras publicações em que se menciona a Faiança Portuguesa é a monografia de José Queiroz, publicada em 1907, (CASIMIRO, 2013, p. 351) ao qual foram acrescentados diversos capítulos pelos autores José Manuel Garcia e Orlando da Rocha Pinto em 1987. No entanto, é na segunda metade do século XIX e inícios do século XX que se observa um extenso aumento dos trabalhos sobre este tema.

Algumas destas publicações apenas abordam o tema Faiança Portuguesa, como as obras de Reynaldo dos Santos (1960) ou Arthur de Sandão (1988), e mais recentemente, registam-se as dissertações de Doutoramento de Luís Sebastian (2010) e Tânia Casimiro (2010) e de Mestrado de Mariana Almeida (2012), transmitindo perspectivas abrangentes acerca deste tema e permitindo uma melhor compreensão das suas características, fabrico, comércio e consumo. No entanto, também se registam muitas publicações, em que entre os materiais arqueológicos visados se encontram as Faianças Portuguesas, mostrando assim como estas relacionavam com o restante espólio.

Quanto à evolução crono-estilística das Faianças Portuguesas, uma das propostas existentes foi realizada por Tânia Casimiro no ano de 2013. A autora sugere a existência de seis períodos distintos que abrangem as produções oleiras desde o século XVI até ao século XVIII, não englobando as produções industriais que se iniciaram nesse século.

Considera-se o primeiro momento da produção de louça esmaltada no país o período correspondente a 1520-1570. Caracteriza-se por pratos com fundo em ônfalo e taças carenadas, mas também jarras e candelabros, semelhantes às produções Sevilhanas do final do século XV. As primeiras produções deste tipo de louça não seriam destinadas a todas as classes sociais. (CASIMIRO, 2013, p. 354 e 355)

É no segundo período (1570-1610) que se inicia a produção da louça esmalta a branco com decoração em azul, que se inspira em cerâmica Espanhola, Italiana e

Porcelana Chinesa. As peças são reconhecidas em contextos nacionais e estrangeiros, primeiramente destinadas às elites e só mais tarde para as classes baixas. As formas reproduzidas são principalmente as Italianas e Orientais, decoradas com motivos exógenos, podendo até terem sido trazidas por oleiros que se instalaram em Lisboa. (CASIMIRO, 2013, p. 355)

As decorações deste período caracterizam-se por abas repartidas em cartelas com flores e frutos, ao passo que os aranhões são escassos e imitações fidedignas de porcelana chinesa, como as paisagens centrais das peças de porcelana chinesa importadas no final do século XVI. Começa-se a tentar copiar as penas de pavão, oriundas possivelmente de cerâmicas Espanholas, por vezes utilizadas em cerâmicas Italiana. Registam-se ainda as cartelas pseudo-geométricas de inspiração Espanhola, imitando cerâmica valenciana. (CASIMIRO, 2013, p. 355 e 356)

O terceiro período (1610-1635) é considerado o “período áureo” da produção de faiança, com objectos de grande qualidade a nível da decoração, muito destinados à exportação e elites nacionais. As formas mais comuns são os pratos, taças, garrafas e jarros grandes. É neste período que aparecem as cópias mais fidedignas dos modelos orientais, como paisagens campestres chinesas com animais e pessoas, abas em cartelas, os primeiros aranhões provenientes de rolos de papel, folhas de artemísia, leques, cabaças e dentro dessas cartelas flores, frutos e animais. Já as decorações europeias do período anterior mantêm-se, com os brasões da nobreza, o que demonstra que o alvo eram as elites, aparecendo em vários contextos nacionais como conventos, mosteiros, casas e palácios. Para além das decorações inspiradas na porcelana chinesa, encontram-se decorações geométricas e vegetalistas, e principalmente da família das espirais. (CASIMIRO, 2013, p. 356 e 357)

O quarto período (1635-1660) é reconhecido como aquele em a Faiança Portuguesa teve o seu auge de criatividade, contudo as decorações já não seriam tão rigorosas e as pastas e esmaltes perdem a qualidade devido ao aumento do consumo. Dá-se o aparecimento de peças para o consumo da população geral. Os três centros produtores, Lisboa, Coimbra e Vila Nova abastecem o país, as colónias e também o estrangeiro. (CASIMIRO, 2013, p. 357 e 358)

As principais decorações deste período são as riscas verticais e semicírculos concêntricos, que permanece até ao período V. Há uma generalização de decorações com

motivos vegetalistas, tipo as pétalas, em contextos nacionais e internacionais. Surgem as primeiras rendas inspiradas em penas de pavão das cerâmicas italianas. Dá-se um decréscimo das produções de peças com decoração em espiral. Continua a existir a decoração de inspiração oriental, mas agora mais estilizada. (CASIMIRO, 2013, p. 358)

Os aranhões já não copiam símbolos chineses, aparecendo grande parte das vezes folhas de artemísia e os rolos de papel ficam um pouco imperceptíveis. A aba mantém a divisão em cartelas com os crisântemos estilizados. Os motivos decorativos começam a ficar mais uniformizados e com pouco pormenor, contudo chega um novo estilo à decoração oriental, o designado “desenho miúdo”, o que faz com que algumas peças mantenham o rigor. As cenas de inspiração oriental eram contornadas com antropomórficos e zoomórficos a azul e amarelo. Estas peças deviam ser para elites devido à qualidade e pormenor. Contudo existiriam possibilidades para todos, principalmente delineadas a vinoso, algo que se destaca por volta de desde o final de 1640. Inicialmente seria apenas para delimitar o “desenho miúdo” e fixar-se-á no período posterior. (CASIMIRO, 2013, p. 358 e 359)

A zona central dos pratos começa a apresentar pouca inspiração oriental, ficando-se em temas europeus como figuras pertencentes à mitologia e representações antropomórficas aristocráticas. Surgem ainda os “temas Portugueses”, que podem ter como objectivo fazer propaganda ao poder Português, sendo possivelmente destinada às elites. Continua a existir produção para exportar, contudo no período seguinte este tipo de produções começará a desaparecer dos contextos. (CASIMIRO, 2013, p. 359, 360 e 361)

É no quinto período (1660-1700) que o estilizar das decorações vai começar a decair, tal como a qualidade de pastas e vidrados. O manganês torna-se a cor de eleição, contornando motivos variados, preenchidos a azul, tipo aranhões com folhas de artemísia e pêssegos. Aparecem as “contas” uma nova decoração, provavelmente inspiração das *ruiy*, muito comum nas porcelanas do século XVII. (CASIMIRO, 2013, p. 362)

Dá-se o aparecimento das “faixas barrocas” (arrolamentos ou grinaldas de folhas de acanto) que decoravam abas de pratos ou exterior de covilhetes, que agora aparecem como se fossem coroas, contrariamente ao período IV. As rendas agora são a azul e manganês, como mostram contextos de 1660 a 1680. Mantém-se os objectos a azul e branco, mas mais simples, decorados com semicírculos concêntricos e formas como



tigelas e pratos com leteriformes ou Espada-Cruz da Ordem de Santiago. (CASIMIRO, 2013, p. 362)

Neste período as peças para exportação começam a escassear cada vez mais. O “desenho miúdo” continua a ser realizado e aparece a decoração “Monte Sinai” (José Queiroz), de grande qualidade, mais comuns em contextos Lisboetas e para as classes mais abastadas, pois são principalmente exumadas em ambientes de palácio e conventuais. Como as características são muito específicas, pensa-se que a oficina só esteve aberta cerca de vinte e cinco a trinta anos. (CASIMIRO, 2013, p. 363)

No sexto período (1700-1766) dá-se o final de decorações excêntricas na faiança Portuguesa, mas mantém algumas decorações do período anterior, como as contas ou as faixas barrocas, contudo não se pode designar que as produções de elevada qualidade terminaram. Começam a aparecer peças totalmente brancas como pratos pequenos, covilhetes e bilhas, com decorações como linhas concêntricas no bordo e motivos simples no fundo. A produção de louça conventual também aumenta neste período. (CASIMIRO, 2013, p. 363 e 364)

Esta autora refere ainda que Reynaldo dos Santos terá sido o primeiro a tentar redigir uma proposta de evolução crono-estilística para a Faiança Portuguesa, concentrando-se principalmente no século XVII e dividindo-o em quatro momentos distintos. (CASIMIRO, 2013, p. 351 e 352)

Para Reynaldo dos Santos, o primeiro momento concentrar-se-ia numa grande inspiração Oriental, com cópias muito similares às porcelanas Chinesas. O segundo momento contaria com a introdução de temas Portugueses e Europeus, e ainda o manganês e a policromia e temas da Restauração. No terceiro momento, as decorações são muito polícromas, mantendo a influência oriental, apenas os aranhões. No quarto momento, já não existem motivos orientais, são mais barrocos, cabeças de senhora e rendas e contas. (SANTOS, 1960, p. 25 e 47; CASIMIRO, 2013, p. 352)

Também Steven Pendery realizou uma proposta cronológica e estilística para identificação de peças em Faiança Portuguesa, mas apenas abrangendo o século XVII, baseando-se em peças exumadas de escavações na Nova Inglaterra. O autor descreve onze tipos de decoração distintos catalogados da letra a à k:

a - Desenho Europeu com parcial influência Chinesa a azul (1600-1625)

b - Padrão Wan-Li a azul (1600-1625)

- c - Desenho Chinês estilizado a azul (1600-1650)
- d - Bordo Geométrico a azul (1600 - 1650)
- e - Wan-Li Europeizado a azul (1625-1650)
- f - Heráldica a azul (delimitado a manganês após 1650) (1625-1670)
- g - Aranhões com frutas no bordo delimitados a manganês (1650-1675)
- h - Rendas a azul (1650-1680 (?))
- i - Desenho Chinês transicional delimitado a manganês (1650-1700)
- j - Desenho floral e geométrico a azul (1650-1700)
- k - Desenho Europeu (1675-1700) (PENDERY, 1999, p. 62)

### **3.2: Evidências de Faiança Portuguesa em Vila Franca de Xira**

As evidências da presença de Faiança Portuguesa em Vila Franca de Xira não são muito extensas, apenas se tendo identificado para além do arqueossítio da Rua Serpa Pinto nº65 apenas outros quatro sítios.

Na Antiga Igreja de São Francisco, em Alhandra, foram identificados vestígios de Faiança Portuguesa, numa sondagem realizada no ano de 2012 por Lúcia Miguel. O espaço terá sido ocupado inicialmente no século XVI, provavelmente para habitação. Registaram-se ainda evidências das modificações efectuadas durante os séculos XVII e XVIII. É ainda durante o princípio do século XVIII que os edifícios foram desactivados e desmontados para dar lugar à igreja e mais tarde à necrópole que acompanha este espaço. Com o terramoto de 1755, a edificação ficou totalmente destruída.

(sítio:

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3074865>

e

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=3074863&vs=3074865> (consultados dia 9/10/2017)

Em Alverca, também foi possível registar alguns elementos de Faiança Portuguesa nas intervenções arqueológicas realizadas no antigo espaço da Casa da Câmara de Alverca, primeiro pelo Dr. Nuno Gâmbôa em 2004 e seguidamente pela Dra. Sandra Brazuna em 2005 e 2006. (PIMENTA e MENDES, 2007, p. 53)

Não existem muitas evidências sobre o local onde se construíram o pelourinho e a Casa da Câmara de Alverca no século XVI. Poderia eventualmente ser espaço de rossio, situado fora do perímetro medievo. Localizando-se no sopé do morro do castelo e próximo da estrada real, terá surgido com o novo foral e mostra de poder municipal, algo evidenciado em Povos e Vila Franca de Xira. (PIMENTA e MENDES, 2007, p. 54)

Através dos trabalhos arqueológicos conseguiu-se detectar uma pré-existência do século XVI num espaço sobre o qual não se havia contruído até este período. Uma parede orientada norte-sul foi aqui identificada e terá sido eliminada quando se deu a reedificação do espaço do século XVIII. Somente uma calçada e uma área subterrânea terão ficado preservadas. Esse espaço subterrâneo mostrou ter um tipo de construção diferente do apresentado pelo restante da edificação e seria eventualmente uma área isolada da prisão.

Seria no rés-do-chão da edificação reerguida no ano de 1764 que se encontraria a prisão, levando a querer que se terá mantido em utilização. (PIMENTA e MENDES, 2007, p. 62)

Foram aqui identificadas três taças e dois pratos de Faiança Portuguesa, em vidrado branco pintado a azul, correspondendo a cronologias incluídas nos séculos XVII e XVIII. (PIMENTA e MENDES, 2007, p. 185 e 186)

Nos trabalho arqueológicos na Ermida do Mártir Santo no ano de 1999, também foram identificados fragmentos de Faiança Portuguesa. Foram exumados 217 fragmentos do local, contudo não permitiram a reconstituição total de peças e aqueles que o possibilitavam não se conseguiam associar no espaço, salvo raras excepções. Maioritariamente, os fragmentos foram retirados do espaço designado por Área 2, e apenas 46% são atribuíveis a uma unidade estratigráfica. (PINTO e FERREIRA, p. 75 e 77)

As faianças recolhidas neste espaço correspondem na sua maioria a produções do século XVII, não se tendo registado peças do século XVI, sendo ainda possível identificar alguns exemplares pertencentes ao século XVIII. As peças seriam de produções provenientes de Coimbra na sua maioria, devido a paralelos com peças do Ateneu Comercial do Porto, identificando-se ainda peças eventualmente oriundas de fabrico Lisboaeta. (PINTO e FERREIRA, p. 78 e 79)

As formas apresentadas pelos fragmentos foram difíceis de classificar, devido à fragmentação e dimensão apresentada pelo material. Na sua maioria mostram formas abertas, existindo ainda vários fragmentos que não foram possíveis de classificar. Os pratos seriam a morfologia mais presente, registando-se ainda escassas tigelas e taças. (PINTO e FERREIRA, p. 80 e 81)

De Muge a Vila Franca de Xira foram retirados várias peças de Faiança Portuguesa do Rio Tejo impossíveis de enquadrar arqueologicamente, exumadas de montes de areia e das margens. Cronologicamente, as peças pode ser balizadas entre meados do século XVI e final do século XVIII. Apenas as produções tradicionais foram estudadas, contudo também se têm retirado objectos correspondentes a produções industriais. No total analisaram-se 107 objectos, na sua maioria pratos e taças, com excepção de uma tampa e um vaso de noite. As pastas identificadas nestas peças variam entre as brancas e rosadas. Os objectos correspondentes ao século XVI podem eventualmente ter sido fabricados ou em Lisboa ou na margem sul do Rio Tejo, contudo

as suas pastas são similares quando observadas macroscopicamente. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 260 e 261)

Correspondendo às primeiras produções (1520-1610) identificaram-se 24 taças carenadas, 18 pratos de fundo em ônfalo, 2 taças hemisféricas e três pratos rasos, num total de 47 objectos, tornando-se assim na tipologia mais registada. No conjunto, apenas 5 peças se encontram decoradas, maioritariamente linhas concêntricas perto do bordo ou fundo, existindo ainda um exemplar com que apresenta uma decoração similar a elemento floral constituída por semi-círculos e outra com uma palmeta, possivelmente inspiração Espanhola. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 262)

Ao período em que se destacam as produções em branco e azul (1610-1635), só 3 peças foram registadas, um prato e duas taças. Duas peças mostram decoração de pequenas espirais e outra motivo decorativo de inspiração Oriental com motivos vegetalistas incluídos em cartela de morfologia oval. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 262)

O período seguinte (1635-1660), em que se observam produções de elevada qualidade apenas para indivíduos abastados, aparecem também peças correspondentes a realidades arqueológicas menos ricas, com peças mais pequenas e motivos vegetalistas. Registou-se um prato com decoração de coelho e pássaro e outro com um leão designado como Brasão da Família Silva. No outros oito objectos desta cronologia encontramos motivos decorativos vegetalistas como as pétalas, fetos e trepadeiras. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 263 e 265)

É no período seguinte (1660-1700) que a decoração pintada a manganês se começa a destacar, embora já se utilizasse no momento antecedente. Para esta cronologia, registaram-se vinte objectos, de entre os quais apenas cinco mostram motivos decorativos pintados a manganês. Registou-se um prato e uma tampa com o motivo decorativo das contas e um prato com decoração de rendas, e ainda um outro prato com uma figura antropomórfica (senhora) e uma taça com uma estrela similar à de Malta. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 265 e 267)

Os semi-círculos concêntricos, a decoração mais identificada para esta cronologia, registam-se em seis taças tronco-cónicas, um prato sub-troncocónico e duas taças hemisféricas. Também a Espada-Cruz da Ordem de Santiago se caracteriza por ser uma

decoração muito frequente em contextos arqueológicos deste período. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 267)

O período que se segue, já correspondendo maioritariamente ao século XVIII (1700-1766), recomeça a grande produção de faianças com reduzida decoração. No conjunto estudado, vinte e quatro objectos podem ser incluídos nesta cronologia, tendo-se identificado seis taças hemisféricas, cinco tigelas com paredes oblíquas, doze pratos e um bispote. A denominada louça de mesa regista maioritariamente decoração de duas linhas concêntricas perto do bordo interiormente e outras duas perto do fundo, muitas vezes acompanhadas de motivos vegetalistas de pequena dimensão. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 267 e 268)

Por fim, destaca-se o período das produções industriais (1766-1850). Para conseguirem acompanhar as “novas tendências”, as olarias repensaram e modificaram os motivos decorativos. Registaram-se somente três pratos deste período no conjunto analisado, possivelmente consequência do paulatino abandono e consequente produção esporádica pelo século XIX. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 269)

### 3.3: Características da amostra

Nesta dissertação analisaram-se os 2085 fragmentos de Faiança Portuguesa exumados do palacete da Rua Serpa Pinto nº65. Devido à fragmentação apresentada pelo espólio e como o espaço não foi intervencionado na sua totalidade, isto influenciará eventualmente os resultados aqui mencionados.

Através da análise macroscópica, percepcionou-se que as pastas apresentam maioritariamente as cores amarela ou rosa claro/salmão, registando-se menos frequentemente vermelho escuro. Quanto à sua textura, verificou-se que estas mostravam principalmente características arenosas, evidenciando em alguns casos elementos não plásticos que se manifestam em maior ou menor quantidade. Os vidrados caracterizam-se pelos atributos brilhantes e compactos, e mais raramente quebradiços ou baços.

No concerne as morfologias, foram aqui identificados doze grupos distintos, número que pode estar comprometido pela fragmentação dos materiais e por o espaço não ter sido escavado integralmente. As formas contam com cerca de 2030 NMI. Maioritariamente, as formas incluem-se na denominada louça de mesa, tendo-se reconhecido 6 covilhetes, 1 escudela, 2 jarros (?), 21 pratos fundos, 216 pratos rasos, 4 salseiras, 251 tigelas e 3 tampas. Foram também identificadas outras tipologias morfológicas, que se afirmam em menor número, como 2 bacias, 2 castiçais (?), 2 maçanetas (?) e 1 vaso de noite (Anexos V, Figura 1). Para algumas das morfologias aqui patentes não foi possível identificar paralelos, devido à incerteza existente na sua catalogação ou à dimensão apresentada pelos fragmentos.

Quanto aos vidrados presentes nos objectos provenientes deste local, estes podem ou não mostram decorações. As peças que exibem somente o vidrado aparecem nas cores branco, cinzento ou verde. Contudo, uma vez que poderiam existir colagens não identificadas, há a possibilidade de que estas eventualmente apresentassem decorações. As peças decoradas encontram-se maioritariamente pintadas com as cores azul ou azul e vinoso. O motivo decorativo mais identificado nos objectos deste conjunto são os semicírculos concêntricos (Anexos V, Figura 2).

Para complementar esta análise foram ainda realizadas diversas tabelas e gráficos, por forma a compreender melhor a distribuição das formas e vidrados e decorações. É ainda de salientar que embora não tenham sido atribuídas unidades

estratigráficas ao acompanhamento, este foi incluído nas tabelas devido às numerosas peças que foram recolhidas durante esta parte dos trabalhos arqueológicos. (Anexos V, Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8)

Embora num grande número de fragmentos não seja possível reconhecer qual a sua forma, consegue-se identificar qual a decoração que este apresentava.

Para auxiliar na identificação dos motivos decorativos, seguiu-se a proposta de evolução crono-estilística realizada por Tânia Casimiro (2013). No entanto, algumas peças mostravam decorações que não se inseriam em nenhuma das categorias descritas e foram consequentemente individualizadas.



### 3.4: Formas

No arqueossítio Rua Serpa Pinto Nº65 foi possível identificar pelo menos doze formas distintas, registando-se 2 bacias, 2 castiçais (?), 6 covilhetes, 1 escudela, 2 jarros (?), 2 maçanetas (?), 21 pratos fundos, 216 pratos rasos, 4 salseiras/especieiros, 251 tigelas e 1 vaso de noite (Anexos V, Figuras 1, 5 e 7). Formando a maior parte do conjunto, encontram-se as peças que apresentam formas indistinguíveis contando com 1519 peças.

Maioritariamente as formas registadas incluem-se assim na denominada louça de mesa, destacando-se os pratos e as tigelas. Como morfologias menos recorrentes, constatamos que estas são a escudela e o vaso de noite, cada um contando apenas com um exemplar. Quantos aos perfis completos, o seu número é muito escasso, podendo-se apenas contar com cerca de trinta peças.

Sendo este palacete um espaço de habitação, as formas aqui registadas parecem ser coerentes com este tipo de sítio. No entanto, anexa a construção existia uma ermida, para a qual não foi possível identificar objectos que se possa afirmar que definitivamente pertencessem a este local. No entanto, não se pode desvalorizar a hipótese de que estes eventualmente existissem. Tendo em conta que os trabalhos arqueológicos não contemplaram integralmente o espaço e os materiais se encontravam muito fragmentados, os números aqui descritos podem não corresponder à realidade do sítio.

Algumas das morfologias registadas são apenas propostas, uma vez que os fragmentos designados não permitem que se afirme com certeza que essas são as formas patentes. Importa ainda referir que embora algumas formas de pratos fundos sejam também identificadas como taças, aqui manteve-se a definição de prato fundo.

### 3.5: Pastas

As pastas do conjunto de faiança portuguesa da Rua Serpa Pinto N°65 não apresenta uma grande variação nas cores, apenas se tendo identificado as cores amarela (Munsell 2.5y8/2, 2.5y8/3 e 5y8/2) e rosa claro/salmão (Munsell 5yr7/6, 5yr8/3, 5yr8/4, 7.5yr8/3, 7.5yr8/4, 10yr8/2 e 10yr8/3). Embora se tenham registado um maior número de fragmentos com pastas de cor amarela, são as pastas de cor rosa/salmão que registam mais variantes.

As pastas de cor amarela aqui registadas parecem corresponder às habitualmente produzidas nas olarias de Lisboa. Contudo, as pastas das produções lisboetas, assemelham-se largamente às produções de Vila Nova, sendo que a única diferença se verifica nos tons mais avermelhados/alaranjados provenientes desta última. (SEBASTIAN, 2010, p. 485 e 487) Apesar de algumas pastas aqui presentes mostrarem tons rosados/salmão que poderiam indicar outra origem para essas peças, a proximidade entre as cidades de Lisboa e Vila Franca de Xira parece ser coerente que as peças exumadas neste local proviessem das olarias lisboetas.

As pastas do conjunto estudado apresentam em geral uma boa depuração apenas se registando alguns fragmentos com presença de elementos não-plásticos de pequena dimensão. Contudo, em alguns dos casos observados foi possível visualizar uma grande afluência ou não-existência de elementos não-plásticos.

As pastas apenas foram analisadas macroscopicamente, o que não permite retirar muitas conclusões acerca das suas características ou afirmar com certeza quais as suas origens, uma vez que podem levar a ilações não muito correctas.

### 3.6: Vidrados e Decorações

O conjunto de faianças portuguesas estudado nesta dissertação oferece-nos peças que se encontram apenas vidradas e peças que apresentam decorações, estas últimas em maior número (Anexos V, Figuras 2, 6 e 8). Contudo, devido aos trabalhos arqueológicos que não contemplaram integralmente o espaço e à fragmentação apresentada pelos objectos, que claramente influenciam a percepção deste conjunto, pode-se colocar a hipótese de que as peças somente vidradas poderiam apresentar decorações.

Os vidrados presentes nas peças exumadas do sítio Rua Serpa Pinto nº65 mostram-se brilhantes e consistentes na sua maioria, no entanto existem algumas excepções que apresentam vidrados mais baços e/ou quebradiços.

As peças que se registam somente vidradas apresentam as cores branco, cinzento e verde claro, sendo que as brancas se encontram em superioridade numérica. Para as peças que exibem decorações, destacam-se as pintadas somente a azul ou pintadas a azul e vinoso, as primeiras destacando-se pelos números superiores. Os motivos decorativos que ornamentam estes objectos apresentam uma enorme variedade e para determinar qual a sua terminologia seguiu-se a proposta de evolução crono-estilística de Tânia Casimiro (2013), contudo as decorações que não se enquadravam em nenhuma das categorias foram individualizadas e denominadas de acordo com o que se acreditar ser o motivo decorativo presente nestas.

Os elementos do conjunto que não mostram decoração correspondem a 646 peças, dividindo-se em 552 de cor branco das quais se seleccionaram as peças SP65 7434, SP65 517/459, SP65 567, SP65 643/423, SP65 2151, SP65 532, SP65 7041, SP65 7043, SP65 460/613, SP65 1800, SP65 4140, SP65 7587, 69 de cor cinzenta das quais se individualizaram SP65 6259, SP65 4002, SP65 6219, SP65 2114/2116, SP65 2120, SP65 8005 e 25 de cor verde das quais se escolheu a peça SP65 1838/2555.

O motivo decorativo contas ou pérolas, cujo o desenho pode apresentar um conjunto de seis ou apenas três elementos, foi identificado em 30 peças, registando-se a pintura nas cores azul ou azul e vinoso. Para figurarem no catálogo destacaram-se as peças SP65 533/523/544, SP65 6731 (que parece mostrar também influência Oriental), SP65 81, SP65 1826/7573/7572(?), SP65 3222, SP65 3676/3712, SP65 553, SP65 644 e SP65 1323/467.

A temática decorativa rendas, em que se contabilizaram 22 peças, também apenas se identificou nas cores azul ou azul e vinoso. Selecionaram-se como exemplos as peças SP65 1023, SP65 1307, SP65 2148/2149, SP65 7566 e SP65 617.

Para a decoração motivos fitomórficos e geométricos simples reconhecem-se 126 peças, das quais foram destacadas para figurarem no catálogo as peças SP65 7022, SP65 521, SP65 5312, SP65 1822, SP65 2524, SP65 7965, SP65 2139, SP65 6998, SP65 7016, SP65 7582, SP65 8123, SP65 496, SP65 538/461/441, SP65 568, SP65 577/542/506, SP65 2125/2127, SP65 2128, SP65 7569, SP65 7571 e SP65 7578.

O motivo decorativo semicírculos concêntricos foi identificado em 70 peças deste conjunto, sendo que se individualizaram as peças SP65 1000, SP65 967, SP65 977, SP65 7710, SP65 3501, SP65 424/446/447/637/423, SP65 554, SP65 1017, SP65 2142 (que apresenta possivelmente influência Oriental), SP65 2163, SP65 373573233/3680/3232, SP65 4136, SP65 6260, SP65 7576 e SP65 7583.

As peças que mostram decoração com elementos florais apresentam-se desenhados nas cores azul e vinoso, representando normalmente ramos de flores e foram reconhecidos em 31 peças. Escolheram-se as peças SP65 1031 (crisântemos), SP65 143, SP65 510/536, SP65 7020, SP65 146/477/463/580, SP65 1325 e SP65 6994.

Quanto ao motivo decorativo pétalas, este destaca-se em 56 peças deste conjunto, como nos exemplos SP65 1306, SP65 5330, SP65 2143, SP65 2546, SP65 3882, SP65 1330 e SP65 8007 individualizados para esta dissertação.

A temática decorativa elementos vegetalistas, que demonstra uma grande influência da cultura Oriental, encontra-se patente em 22 peças das quais foram selecionadas as peças SP65 2543, SP65 4102, SP65 2528, SP65 3502, SP65 4106/4107, SP65 6198/6199, SP65 6262 e SP65 6218.

Também registando uma forte inspiração de origem Oriental, reconhece-se a decoração aranhões que podem estar acompanhados de outros pequenos elementos decorativos. Apresenta-se pintada a azul ou a azul e vinoso. Apenas se contabilizaram 6 peças das quais se destacaram as peças SP65 2115/2134, SP65 2121, SP65 3236, SP65 484 e SP65 3148.

Alguns dos grupos decorativos presentes neste conjunto reconhecem-se num número muito reduzido de peças.

A temática decorativa heráldica foi identificadas em somente 5 peças, SP65 529, SP65 582, SP65 7017, SP65 2146 e SP65 995, que foram todas selecionadas para figurarem no catálogo desta dissertação.

A decoração desenho miúdo (?) foi atribuída a 4 peças do conjunto, tendo-se individualizado o exemplar SP65 3208.

Quanto ao motivo decorativo faixas barrocas, apenas se registaram 2 peças, SP65 490 e SP65 673, que se encontram representadas neste catálogo. No entanto, a peça SP65 7585, cuja decoração foi considerada indeterminada, parece incluir-se neste grupo decorativo.

Por fim, encontram-se as temáticas decorativas que apenas se reconheceram numa peça. Os leteriformes aqui identificados representam a letra “S” e contabiliza-se apenas uma peça, SP65 6069. Ao grupo decorativo paisagem foi atribuída a peça SP65 1824, decorada com montanhas que mostram possível influência Oriental. Quanto à decoração antropomórfico, registou-se a peça SP65 2141, que parece ter a representação de um dedo. Para o motivo decorativo zoomórfico identificou-se a peça SP65 451 que apresenta o desenho do que aparenta ser uma borboleta. Uma vez que estes eram os únicos exemplos disponíveis para representar estas tipologias decorativas, foram todos individualizados para o catálogo da dissertação.

Para uma grande porção do conjunto das faianças portuguesas não foi possível realizar a atribuição a um grupo decorativo, tendo-se contabilizado cerca de 1005 peças.

### **3.7: Paralelos**

#### **3.7.1: Bacias**

Para esta tipologia morfológica apenas foi possível identificar paralelos para a peça SP65 7434.

Um primeiro paralelo foi identificado em duas bacias (peças 39 e 40) provenientes do Vale de Alcântara com cronologia do século XVII-XVIII. Estes paralelos apenas são morfológicos. (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 40)

Também na Rua Buenos Aires foi possível registar uma bacia (peça 75) datada do século XVII com forma similar à apresentada pela peça SP65 7434. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)

No convento de S. Francisco em Lisboa foi igualmente reconhecida uma bacia atribuída ao século XVII (1660-1700) (CSF/LX.93/276) com semelhanças morfológicas com a peça SP65 7434. (TORRES, 2011, p. 379)

Para a peça SP65 7022, para além de não se terem reconhecido paralelos morfológicos, também não foram identificados paralelos decorativos, embora esta apresenta-se motivo decorativo. Quanto à peça SP65 7434, o fragmento identificado não mostrava decoração, contudo existe a possibilidade de esta ter existido.

### **3.7.2: Castiçais**

No que respeita os castiçais, apenas foi identificado um paralelo com duas peças originárias do convento de S. Francisco em Lisboa (peças CSF/LX.93 355 e 182) ambas atribuídas ao século XVIII (1700-1760). (TORRES, 2011, p. 342 e 347)

Os dois fragmentos aqui em análise apresentam uma dimensão muito reduzida para que se possa definir a sua morfologia e não mostram qualquer tipo de decoração, não querendo dizer que esta não existisse. Contudo, pela forma que estes fragmentos apresentam, existe a grande possibilidade de serem efectivamente castiçais.

### **3.7.3: Covilhetes**

Para os covilhetes reconheceram paralelos decorativos e morfológicos para a peça SP65 533/523/544 e paralelos morfológicos para a peça SP65 567.

Para SP65 533/523/544 identificou-se paralelos decorativos com covilhete (MRLX03/04 – 1244 – 064) datado do século XVII do forte de S. Paulo, um prato proveniente de Vila Flor no Brasil (figura 5) com cronologia do segundo ou terceiro quartel do século XVII (1625-1675), covilhete com datação do século XVII (1660-1700) do convento de S. Francisco em Lisboa (peça CSF/LX.93/207) e com um prato (CNSE0012 CSSC-CB (221) do Convento de Nossa Senhora da Esperança nos Açores atribuído aos séculos XVII-XVIII. (FERREIRA, 2015, p. 264; ALBUQUERQUE, 2008, p. 265; TORRES, 2011, p. 356; ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p. 96)

Quanto a paralelos morfológicos, registaram-se para as peças SP65 533/523/544 e 567 em covilhetes exumados na intervenção arqueológica da Rua Buenos Aires (peças 45 e 48) atribuídas ao século XVII. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)



#### **3.7.4: Escudelas**

Para a escudela identificada na Rua Serpa Pinto 65 reconheceram-se dois possíveis paralelos apenas decorativos.

Estes paralelos decorativos foram identificados no convento de S. Francisco em Lisboa numa peça datada do terceiro quartel do século XVII (peça CSF/LX.93/240) e um outro no convento de Jesus em Setúbal também com cronologia do século XVII (1660-1700) (CJ 08 AVE-2 10735). (TORRES, 2011, p. 367; ALMEIDA, 2012, p. 460)

### **3.7.5: Jarros**

Devido à dimensão dos fragmentos, existe a possibilidade de as peças identificadas não serem jarros, mas apresentarem uma distinta morfologia. Foram apenas identificados paralelos para a peça SP65 5312, mais especificamente decorativos, no convento de S. Francisco em Lisboa em duas peças atribuídas ao século XVII (1635-1660/1680-1690) (peças CSF/LX.93/301 e 302). (TORRES, 2011, p. 388)

A peça SP65 5630 5465 apresenta um paralelo decorativo com uma garrafa da Garagem da Avenida. (CASIMIRO, 2010, p. 569) Embora a autora tenha designado a peça como garrafa, aqui foi colocada a possibilidade de os fragmentos pertencerem a um jarro.

### 3.7.6: Pratos Fundos

Para a tipologia morfológica dos pratos fundos, também os paralelos se concentram maioritariamente nas decorações.

As peças SP65 967 e 977 que partilham a temática decorativa semicírculos concêntricos apresentam paralelos maioritariamente decorativos com várias peças provenientes da Ponta do Leme Velho, datadas do intervalo cronológico 1680-1700, nomeadamente com os pratos CVD0063, CVD0137, CVD0139, CVD0140, CVD0141, CVD0142, CVD0154 (também paralelo morfológico para a peça SP65 967), CVD0166, CVD0167, CVD0169, CVD0171, CVD0172, CVD0173, CVD0176 e as tigelas CVD0053 e CVD0162. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 25, 27, 28, 29, 30, 31, 37, 38 e 39) Nos trabalhos arqueológicos do Pátio dos Estudos-Gerais do Colégio dos Jesuítas em Salvador, Bahia foi exumado um prato da lixeira 2 (figura 10) atribuído ao final do século XVI e princípio do século XVII que mostra paralelos decorativos com estas duas peças, tal como uma tigela e um prato fundo da lixeira 3 datada da segunda metade do século XVII. (ETCHEVARNE, 2007, p. 119, 120 e 123) O outro paralelo decorativo registado no Brasil é um prato datado de entre 1625-1675 oriundo de Vila Flor. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 264) Na Baixa de Lisboa, provenientes do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros identificaram-se paralelos decorativos com um prato fundo (BCP/Lx 149) de meados do século XVII e princípio do século XVIII e um prato raso (BCP/Lx 8841) datado da segunda metade do século XVII. (COELHO e BUGALHÃO, 2015, p. 42, 43 e 44) Um prato com um espectro cronológico dos séculos XVI-XVIII (figura 18 – nº6 96/S3/M2) retirado durante a intervenção arqueológica na vila de Alcoutim também apresenta paralelos decorativos com SP65 967 e SP65 977. (GRADIM, 2005, p.195) Do arqueossítio da Rua Buenos Aires encontram-se paralelos decorativos com um prato do século XVII (CASIMIRO, 2010, p. 557) e ainda outros quatros pratos, três tigelas e dois covilhetes com a mesma cronologia (figuras 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 124 e 126). (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 7 e 11)

Ainda para as peças SP65 967 e 977, nos conventos de Santana em Leiria e S. Francisco em Lisboa se registaram paralelos decorativos com dois pratos (MS/sem referência e MS 99/7A/192) datados do segundo e terceiro quartel do século XVII e duas tigelas (CSF/LX.93/266 e 267) também datadas do século XVII, respectivamente. (TRINDADE, 2012, p. 169 e TORRES, 2011, p. 376) Outro paralelo decorativo

encontra-se num prato oriundo do Forte de S. Paulo datado do segundo quartel do século XVII e século XVIII (MRLX03/04 – 1255 – 079). (FERREIRA, 2015, p. 269) Provenientes do Vale de Alcântara, contam-se mais três paralelos decorativos com pratos atribuídos aos séculos XVII-XVIII (estampa 4, figuras 19 a 21). (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 129) Na Rua dos Peixeiros situada em Lagos temos paralelos decorativos com quatro pratos e uma tigela, datados do século XVIII (complexo 83, nº3; complexo 82, nº4; complexo 43, nº5 e complexo 43, sem número; complexo 82, nº11). (OLIVEIRA, 2009, p. 8 e 9) Na Madeira registaram-se paralelos decorativos com três taças atribuídas ao século XVII, uma proveniente do Museu Quinta das Cruzes e duas do Convento da Piedade (MQC2326, CP/03-881 e CP/03-649) e dois pratos, também com espectro cronológico do século XVII, oriundos do Convento da Piedade (CP/03-644 e CP/03-864). (SOUSA, 2011, p. 345, 347, 370, 373 e 374) Na zona de Setúbal, especificamente na Avenida 5 de Outubro nº67 e 69, três tigelas (peças 5, 6 e 7) e dois pratos (peças 13 e 14) com cronologia atribuível ao final do século XVI até final do século XVII, apresentam paralelos decorativos com SP65 967 e SP65 977. (DUARTE e SILVA, 2014, p. 225) Por fim, recolhidos no rio Tejo encontram-se um prato e um prato fundo (figura 4 – D e E) datados do século XVII (1660-1700) igualmente com paralelos decorativos. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 268) Outro paralelo decorativo foi registado numa tigela (CNSE0008 CSSC-CB (715) do Convento de Nossa Senhora da Esperança nos Açores atribuído aos séculos XVII-XVIII. (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Para as peças SP65 1306 e SP65 5330 decorados com a temática pétalas, identificaram-se paralelos apenas decorativos. Na Vila de Alcoutim registam-se dois pratos (figura 16 – nº4 96/S12 e figura 17 – nº5 96/S2) datados do século XVII que mostram decoração semelhante à presente nestas duas peças. (GRADIM, 2005, p. 195) Nos trabalhos arqueológicos da Rua Buenos Aires se identificaram dois pratos (sem referência; figura 1, 15) também do século XVII, que remetem para o mesmo motivo decorativo. (CASIMIRO, 2010, p. 557 e BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 7) Nos conventos de Santana de Leiria e S. Francisco em Lisboa reconheceram-se um prato (MS00/S4/130/850), duas tigelas (MS007S4/140/1338, 141 1409 e MS00/S4/191/2750) e uma tampa (MS00/S4/188) com cronologia atribuída ao segundo e terceiro quartel do século XVII e quatro tigelas (CSF/LX.93 223, 224, 225 e 226) e seis pratos (CSF/LX.93 218, 219, 220, 221 e 221) também com datações do

século XVII (1610-1660), respectivamente. (TRINDADE, 2012, p. 179 e 181 e TORRES, 2011, p. 361, 363, 364 e 371) Igualmente, no Vale de Alcântara foi identificada uma tigela (estampa 5, figura 24) com decoração similar, datada dos século XVII-XVIII, assim como em dois pratos, um da Rua dos Bacalhoeiros e outro da Garagem da Avenida, ambos com espectro cronológico do século XVII. (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 130 e CASIMIRO, 2010, p. 558 e 569) Por fim, registam-se paralelos com um prato (WST-3) de Wolster Street e uma tigela (CST-15) de Castle Street, as duas peças datadas do século XVII (1600-1660). (CASIMIRO, 2010, p. 261, 262 e 302)

Para a peça SP65 6259, vidrada a cinzento reconheceu-se um paralelo morfológico e decorativo com um prato do Largo de Jesus, possivelmente do século XVII. (CASIMIRO, 2010, p. 553)

A temática decorativa das linhas rectas e onduladas alternadas patente na peça SP65 7965, registam-se paralelos decorativos com uma taça (CJ 08 AVE-2 10066) oriunda do convento de Jesus datada do século XVII e ainda três pratos e uma taça (CSF/LX.93 227, 228, 229 e 230) também com datação do século XVII (1635-1660) provenientes do convento de S. Francisco de Lisboa. (ALMEIDA, 2012, p. 443 e TORRES, 2011, p. 363 e 364)

No convento de S. Francisco em Lisboa encontram-se paralelos decorativos com seis pratos (CSF/LX.93 241, 242, 271, 277, 290 e 361) e uma tigela (CSF/LX.93 356) e paralelos morfológicos com dois pratos (CSF/LX.93 245 e 246), todos datados do século XVII para a peça SP65 2524 decorada com o motivo de círculos. (TORRES, 2011, p. 368, 369, 378, 380, 384, 405 e 407)

Também com a temática decorativa semicírculos concêntricos, a peça SP65 7710 com morfologia aqui considerada prato fundo, regista paralelos decorativos e morfológicos com duas tigelas (CVD0059 e CVD0062) da Ponta do Leme Velho, assim como paralelos decorativos com três tigelas (CVD0160, CVD0161 e CVD0162) também da Ponta do Leme Velho e duas tigelas (figura 1, peças 1 e 2) da Rua Buenos Aires e ainda paralelos morfológicos com dois pratos do convento de S. Francisco (CSF/LX.93 245 e 246) e com uma tigela (CNSE0008 CSSC-CB (715) do Convento de Nossa Senhora da Esperança nos Açores . Estes paralelos enquadram-se cronologicamente nos séculos XVII-XVIII. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES,

2012, p. 32, 33, 34 e 35; BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 7; TORRES, 2011, p. 369 e ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Por fim para a peça SP65 4002 apenas vidrada a cinzento encontra paralelos morfológicos e decorativos com peça que foi designada tigela (figura 19) do Vale de Alcântara, cronologicamente datada do século XVII-XVIII. (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 122)

### 3.7.7: Pratos Rasos

Para as peças SP65 529 e SP65 7017, que ostentam a decoração da Espada-Cruz da Ordem de Santiago registam-se paralelos decorativos com um prato (CVD0066) e uma taça (CVD0061) com cronologia de finais do século XVII da Ponta do Leme Velho. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 15 e 17) Também datados possivelmente do século XVII um outro paralelo foi identificado em dois pratos (sem referência; figura 5, 125) exumados durante os trabalhos arqueológicos na Rua Buenos Aires. (CASIMIRO, 2010, p. 556 e BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 11) No Forte de S. Paulo, reconhece-se um prato (MRLX03/04 – 1338 – 068) de espectro cronológico de final do século XVII e princípios do século XVIII, que apresenta decoração similar à destas duas peças. (FERREIRA, 2015, p. 265) Nos conventos de S. Francisco em Lisboa e de Jesus em Setúbal identificam-se paralelos decorativos com dois pratos (CSF/LX.93 214 e CJ 08 AVE-2 10665, respectivamente) com datações correspondentes aos séculos XVII-XVIII. (TORRES, 2011, p. 358 e ALMEIDA, 2012, p. 459) Uma tigela (complexo 48, 49, 60, 65 e 68, nº9) retirada na intervenção arqueológica na Rua dos Peixeiros em Lagos e datada do século XVIII mostra paralelos decorativos com as duas peças em análise. (OLIVEIRA, 2009, p. 7) Por último, regista-se um paralelo decorativo com um prato (figura 4 – F) recolhido no rio Tejo e com cronologia do século XVII. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 268)

A peça SP65 582, decorada com o Brasão da Família Silva, regista paralelos com prato fundo (CVD0178) da Ponta do Leme Velho, uma tigela e uma travessa (figura 8 e 9) do Museu Machado Castro, um prato do Museu de Arte Antiga (figura 75) e um prato (figura 2 – E) retirado do rio Tejo, todos com espectro cronológico remetendo para o século XVII. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 52; SANTOS, 1960, p. 26 e 102 e CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 264) Esta peça apresenta ainda paralelos decorativos com quatro pratos (2480, 2491, 2493 e 2500) e quatro tigelas (2507, 2511, 2515 e 2517 (apenas pintada a azul) do Mosteiro de São João de Tarouca, datados da segunda metade do século XVII. (SEBASTIAN, 2015, p. 197, 198, 199 e 261)

Quanto às peças SP65 490 e SP65 673, com decoração de faixas barrocas encontram-se paralelos decorativos com sete pratos (CVD0188 (também morfológico para SP65 490), CVD0189, CVD0190, CVD0191, CVD0192, CVD0193 e CVD0194) da Ponta do Leme Velho com cronologia do final do século XVII. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 63, 64, 65, 66 e 67) No convento de Jesus em Setúbal regista-se

paralelo decorativos com uma tigela (CJ 08 AVE-2 10603) e um prato (CJ 08 AVE-2 10189) datados dos século XVII-XVIII, assim como num prato (MS997S10/210) também datado dos século XVII-XVIII no convento de Santana de Leiria e uma escudela (CSF/LX.93 240) e um covilheite (CSF/LX.93 278) do convento de S. Francisco de Lisboa com datações dos séculos XVII e XVIII, respectivamente. (ALMEIDA, 2012, p. 442 e 454; TRINDADE, 2012, p. 202 e TORRES, 2011, p. 367 e 380) Estas duas peças apresentam ainda paralelos com um prato (figura 32) da Rua Álvaro Castelões datado dos séculos XVII-XVIII, dois pratos (MRLX03/04 – 1349 – 053 e MRLX03/04 – 1285 – 084) do Forte de S. Paulo ambos de finais do século XVII e um prato (346) da Rua dos Correeiros na Baixa de Lisboa. (DUARTE, SOARES e SILVA, 2014, p. 365; FERREIRA, 2015, p. 257 e 272 e COELHO e BUGALHÃO, 2015, p. 47) Identifica-se um outro paralelo decorativo com uma saladeira (CNSE0013 CSSC-CB (715) do Convento de Nossa Senhora da Esperança nos Açores, atribuída aos séculos XVII-XVIII. (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p.97)

Para as peças SP65 2143, SP65 2546 e SP65 3882 com a temática decorativa das pétalas, para além dos paralelos decorativos em comum com SP65 1306 e SP65 5330 registam-se paralelos com prato (figura 16 – nº4 96/S2) exumado na Vila de Alcoutim datado do século XVII, um prato (ECS-1) de Chapel Street e outro (WST-3) de Wolster Street nas Ilhas Britânicas ambos com datação do século XVII, um prato da Rua Cândido Reis e por último um prato (CP/03-911) do Convento da Piedade na Madeira, também ambos do século XVII. (GRADIM, 2005, p. 195; CASIMIRO, 2010, p. 123, 302 e 579 e SOUSA, 2011, p. 354) Um outro paralelo foi identificado num prato (figura 189) proveniente dos trabalhos arqueológicos realizados na Igreja do Mártir Santo e Casa da Ermitoa. (PIMENTA e MENDES, 2017, p. 199)

Quanto à peça SP65 2121, decorada com o motivo dos aranhões reconheceram-se três paralelos decorativos, em dois pratos (CVD0111 e CVD0125) da Ponta do Leme Velho e num prato (BIST-10) da Bishop Street, com datações apontadas para o final do século XVII. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 66 e CASIMIRO, 2010, p. 419)

Quanto à decoração composta por aranhões, laços e crisântemos pintados a azul e vinoso, identificada na peça SP65 2115/2134 reconheceram-se maioritariamente paralelos decorativos pintados a azul. O fragmento preservado apenas apresenta a aba e uma reduzida parte do fundo que não permite dizer qual o motivo patente no seu centro,



e assim sendo os paralelos identificados apenas dizem respeito à decoração presente na aba deste prato. Nas Ilhas Britânicas encontramos paralelos com um prato (BPZ06-3) de Borthwick and Paynes Wharf, Borthwick Street, Deptford, SE8 datado do século XVIII (1720-1760), um prato (LMD97-1) de Lambeth Bridge House, Lambeth Road, London, SE1 com datação do século XVII (1625-1680), um prato (CST-41) de Castle Street com cronologia do século XVII (1600-1630) e um prato (DCT-1) e tigela (DCT-3) de Dublin Castle também datados do século XVII. (CASIMIRO, 2010, p. 154, 186, 278, 387 e 388) Também em Amesterdão e Hoorn nos Países Baixos encontramos paralelos decorativos com dois pratos. (BARTELS, 2003 como referido CASIMIRO, 2010, p. 633 e 634) Na Cabral Moncada Leilões registam-se dois pratos com decoração semelhante a SP65 2115/2134. (MONCADA, 2008 como referido em CASIMIRO, 2010, p. 590 e 629) Nos Museus Nacional do Azulejo, Nacional de Arte Antiga e Machado de Castro reconheceram-se quatro pratos em que esta decoração se encontra patente (MONTEIRO, 1994; CALADO, 2005; SANTOS, 1960 como referidos em CASIMIRO, 2010, p. 615, 616, 635 e 663), assim como um prato do Museu Nacional Soares dos Reis no Porto, com datação atribuída ao século XVII regista também este motivo decorativo. (SOUZA, 1970, p. 49) Os paralelos estendem também ao convento de Jesus em Setúbal onde se identificou um prato (CJ 08 AVE-2 11189) datado dos século XVI-XVII (1570-1610), ao convento de Santana de Leiria onde se registam cinco pratos (MS99/S7/170; MS00/PP/250/3258; MS00/S4/130/733/731 e MS99/S4/131/977; MS99/S7/188) com espectro cronológico do segundo e terceiro quartel do século XVII e no convento de S. Francisco de Lisboa, onde se reconheceram dois pratos (CSF/LX.93 363 e 364) também atribuíveis ao século XVII. (ALMEIDA, 2012, p. 454; TRINDADE, 2012, p. 183, 185 e 187 e TORRES, 2011, p. 408) Na intervenção arqueológica na Vila de Alcútem também se regista um prato (figura 9, nº20) na qual figura esta gramática decorativa. (GRADIM, 2005, p. 192) Outro arqueossítio que apresenta um prato (figura 7, peça 9) com esta decoração e datado de final do século XVI a final do século XVII, é a Avenida 5 de Outubro nº67-69, em Setúbal. (DUARTE e SILVA, 2014, p. 225) No Algarve, na Rua dos Peixeiros em Lagos, reconheceu-se um prato (complexo 67, nº14) datado do século XVIII com esta mesma temática. (OLIVEIRA, 2009, p. 7) Entre espólio recolhido do rio Tejo, regista-se um prato (figura 2 – G) com datação atribuída ao século XVII (1610-1660) que se inclui neste tipo de decoração. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 264) Na monografia de José Queirós encontra-se um prato (gravura 29) que apresenta paralelos decorativos com esta peça, inclusive nas suas cores atribuído ao século XVIII e proveniente de Lisboa.

(QUEIRÓS, 1987, p. 53) Este prato regista ainda paralelos decorativos com um prato fundo (3720) e onze pratos rasos (2552, 3825, 3826, 1050, 3824, 3832, 3831, 3817, 3830, 3829 e 3835) apenas pintados a azul provenientes do Mosteiro de São João de Tarouca e datados de inícios e meados do século XVII. (SEBASTIAN, 2015, p.279, 280, 334, 351, 352, 353, 354 e 362) Um outro paralelo decorativo regista-se no Convento de Nossa Senhora da Esperança nos Açores num prato (CNSE0010 CSSC-CB (221) com datação atribuída aos séculos XVII-XVIII. (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p.95)

Quanto ao prato SP65 1826/7573/7572(?) que apresenta um motivo de contas com seis elementos encontramos paralelos decorativos com prato (figura 96) do Museu de Viana do Castelo datado da segunda metade do século XVII, prato (figura 13) do Outeiro com cronologia do século XVII-XVIII, um prato (MRLX03/04 – 1298 – 080) do Forte de S. Paulo datado do final do século XVII, um prato (sem referência) do convento de Jesus em Setúbal, um prato (MS00/S1E/49/3114) do convento de Santana em Leiria e uma bacia (CSF/LX.93 276) e um covilhete (CSF/LX.93 280) datados dos séculos XVII-XVIII do convento de S. Francisco em Lisboa. (SANTOS, 1960, p. 126; LEITE e NUNES, 2008, p. 186; FERREIRA, 2015, p. 270; ALMEIDA, 2012, p. 455; TRINDADE, 2012, p. 207 e TORRES, 2011, p. 281 e 379)

No que respeita a peça SP65 3222 ornamentada com contas de três elementos, os paralelos são mais uma vez apenas decorativos. No Brasil, em Vila Flor reconheceu-se um prato datado do século XVII (1625-1675) que apresenta decoração similar à da peça em análise. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 265) Um outro paralelo existe num prato (Nº6195) proveniente de Coimbra e presente no Museu Nacional de Arte Antiga. (CALADO, 2005, p. 55) Na intervenção arqueológica realizada no Largo de Santos em Lisboa recolheu-se um prato com datação do século XVII com motivo decorativo semelhante a esta peça. (CASIMIRO, 2010, p. 555) Dois pratos (ME 6883 e ME 878) e uma terrina atribuídos às olarias de Lisboa e com datações de final do século XVII e do século XVIII apresentam esta decoração. (MANGUCCI, 2006, p. 1 e CASIMIRO, 2010, p. 598) Na Madeira, em Alfândega de Machico reconheceram-se um prato (figura 199 – ALF/00-4-41) e uma tigela (ALF/00-4-56) datados dos século XVII-XVIII. (SOUSA, 2006, p.104; SOUSA, 2011, p. 356 e 381) No Hospital de Todos-Os-Santos também foi possível identificar um prato (PF00.Q4/5(1113/1115)-0460) cronologicamente atribuído ao século XVII-XVIII semelhante a SP65 3222. (BARGÃO, 2015, p. 209) O Forte de S. Paulo também proporcionou um paralelo para esta peça com dois pratos (MRLX03/04 –

1337 – 063 e MRLX03/04 – 1298 – 080) datados do final do século XVII. (FERREIRA, 2015, p. 263 e 270) Um prato (figura 30 - BBARR-08/09-2277) oriundo do Beco das Barrelas, Alfama é outro possível paralelo. (OLIVEIRA, 2012, p. 82) No Vale de Alcântara foi exumada uma tigela (estampa 5, figura 28) com este motivo decorativo. (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 130) Em Setúbal, também se identificaram dois paralelos com um prato e uma tampa (figura 26 – 6 e 10) com cronologia atribuída aos séculos XVII-XVIII. (DUARTE, SOARES e SILVA, 2014, p. 357) Nos Museus de Viana do Castelo e Machado de Castro registam-se dois pratos (figura 97 e 98) que nos mostram paralelos com SP65 3222, datados do século XVIII. (SANTOS, 1960, p. 127) No convento de Jesus em Setúbal reconheceu-se uma taça (CJ 08 AVE-2 11013) e um prato (CJ 08 AVE-2 10994), ambos com datação do século XVII-XVIII (1660-1766). (ALMEIDA, 2012, p. 442 e 446) O convento de Santana em Leiria também apresenta dois paralelos para esta peça em um prato (MS00/S4/130/645) e uma tampa (MS99/PP/250/3268), ambos datados do último quartel do século XVII e século XVIII. (TRINDADE, 2012, p. 207 e 208) Três outros paralelos foram registados em um covilhete (CSF/LX.93 207), uma tampa (CSF/LX.93 313) e jarro (CSF/LX.93 321) com cronologias apontadas para o século XVII e XVIII no convento de S. Francisco em Lisboa. (TORRES, 2011, p. 356, 391 e 394) Por último, uma tampa (figura 3 – D) recolhida no rio Tejo e datada do século XVII (1660-1700) mostra decoração similar à presente em SP65 3222. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p.266)

A peça SP65 81, que também apresenta decoração de três contas, regista paralelos decorativos com as tigelas SP65 553 e SP65 644, o covilhete SP65 533/523/544 e o prato SP65 3222 do conjunto em estudo.

Para a peça SP65 3676/3712, que parece apresentar também decoração de contas, apenas foi identificado um paralelo com prato oriundo de Vila Flor no Brasil, datado do século XVII (1625-1675). (ALBUQUERQUE, 2008, p. 265)

Com a decoração de linhas rectas e onduladas alternadas, a peça SP65 2139 apresenta paralelos com uma taça (CJ 08 AVE-2 10066) datada do século XVII do convento de Jesus em Setúbal e três pratos e uma taça (CSF/LX.93 227, 228, 229 e 230) também datados do século XVII do convento de S. Francisco em Lisboa. (ALMEIDA, 2012, p. 443 e TORRES, 2011, p. 363 e 364)

No espólio recolhido do rio Tejo foi possível reconhecer um prato fundo (figura 5 – D) com datação atribuível aos séculos XVII, XVIII e XIX (1700-1850) com paralelos para as peças SP65 6998 e SP65 7017. (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 269)

### **3.7.8: Salseiras**

Para as salseiras aqui reconhecidas apenas se identificaram paralelos para a peça SP65 7041.

Encontra-se um primeiro paralelo com duas salseiras/especieiros provenientes dos trabalhos arqueológicos da Rua Buenos Aires (peças 43 e 44) com datação do século XVII. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)

No convento de Santana de Leiria também foi reconhecida uma peça datada do século XVII-XVIII (MS 99/S7/[188]) semelhante à SP65 7041. (TRINDADE, 2012, p. 226)

Por último, foi possível identificar um paralelo com uma peça, com cronologia do século XVIII (1700-1760) oriunda do convento de S. Francisco em Lisboa (CSF/LX.93/163). (TORRES, 2011, p. 340)

### **3.7.9: Tampas**

Para o grupo morfológico das tampas apenas foi possível identificar um paralelo morfológico para a peça SP65 460/613. O paralelo registado (peça HST-4) provém da High Street e foi atribuído ao século XVII (1620-1650) (E289) nas Ilhas Britânicas. (CASIMIRO, 2010, p. 428)

Devido às dimensões dos outros fragmentos que correspondem a esta tipologia morfológica, não se conseguiram reconhecer mais paralelos, nem morfológicos, nem decorativos.

### 3.7.10: Tigelas

Para a peça SP65 1307 com decoração de rendas encontramos paralelos decorativos com prato (CSF/LX.93 287) datado do século XVII (1640-1650) do convento de S. Francisco, tigela (figura 2, 28) da Rua Buenos Aires com datação atribuída ao século XVII, prato (CP/03-586) do convento da Piedade na Madeira datado dos séculos XVII-XVIII e prato (figura 3 – C) retirado do rio Tejo com cronologia atribuível ao século XVII (1660-1700). (TORRES, 2011, p. 383; BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 8; SOUSA, 2011, p. 351 e CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 266)

A peça SP65 3735/3233/3680/3232 decorada com semicírculos concêntricos no fundo regista paralelo decorativo com tigela (figura 4 – C) recolhida no rio Tejo datada do século XVII (1660-1700). (CASIMIRO e SEQUEIRA, 2016/2017, p. 268)

Quanto à peça SP65 424/446/447/637/423 também ornamentada com semicírculos concêntricos regista-se paralelo morfológico e decorativo com taça (CVD0053) da Ponta do Leme Velho datado do final do século XVII. (GOMES, CASIMIRO e GONÇALVES, 2012, p. 31) No convento de Santana de Leiria identificaram-se três tigelas (MS99/S4/133/111, MS99/S4/137/1191 e MS99/S4/133/1105, 1106, 1107 e 1108) com cronologia do segundo e terceiro quartel do século XVII. (TRINDADE, 2012, p. 169 e 171) O Forte de S. Paulo também apresenta uma tigela (MRLX03/04 – 1338 – 070) com decoração similar à peça em análise. (FERREIRA, 2015, p. 266) Os trabalhos arqueológicos na Rua Buenos Aires em Lisboa, retiram-se três tigelas (figura 2 – 31, 32 e 33) datadas do século XVII com decoração semelhante à peça SP65 424/446/447/637/423. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 8) Por fim, registam-se paralelos decorativos com duas tigelas (DCT-4 e DCT-5) de Dublin Castle nas Ilhas Britânicas datadas do século XVII. (CASIMIRO, 2010, p. 389)

Para a peça SP65 2163, que também apresenta decoração de semicírculos concêntricos regista-se um paralelo decorativo com uma tigela (estampa 5 – 32) do Vale de Alcântara e um paralelo morfológico com uma tigela (estampa 5 – 31) também do Vale de Alcântara, ambas datadas do século XVIII. (BATALHA e CARDOSO, 2013, p. 130)

Igualmente decoradas com o motivo decorativo semicírculos concêntricos, registam-se as peças SP65 554, SP65 1017, SP65 6260, SP65 7576 e SP65 7583, que parecem apresentar semelhanças decorativas com as peças 424/446/447/637/423 e SP65 2163.

Para as peças SP65 553 e SP65 644 decoradas com o tema contas de três elementos encontra-se paralelo morfológico com tigela (CJ 08 AVE-2 10603) do convento de Jesus em Setúbal e ainda paralelo decorativo com tigela (CJ 08 AVE-2 11013) deste mesmo convento datadas do século XVII (1660-1700) e do século XVII-XVIII (1660-1766) respectivamente. (ALMEIDA, 2012, p. 442) Outro dois paralelos decorativos foram identificados em duas tigelas (ALF/00-4-56 e figura 295 – ALF-00-4-50) da Alfândega de Machico na Madeira datadas do século XVII-XVIII. (SOUSA, 2011, p. 356; SOUSA, 2006, p. 142) Também foi registado um paralelo decorativo com um prato (CNSE0012 CSSC-CB (221) do Convento de Nossa Senhora da Esperança atribuído aos século XVII-XVIII. (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2017, p. 96)

Para a peça SP65 2142 decorada com semicírculo concêntricos de inspiração Oriental regista-se um paralelo morfológico com uma tigela (figura 3 – 58) proveniente da Rua Buenos Aires datada do século XVII. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)

Quanto às peças SP65 146/477/463/580 e SP65 1325, que apresentam decoração de elemento floral, encontram-se paralelos morfológicos com uma tigela (figura 3 – 63) com cronologia atribuída ao século XVII oriunda dos trabalhos arqueológicos da Rua Buenos Aires. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)

A peça SP65 6218 possivelmente decorada com cartelas de inspiração Oriental reconhece-se um paralelo morfológico com uma tigela (figura 3 – 57) originária da Rua Buenos Aires, atribuída ao século XVII. (BATALHA, CARDOSO, NETO, REBELO e SANTOS, 2012, p. 9)

Quanto à peça SP65 6069 que apresenta a decoração de apenas um “S” regista paralelos decorativos com uma tigela (CSF/LX.93 194) do convento de S. Francisco em Lisboa datada do século XVIII (1700-1760) e uma outra tigela (QP/01-12) da Quinta dos Padres na Madeira, também atribuída ao século XVIII. (TORRES, 2011, p. 350 e SOUSA, 2011, p.365)



Para a peça SP65 2530/2531 que apresenta possivelmente decoração em “zig zag” identificou-se um paralelo decorativo com uma tigela (CTM/03-9-14) da Casa da Travessa de Machico na Madeira com cronologia atribuível ao século XVII. (SOUSA, 2011, p. 368)

A peça SP65 2146 que apresenta decoração da Espada-Cruz da Ordem de Santiago, regista paralelos com os pratos SP65 529 e SP65 7017 deste conjunto, considerando-se assim que partilham dos mesmos paralelos.

Para as peças SP65 1330 e SP65 8007, decoradas com pétalas identificam-se paralelos decorativos com as peças SP65 2143, SP65 2546, SP65 3882, SP65 1306 e SP65 5330 deste grupo, atribuindo-se os mesmos paralelos decorativos.

Quanto às peças SP65 1023 e SP65 2148/2149 que apresentam decoração de rendas pintadas a azul encontram paralelos com prato (gravura 44) do Museu Nacional de Belas Artes com cronologia atribuível ao século XVII e oriundo de Lisboa. (QUEIRÓS, 1987, p. 60)

Por fim, reconhece-se um paralelo para a peça SP65 1323/467 numa tigela (CP/06-6-327) do convento da Piedade na Madeira datada do final do século XVII e inícios do século XVIII. (SOUSA, 2011, p. 356)

### **3.8: Datação das Faianças Portuguesas de Rua Serpa Pinto Nº65**

O conjunto de Faianças Portuguesas recolhido durante os trabalhos arqueológicos realizados na Rua Serpa Pinto Nº65 parecem corresponder,, através da observação das decorações presentes nestas, a um espectro cronológico que engloba um período que inicia na primeira metade do século XVII e se prolonga até ao século XVIII.

Embora não tenha sido possível catalogar morfológica e decorativamente, assim como identificar paralelos para todos os fragmentos que compõem este conjunto, através das peças reconhecíveis consegue-se obter um provável intervalo cronológico para este sítio arqueológico. A catalogação das peças foi realizada seguindo os períodos propostos por Tânia Casimiro (2013), contudo temos de ter em consideração que estas balizas cronológicas não são estanques e que os motivos decorativos podem abranger outros períodos, sejam estes anteriores ou posteriores.

O motivo decorativo mais identificado neste conjunto foram os motivos fitomórficos e geométricos simples, cuja produção é atribuída à segunda metade do século XVII e início do século XVIII (1660-1720). (CASIMIRO, 2013, p. 365) As peças caracterizam-se por apresentarem vidrados brancos pintados com a cor azul e pelas decorações de carácter mais simples, como espigas ou filete azuis nos bordos e fundos. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Outro motivo decorativo que também se encontra muito presente neste conjunto são os semicírculos concêntricos. Esta temática decorativa datada de meados e finais do século XVII (1635-1700) (CASIMIRO, 2013, p. 365), regista-se em peças cobertas de vidrado branco ou cinzento e pintadas a azul, maioritariamente pratos ou tigelas. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

A decoração pétalas e folhagem, outra das mais reconhecidas neste grupo, apresenta-se apenas em peças vidradas a branco e pintadas a azul. Tal como os semicírculos concêntricos, remonta a meados e ao final do século XVII (1635-1680) (CASIMIRO, 2013, p. 365), sendo possivelmente os motivos decorativos com cronologia mais recuada aqui presentes. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Para além das pétalas e folhagem, também foram identificados outras decorações de carácter vegetalista que apresentam potencialmente inspiração Oriental, representando

vegetação, flores ou frutas. Estas peças caracterizam-se pelos vidrados brancos e pintura azul. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Os elementos florais também se encontram presentes neste conjunto, comumente pintados nas cores azul e vinoso sobre vidrados brancos. Estas parecem corresponder a cronologias do final do século XVII e século XVIII. (SARDINHA, 1952, p. 11) (Anexos 2, 7 e 8)

Em algumas peças deste conjunto apresentam um tipo de decoração que se assemelha ao desenho miúdo, mas não se pode afirmar que seja este o motivo presente. Também correspondente à segunda metade do século XVII (1660-1700) (CASIMIRO, 2013, p. 365), estas peças apresentam vidrados de cor branca e pintura a azul. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Os aranhões também foram reconhecidos num grupo muito reduzido de objectos deste conjunto. Maioritariamente, os fragmentos apresentam vidrados brancos e pintura azul, eventualmente pertencendo a produções do início e meados do século XVII (1610-1660) (CASIMIRO, 2013, p. 365), tendo apenas sobrevivido o desenho das folhas, o que não permite especificar qual a combinação decorativa presente nestas peças. Foi ainda possível reconhecer aranhões pintados a azul e vinoso, combinados com laço e quatro flores a rodear uma flor individual. Este tipo de decoração parece ser característica de finais do século XVII e inícios do século XVIII (1660-1720) (CASIMIRO, 2013, p. 365) (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Outro motivo decorativo que remete para o final do século XVII e princípio do século XVIII (1660-1720) são as faixas barrocas (CASIMIRO, 2013, p. 365), que foram identificadas num número muito reduzido de fragmentos deste grupo. As peças mostram vidrados brancos com os elementos pintados a azul e vinoso. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

As rendas, atribuídas ao final século XVII (1660-1700) (CASIMIRO, 2013, p. 365), reconhecem-se num pequeno grupo de peças, cobertas por vidrados brancos ou cinzentos com os elementos pintados nas cores azul ou azul e vinoso. Por vezes encontram-se acompanhadas de outros pequenos motivos fitomórficos e geométricos. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Quanto às contas, datadas do final do século XVII até à segunda metade do século XVIII (1680-1767) (CASIMIRO, 2013, p. 365), estas também foram registadas num

conjunto reduzido de objectos deste grupo. As peças apresentam vidrados brancos com as decorações pintadas somente a azul ou azul e vinoso, representando seis ou apenas três elementos. Uma das peças identificadas com este motivo decorativo apresentava ainda características Orientais. (Anexos V, Figura 2, 7 e 8)

Uma grande porção das peças do conjunto apenas apresentava vidrados. Embora estes objectos iniciem a sua produção no século XVI, acabam por permanecer durante os séculos XVII e XVIII e possivelmente em períodos posteriores. Existe a possibilidade de alguns destes fragmentos colarem com fragmentos decorados, contudo estes não foram possíveis de identificar, o que claramente compromete os resultados presentes nesta dissertação.

No que respeita à distribuição de formas por U.E., as U.E. 1, 3, 4, 5, 6, 8, 30, 33, 35, 36, 37 e 50 e durante o acompanhamento da superfície das áreas 1, 2, 3, 6 e 7 foram as que registaram mais elementos de Faiança Portuguesa na sua composição. (Anexos V, Figuras 3)

Quanto à divisão dos vidrados e decorações por U.E., as U.E. 1, 4, 5, 6, 8, 30, 33, 35, 36 e 50 e durante o acompanhamento da superfície das área 1, 2, 3, 6 e 7 apresentam o maior número de fragmentos e peças exumadas. (Anexos V, Figuras 4)

Analisando os intervalos cronológicos presentes nas matrizes de Harris, estas também apontam para que os elementos de Faiança Portuguesa aqui presente pertençam aos séculos XVII e XVIII, embora através dos dados disponíveis algumas recuem até finais do século XVI ou se estendam ao séculos XIX e XX. O aparecimento de peças ou fragmentos de Faiança Portuguesa em ambientes mais recentes, podem estar relacionados com revolvimentos de terras ou nivelamentos para colocar pavimentos. (Anexos III, Figura 1, 2, 3, 6 e 7)

Os resultados aqui apresentados são claramente influenciados pelos trabalhos arqueológicos que não contemplaram a totalidade do espaço e pela fragmentação dos objectos, dificultando a identificação das suas formas e decorações e deixando em aberto a hipótese da existência de outros motivos decorativos e morfológicos que não foram registados. Coloca-se ainda a hipótese de que alguns dos fragmentos e peças que apenas apresentavam vidrados poderem colar com fragmentos decorados. No entanto, através das peças passíveis de serem reconhecidas, pode balizar-se a sua datação de entre meados

do século XVII e meados da segunda metade do século XVIII, correspondendo ao período de construção do palacete e consequente utilização.

## Conclusão

O sítio arqueológico Rua Serpa Pinto N°65 apresenta-nos uma pequena parte daquilo que seria a Época Moderna na cidade de Vila Franca de Xira, ainda que com algumas limitações relacionadas com condicionalismos dos trabalhos arqueológicos, informações acerca do local, mas também do conjunto de Faiança Portuguesa aqui estudado.

A intervenção arqueológica apenas contemplou algumas secções do espaço, o que limita o conhecimento acerca das ocupações presentes ou possivelmente presentes neste local. Contudo, foi possível identificar alguns elementos que nos permitem tirar algumas ilações acerca deste sítio.

Considera-se que a área 1 estaria relacionada directamente com a área 7, possivelmente uma zona comum. Registou-se uma tijoleira datada do século XVII e princípio do século XVIII, assim como uma pré-existência (U.E. 36), dois pavimentos e uma estrutura. Os níveis superiores pertenceriam aos finais do século XVI e inícios do século XVII, enquanto os planos inferiores foram atribuídos aos séculos XV e XVI. A área sob a tijoleira estaria relacionada com uma cozinha ou espaço para confeccionar alimentos, com datação de entre o século XV aos inícios do século XVII. Os pavimentos de cal ou desinfecção não se encontravam num bom estado de conservação nesta zona, mas são camadas de ocupação. (PINTO, 2005, p. 41 e 42)

Quanto à área 2, identificaram-se depósitos de lixeira transversais a vários períodos de ocupação. Não se apresentam conclusões para a existência da estrutura identificada, sendo possivelmente de uma época em que se realizaram modificações. O aparecimento de água durante os trabalhos, não permitiu que se retirassem muitas conclusões acerca deste espaço. (PINTO, 2005, p. 43 e 44)

A área 3 seria eventualmente uma zona exterior como um pátio com uma calçada de pedra. O espaço foi perturbado com a construção de estruturas ligadas ao palacete, encontrando-se ainda em utilização ou não. Não é possível estabelecer uma ligação com as áreas 1 e 7, mas como o espólio encontrado sob este espaço pertenceria aos séculos XVI e XVII estaria relacionado com a edificação com interior de tijoleira. (PINTO, 2005, p. 49)

Quanto à área 4, não se conseguiu avançar com uma proposta para qual a sua função, mas seria uma zona externa dos espaços internos das áreas 1, 5 e 7. O pavimento de cal e a estrutura 13 consistiriam em níveis de entulhamento. Os níveis inferiores aparentariam ser depósitos correspondentes aos séculos XVII e anteriores. (PINTO, 2005, p. 52)

Considera-se que a área 5 corresponderia a uma zona delimitada a norte distinta da limitada pelo palacete. Não se apresentam muitas conclusões acerca deste espaço, uma vez que não foi intervencionado em profundidade e não se terem identificado estruturas ou realidades arqueológicas. (PINTO, 2005, p. 54)

Para a área 6, juntamente com o depósito intervencionado e o estudo do espólio recolhido, foi proposto que esta zona seria um espaço de lixeira com cronologia atribuível ao final da Idade Média e princípio da Época Moderna com faianças pertencentes aos séculos XVII e XVIII. Em conjunto com a parte norte da área 7, esta zona seria uma lixeira e espaço de entulhamento correspondente ao palacete. (PINTO, 2005, p. 56)

Na área 7 foram identificados vários depósitos de superfície, possivelmente entulhamento utilizado para nivelar o assentamento da tijoleira, encontrando-se muito perturbado. Sobrepunha-se a outros depósitos, provavelmente lixeiras pertencentes aos séculos XVII e XVIII, produzidos antes ou depois da construção do palacete. Uma estrutura identificada nos quadrados A e AA8 seria posterior ao século XVIII. O pavimento de calcário reconhecido aqui pertenceria ao palacete. Existem evidências da existência de outro possível palacete, de cronologia mais recuada. Uma tijoleira foi identificada com correlação a estas estruturas, mas não se conseguiu perceber uma função. Os entulhamentos utilizados para nivelamento corresponderiam ao século XVII, devido ao espólio que se registou nestes níveis. Outra pré-existência com pavimentos de terra, cal e camadas de ocupação foi reconhecida sob a tijoleira e um compartimento com duas estruturas da área 7 e uma estrutura da área 1. O espólio exumado deste espaço aponta para a conclusão de que seria uma cozinha, datada do século XV e XVI. (PINTO, 2005, p. 65)

Neste sítio arqueológico, registam-se então possíveis evidências de que para além do palacete edificado no século XVIII, o local já fora alvo de ocupações anteriores, atestadas pelos vestígios de uma construção anterior na área 7 e de uma área

de cozinha. Contudo, uma vez que o espaço não foi totalmente intervencionada, isso pode comprometer as ilações retiradas.

Quanto às evidências da presença de Faianças Portuguesas em Vila Franca de Xira, reconhecem-se em escassos sítios arqueológicos, nomeadamente em Vila Franca de Xira, Alverca, Alhandra e no rio Tejo. Os arqueossítios da Rua Serpa Pinto Nº65, Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa em Vila Franca de Xira e o rio Tejo, são os que apresentam mais vestígios deste tipo de cerâmica.

As Faianças Portuguesas provenientes do sítio arqueológico Rua Serpa Pinto Nº65 encontram-se muito fragmentadas, o que dificultou em parte o seu estudo e poderá comprometer os resultados aqui apresentados.

As pastas não apresentam uma alargada variedade de cores, concentrando-se nas cores amarelas e rosadas/salmão com variações nos seus tons. Mostram no geral boa qualidade, contendo uma quantidade intermédia de elementos não-plásticos, existindo excepções que apresentam um elevado número destes constituintes ou não os exibindo de todo.

Também os vidrados patentes nestas peças e fragmentos mostram no geral ter uma boa qualidade, apresentando-se na sua maioria brilhantes e sem elevado grau de porosidade. No entanto, registam-se algumas ocorrências de vidrados baços ou quebradiços.

Embora uma parte deste conjunto apenas se encontre vidrada, não mostrando qualquer tipo de decoração, na sua maioria, as peças e fragmentos ostentam pinturas nas cores azul ou azul e vinoso, sendo que as primeiras foram identificadas em maior número. Os desenhos presentes nestes objectos apresentam uma grande diversidade de temáticas, concentrando-se principalmente em motivos de natureza vegetalista, fitomórficos e geométricos e semicírculos concêntricos.

Embora os materiais se encontrassem muito danificados, foi possível estabelecer diversos paralelos morfológicos e decorativos para as peças aqui presentes, que se registam principalmente em sítios arqueológicos localizados em Portugal, identificando-se pontualmente paralelos em arqueossítios situados no estrangeiro.

Quanto à sua proveniência, as suas pastas parecem apontar para produções realizadas nas olarias de Lisboa. A proximidade evidente entre as duas cidades também



parece apontar para essa origem, no entanto sem análises mais profundas às pastas não se pode atestar com certeza as suas origens.

Através da análise das decorações presentes nas peças e fragmentos e da identificação dos paralelos morfológicos e decorativos estabeleceu-se como intervalo cronológico para este conjunto o período correspondente aos século XVII e século XVIII. Contudo, é necessário ter em conta que muitas vezes as morfologias e elementos decorativos presentes nestas peças são continuidades, o que pode comprometer a atribuição de cronologias.

Existe ainda a possibilidade deste sítio arqueológico se enquadrar no contexto pertencente ao terramoto de 1755, hipótese que não pode ser colocada de parte, embora não se tenham verificado referências que apontem directamente para esta conclusão. Contudo, a presença de várias peças que se encontram completas e de o palacete ter sido edificado durante o século XVIII, parecem contribuir também para este pressuposto.

O trabalho realizado neste local arqueológico apresenta-nos evidências de elevada importância para o conhecimento daquilo que seria a Época Moderna na cidade de Vila Franca de Xira. No entanto, se observarmos a extensão da cidade de Vila Franca de Xira, percebemos que estes vestígios representam uma parte muito pequena daquilo que seria esta cidade durante a Modernidade, apenas possibilitando a percepção de uma visão limitada.

O conjunto de Faianças Portuguesas estudado nesta dissertação apenas representa uma pequena percentagem do extenso volume de espólio retirado durante os trabalhos arqueológicos neste local, e estudado individualmente, somente permite que se cheguem a limitadas conclusões acerca deste espaço e do tipo de consumos cerâmicos respeitantes a este.

Este sítio arqueológico requer um estudo mais profundo, que contemple os restantes materiais arqueológicos provenientes deste espaço e que possibilitará a apresentação de novas perspectivas e conclusões alusivas ao sítio, mas também à sua dinâmica interna e com a remanescente cidade.

Esta dissertação tentou assim apresentar alguns pequenos elementos para o conhecimento e compreensão tanto do espaço correspondente ao palacete do século XVIII e suas pré-existências, como também da cidade de Vila Franca de Xira. Contudo,

o conhecimento acerca da Época Moderna nesta cidade ainda se encontra numa fase muito inicial e existe um longo caminho a percorrer para que se possa compreender melhor esta urbe.

## Bibliografia e Webgrafia

- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza (2008) – “A Faiança Portuguesa – demarcador cronológico na arqueologia brasileira” in *Actas das 4ª jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Coordenação de João Manuel Diogo, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, p. 221-270.
- AMARAL, João José Miguel Ferreira da Silva (1851) - *Ofertas Históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para a instrução dos vindouros*, I e II volume, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira.
- ALMEIDA, Mariana (2012) - *Convento de Jesus (Setúbal), Arqueologia e História: faiança decorada*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- ARAÚJO, João Gonçalves e OLIVEIRA, N'zinga (2017) – *Fragmentos do quotidiano conventual: o contributo do espólio arqueológico do convento Nossa Senhora da Esperança (Século XVI-XIX)*, Santa Casa da Misericórdia das Velas, Centro de História de Aquém e Além-Mar (CHAM), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. (Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/27143> (consultado em: 21/06/2018))
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo e SANTOS, Raquel (2012) – *Portuguese faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisbon (17th-18th centuries)*. Sem local.
- BATALHA, Luísa e CARDOSO, Guilherme (2013) – *Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel)*, EMERITA Lda.
- CALADO, R. (2005) – *Faiança portuguesa: Roteiro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 1ª edição.
- CAMACHO, Clara (1985) - "De Alverca à Castanheira - Cinco vilas da Estremadura através das corografias setecentistas" in *Boletim Cultural Cira*, nº1, Câmara Municipal

de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, p.97 - 106.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2010) - *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (Dos Finais do Século XVI aos Inícios do Século XVIII)*, Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2011) - "Estudo de espólio de habitação setecentista em Lisboa" in *O Arqueólogo Português*, série V, nº 1, p. 689 - 726.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) - "Faiança Portuguesa: datação e evolução cronostilística" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 16, p.351 - 367.

CASIMIRO, Tânia e SEQUEIRA, João (2016/2017) – “Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada do Tejo” in *Cira Arqueologia 5*, Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, p. 260-273.

CASTRO, Padre João Baptista de (1762) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, tomo Primeiro e Terceiro.

COELHO, Inês Pinto e BUGALHÃO, Jacinta (2015) – “Cerâmica” in *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*, Coordenação de Jacinta Bugalhão, Lisboa, Centro de História de Aquém e Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores.

COSTA, Padre António Carvalho da (1712) – *Corografia Portuguesa e Descrição topográfica do famoso Reyno de Portugal com as noticias das fundações das Cidades, Villas e lugares que contem: varoens ilustres, genealogias das famílias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios e outras curiosas observaçoens*, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, tomo Terceiro.

- DUARTE, Susana; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2014) - "Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões nºs 38 e 40 (Setúbal e sismo de 1755)" in *Setúbal Arqueológica*, volume 15, p.341 - 372.
- DUARTE, Susana e SILVA, Carlos Tavares (2014) – “Faianças Portuguesas em contexto de lixeira da Setúbal Moderna” in *Musa*, volume 4, p.215-228.
- ETCHEVARNE, Carlos (2007) – “A faiança portuguesa do século XVII na Bahia” in *Património*. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, volume 10, p. 118-123.
- FERREIRA, Maria Mulize; PINTO, Marina Paiva (2001) - *Os materiais datantes da Ermida do Mártir Santo (Vila Franca de Xira)*, nº3, p.74 - 87.
- FERREIRA, Sara (2015) – *O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FREIRE, António de Oliveira (1739) – *Descripçam Corografica do Reyno de Portugal*, Lisboa Ocidental, Officina de Miguel Rodrigues.
- GRADIM, Alexandra (2005) – “Um conjunto de Faianças da Vila de Alcoutim” in *Portugália*, série 2, volume XXVI, Porto, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, p. 175-205.
- GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GONÇALVES, Joana (2012) – *Espólio do Naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde). Contributo para a Arqueologia da Expansão*, Instituto de Arqueologia e Paleociências, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.
- LEITE, Joana e NUNES, Manuel (2008) – “Intervenção arqueológica no Cabeço do Outeiro: uma ocupação rural dos séculos XVII-XVIII”, in *Oppidum*, número especial, sem local, p.177 – 194.

LIMA, D. Luiz Caetano de (1736) – *Geografia Histórica*, Lisboa Ocidental, oficina de Joseph Antonio da Sylva, tomo Segundo.

LUCAS, Maria Miguel (2003) - "Vila Franca de Xira: História, Urbanismo e Identidade" in *Vila Franca de Xira, Tempos dos Rio, Ecos da Terra*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira p.99 - 116.

MANGUCCI, A. (2006) – “Da louça ordinária e não tão ordinária que se fazia em Lisboa em 1767” in *Cenáculo, Boletim on-line do Museu de Évora*, p. 1-8.

MUNSELL (1994) – *Munsell Soil Color Chartes*. Macbeth Division of Kollmorgen Instruments Corporation, Nova Iorque, Estados Unidos da América.

OLIVEIRA, Carlos de (2009) - "Um silo de Época Moderna na Rua dos Peixeiros (Lagos). Estudo do conjunto cerâmico" in *XELB*, 10, p. 1 a 19.

OLIVEIRA, Filipe Alexandre Santos (2012) - *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2007) – “A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira)” in *Alverca Da Terra às Gentes*. Coordenação de Graça Soares Nunes, catálogo da exposição, Museu Municipal: Núcleo de Alverca, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, p. 53-67.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2017) – *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira.

PINTO, Maria Adelaide (2005) - *Serpa Pinto 65 Intervenção Arqueológica - Relatório Final*, Crivarque, Lda.

QUEIRÓS, José (1987) – *Cerâmica Portuguesa e outros estudos* (organização, apresentação, notas e adenda iconografia à edição de 1907 por José Manuel Garcia e Orlando da Rocha Pinto), 3º edição, Presença, Lisboa.

RAIMUNDO, Orlando (2010) - *Vila Franca de Xira - Saber mais sobre - Museus do Concelho*, Vila Franca de Xira.

SANDÃO, Arthur de (1988) – *A faiança portuguesa: séculos XVIII e XIX*. Lisboa, Civilização.

SANTOS, Reynaldo dos (1960) – *Faiança Portuguesa: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Livraria Gala.

SARDINHA, Dr. Laureano (1952) – *Faianças Artísticas, Tapeçarias de Arraiolos e Arqueologia*, Museu Municipal de Portalegre, Portalegre, p. 10 a 27.

SEBASTIAN, Luís (2010) - *A Produção Oleira de Faiança em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SEBASTIAN, Luís (2015) – *A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca*, Direcção Regional de Cultura do Norte, Vale do Varosa, Lamego.

SOUZA, José de Campos (1970) – “A loiça brasonada no arranjo dos interiores portugueses dos séculos XVI a XIX” in *Arqueologia e História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, série 9, volume 2, p. 35-65.

SOUSA, Élvio (2006) – *Arqueologia da cidade de Machico, a construção do quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII*, Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, Machico.

SOUSA, Élvio (2011) - *Ilhas de Arqueologia, O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*, volume I e II, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

TRINDADE, Ana (2012) - *Convento de Santana de Leiria: história, vivências e cultura material (Cerâmicas dos séculos XVI a XVIII)*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

TORRES, Joana (2011) - *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança Portuguesa e porcelana Chinesa*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3074865> (consultado dia 9/10/2017)

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=3074863&vs=3074865> (consultado dia 9/10/2017)

[https://www.google.pt/search?q=nucleo+sede+museu+municipal+de+vila+franca+de+xira&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixzKH2zo7XAhVIthQKHfmwA4UQ\\_AUICygC&biw=1368&bih=807#imgrc=hO-Bcz\\_ulYCu8M](https://www.google.pt/search?q=nucleo+sede+museu+municipal+de+vila+franca+de+xira&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixzKH2zo7XAhVIthQKHfmwA4UQ_AUICygC&biw=1368&bih=807#imgrc=hO-Bcz_ulYCu8M) (consultado dia 26/10/2017)



## Anexos I – Catálogo da Faiança Portuguesa

SP65 7022

Fragmento de bacia preservando porção do bordo.

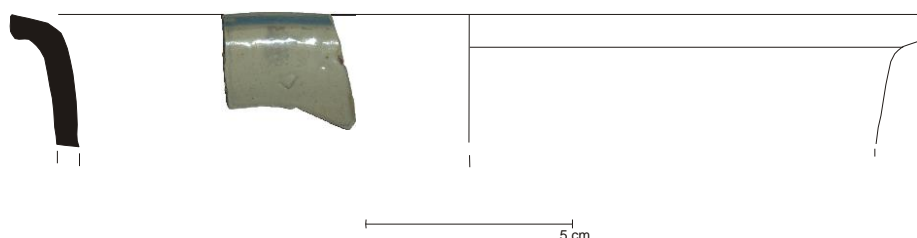
Bordo em aba exvertida, com lábio de secção rectangular. Corpo com forma tronco-cónica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul de filete na parte interior do lábio.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 3,1 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 6, Q./, U.E. 1.



SP65 7434

Fragmentos de bacia preservando o perfil completo.

Bordo em aba exvertido de lábio arredondado. Corpo de morfologia tronco-cónica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 23 cm. Diâmetro do fundo: 18 cm no fundo. Espessura da parede: 0,4-1,2 cm. Altura total: 7,4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Acompanhamento de superfície.



SP65 517 (cola com SP65 459?)

Fragmento de morfologia indeterminada (castiçal?).

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco.

Diâmetro: indeterminado. Espessura da parede: 0,5-1,4 cm. Altura preservada: 1,3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais:

- SP65 517: Área 7; Q. A, AA, AB9; U.E. 5;
- SP65 459: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 533/523/544

Fragmentos de covilhete preservando o perfil completo.

Bordo em bisel duplo exvertido. Corpo de morfologia tronco-cônica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso de contas no exterior e linha junto ao bordo no interior.

Diâmetro do bordo: 15,2 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm. Altura total: 3,5 cm.

Cronologia: finais do século XVII e século XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A, AA, AB9; U.E. 5.



SP65 567

Fragmento de covilhete preservando o perfil completo.

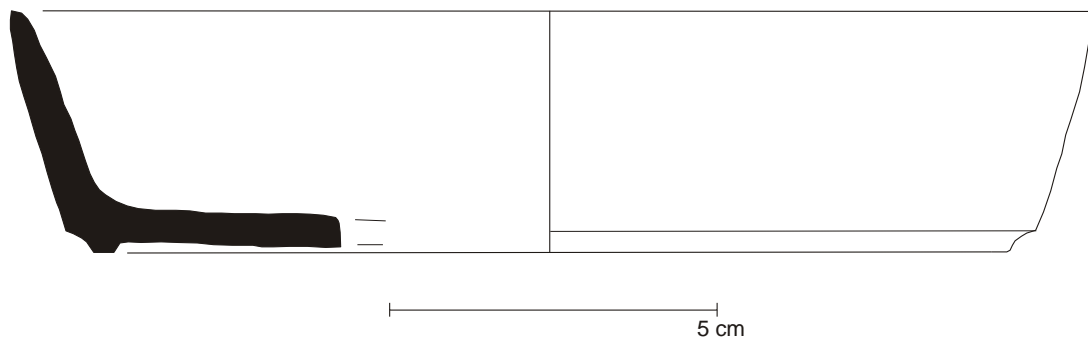
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia tronco-cônico. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 16,4 cm. Diâmetro do fundo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3-0,8 cm. Altura total: 3,7 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E.5.



SP65 1000

Fragmento de covilhete preservando o perfil quase completo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia tronco-cônica.

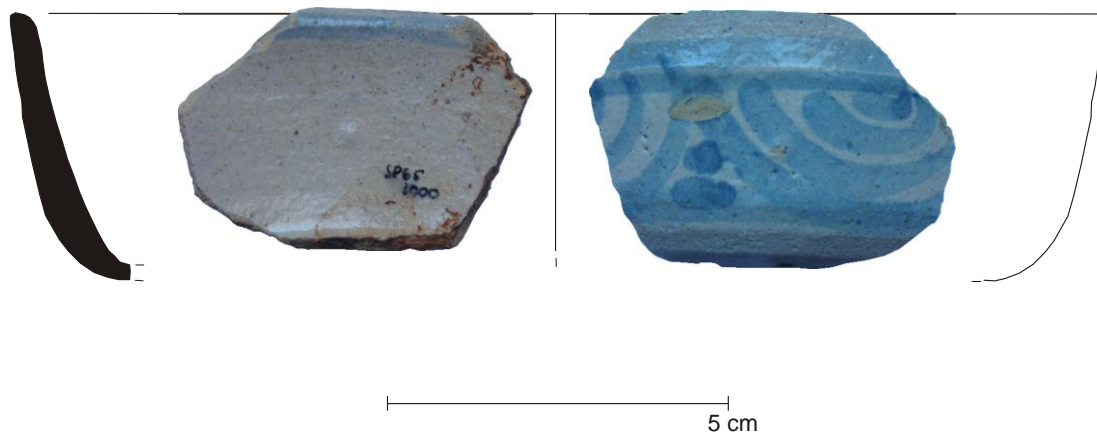
Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado acinzentado com pintura azul.

Decoração: semicírculos concêntricos no exterior e linha no interior do bordo.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,2-0,6 cm. Altura preservada: 3,9 cm

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q.A8,9; U.E.6.



SP65 521

Fragmento de escudela preservando porção do bordo e asa.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia esférica (?). Asa horizontal.

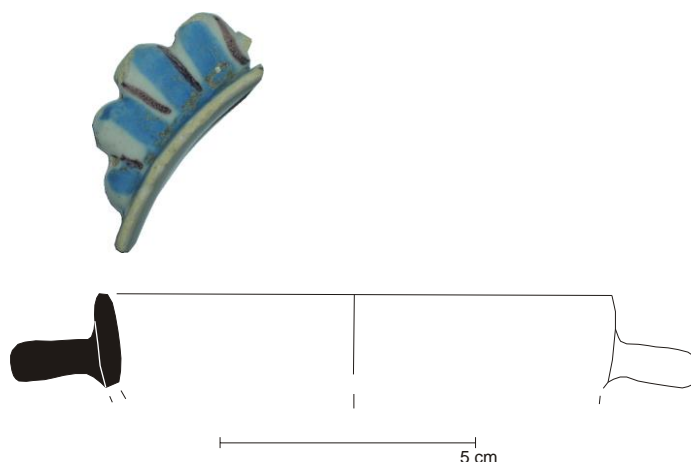
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: linhas intercaladas grossas e finas na asa.

Diâmetro do bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,3 cm. Espessura da asa: 1,8 cm. Altura preservada: 1,8 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A, AA, AB9; U.E. 5.



SP65 5312

Fragmento de jarro (?) preservando porção da asa.

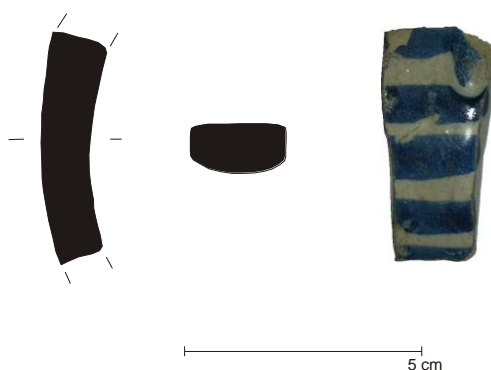
Asa vertical em fita.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: linhas horizontais.

Diâmetro indeterminado. Espessura da parede: 1-1,1 cm. Largura: 2 cm. Altura preservada: 4,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 1; Q. A3; U.E. 78.



SP65 643 (cola com 423?)

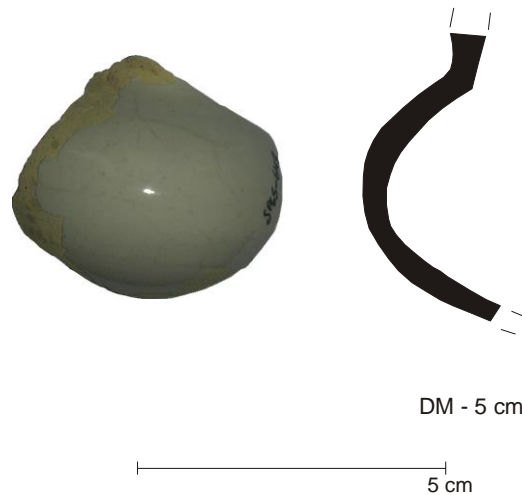
Fragmento de morfologia indeterminada, possivelmente parede (maçaneta?).

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco.

Diâmetro: 5 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 4,6 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 629

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

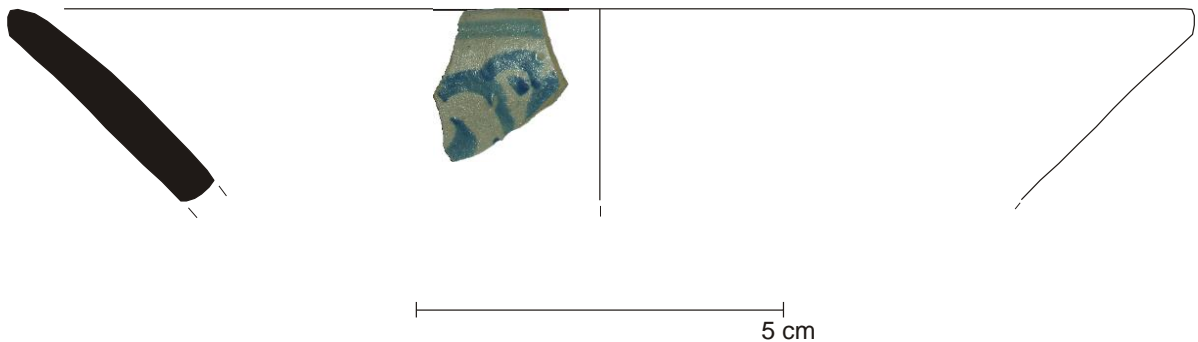
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia cônica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Altura preservada: 2,8 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



#### SP65 967

Fragmento de prato fundo preservando o perfil completo.

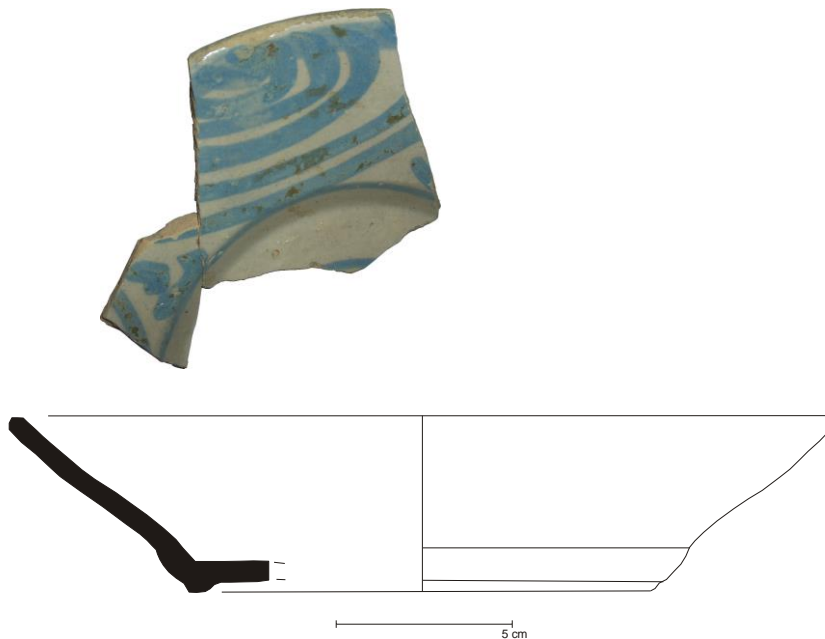
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 23,2 cm. Diâmetro do 13 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura total: 4,9 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 6.



#### SP65 977

Fragmento de prato fundo preservando o perfil completo.

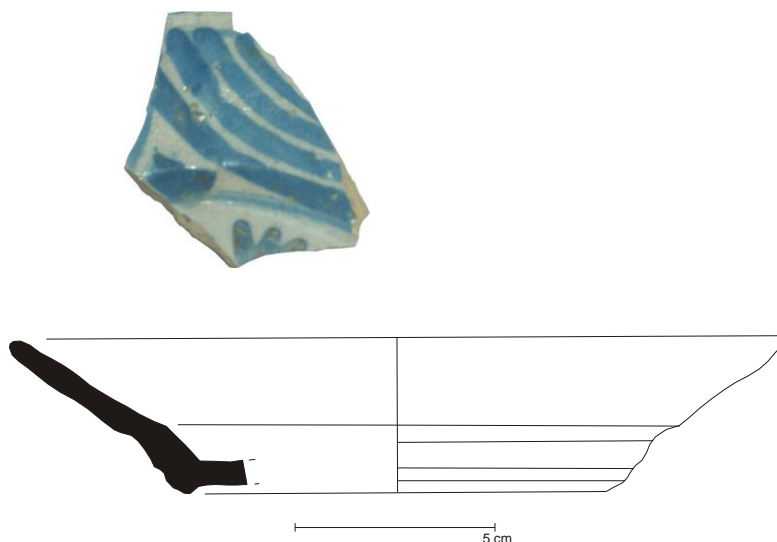
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 19,2 cm. Diâmetro do fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura total: 3,9 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 6.



#### SP65 1031

Fragmento de prato fundo preservando porção do fundo.

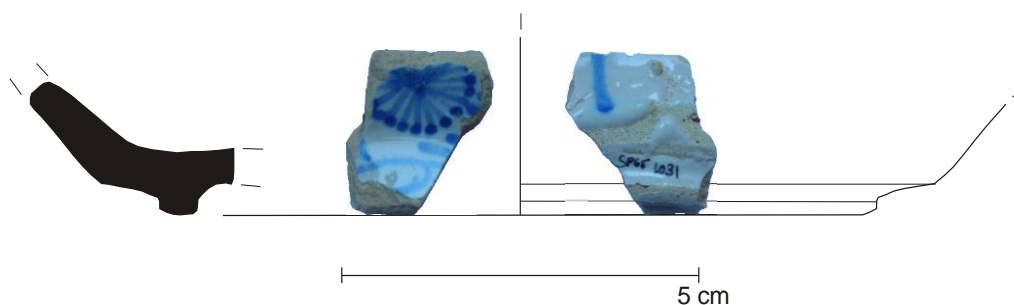
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: crisântemos.

Diâmetro do fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 6.



#### SP65 1306

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

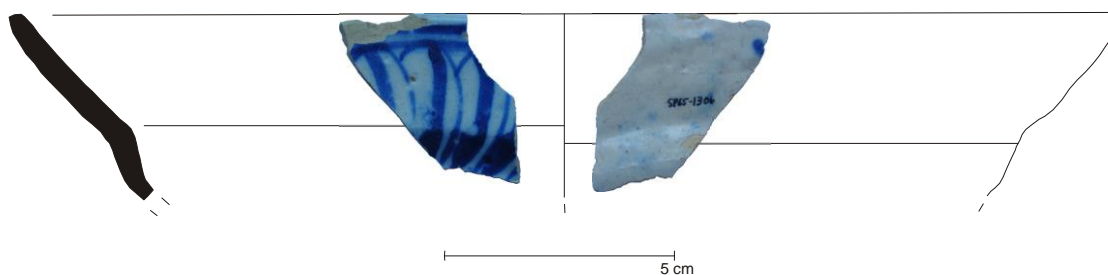
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do bordo: 24 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 4 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. D5; U.E. 8.



#### SP65 1822

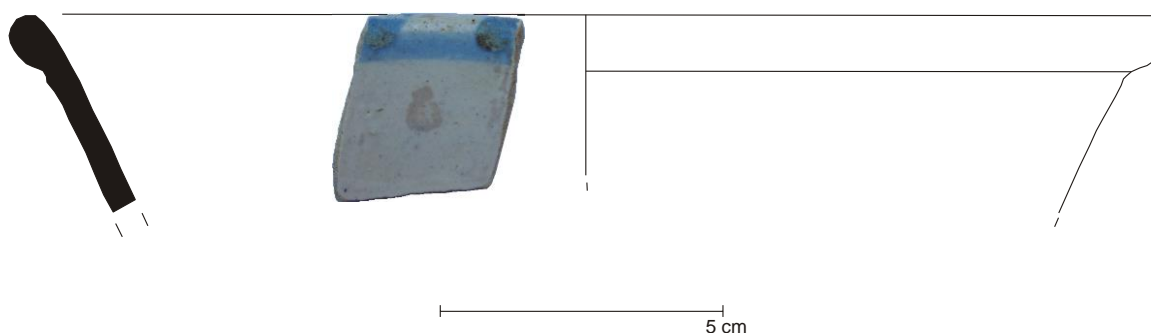
Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: linha e pontos no bordo.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 3,7 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B7 e 6/A6; U.E. 31.



#### SP65 2151

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

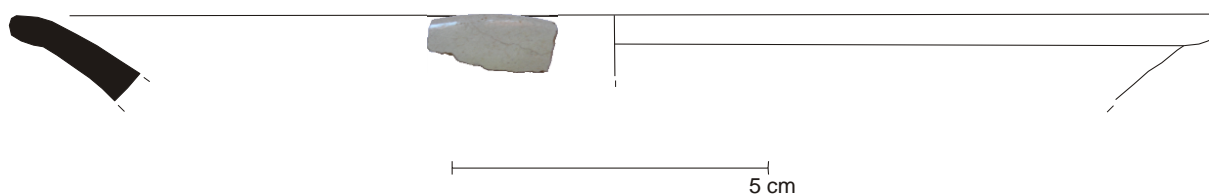
Bordo redondo.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 19 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 1,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6; U.E. 35.





SP65 2165

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

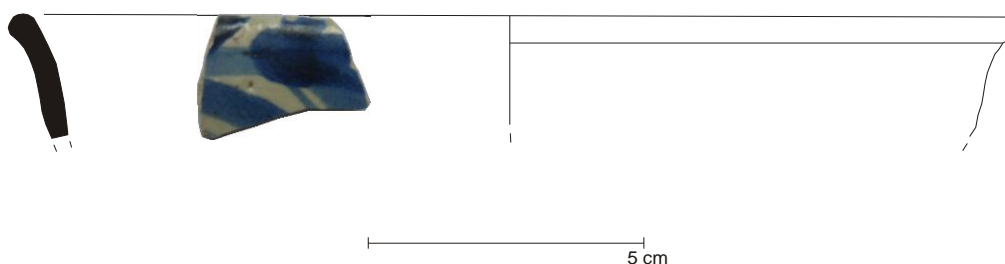
Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 2,9 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6/B6,7; U.E. 35.



SP65 2524

Fragmento de prato fundo preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Fundo de pé anelar.

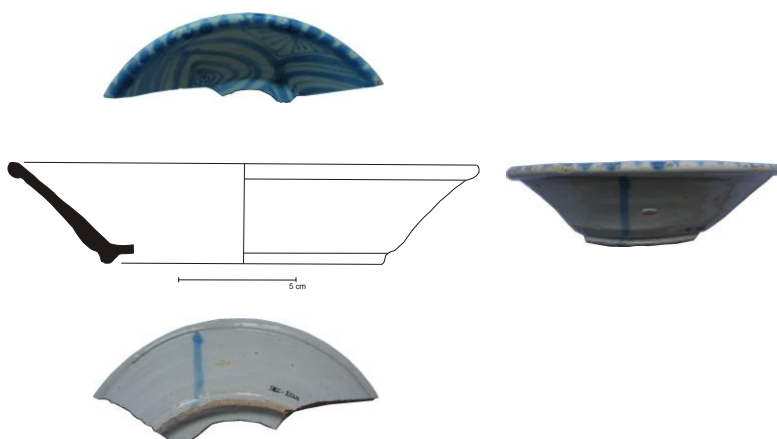
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: círculos no interior e linha no exterior.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3-0,8 cm.

Altura total: 4,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2525

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

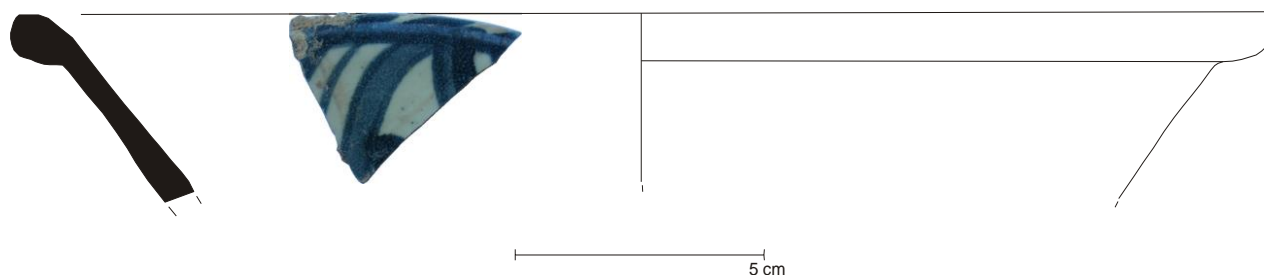
Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 25 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 4 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2543

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

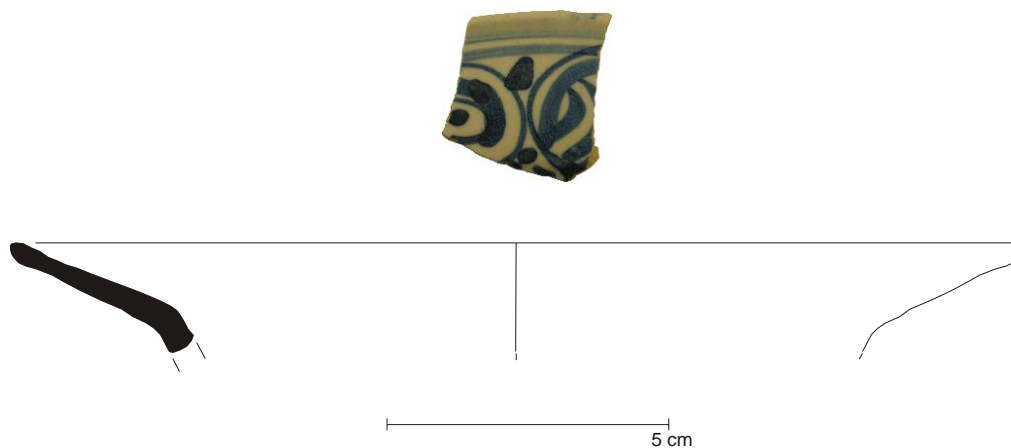
Bordo redondo.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista, Influência Oriental (?).

Diâmetro do bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 (?)).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B5; U.E. 36.



SP65 4102

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

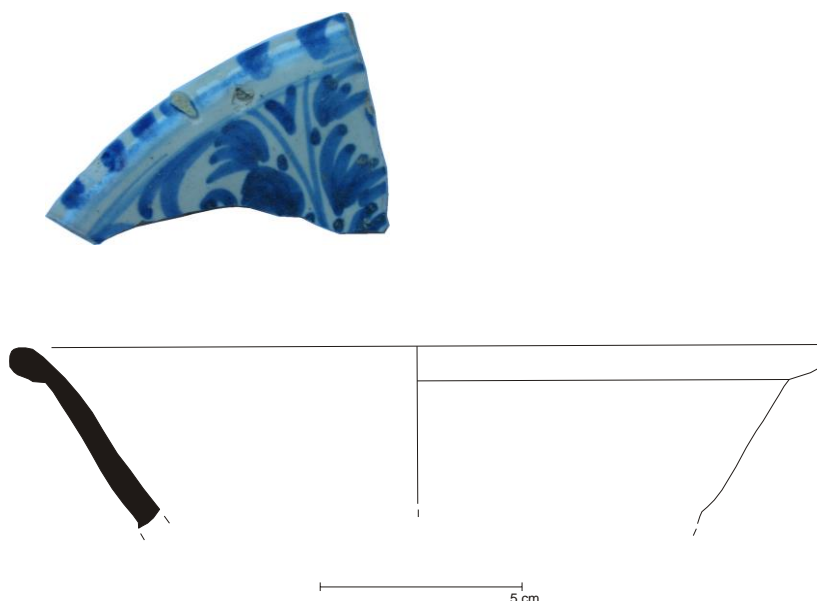
Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista, Influência Oriental (?).

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 4,8 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 ?).

Indicações contextuais: Área 1; Q. C4; U.E. 49.



SP65 4104

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

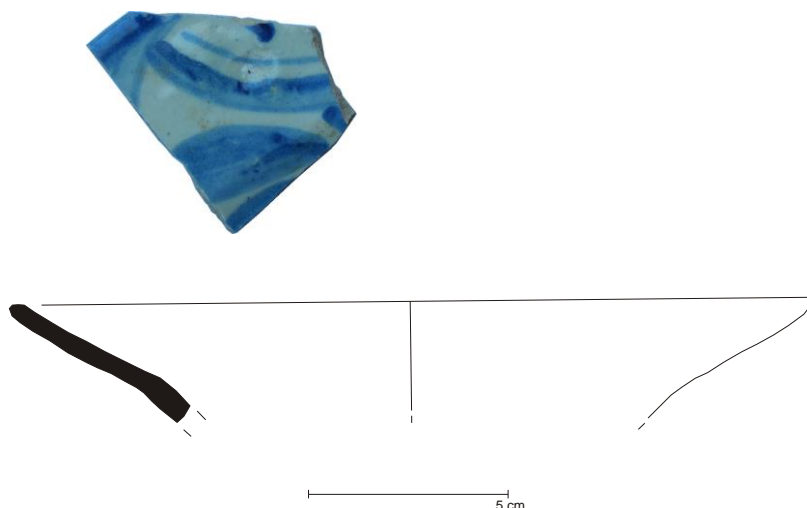
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia cônica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,4-0,6 cm. Altura preservada: 3,2 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 1; Q. C4; U.E. 49.



#### SP65 5330

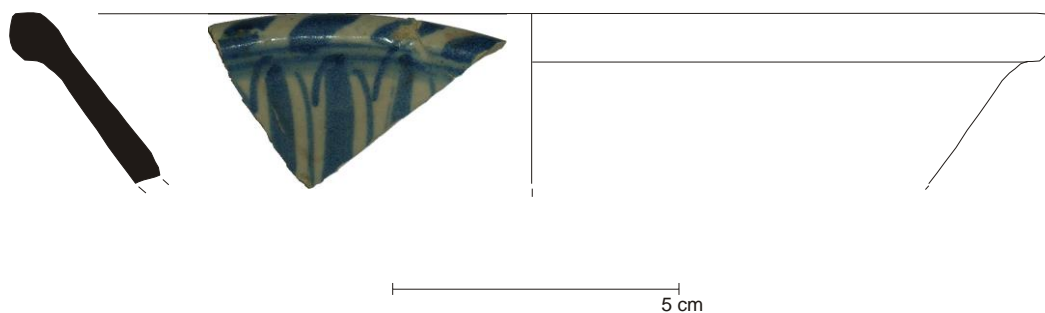
Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4-0,8 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 1; Q. B4; U.E. 79.



#### SP65 6259

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

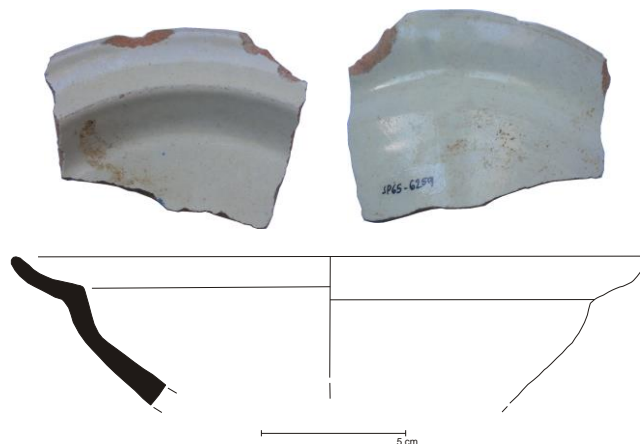
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica com carena interior.

Pasta de cor laranja claro (Munsell 2.5yr6/4). Vidrado cinzento.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 5,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q9 e 10; U.E. 1.



SP65 6731

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: contas no interior e linha no exterior.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,3-0,4 cm. Altura preservada: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 3; Q. O8; U.E. 19.



SP65 7574

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

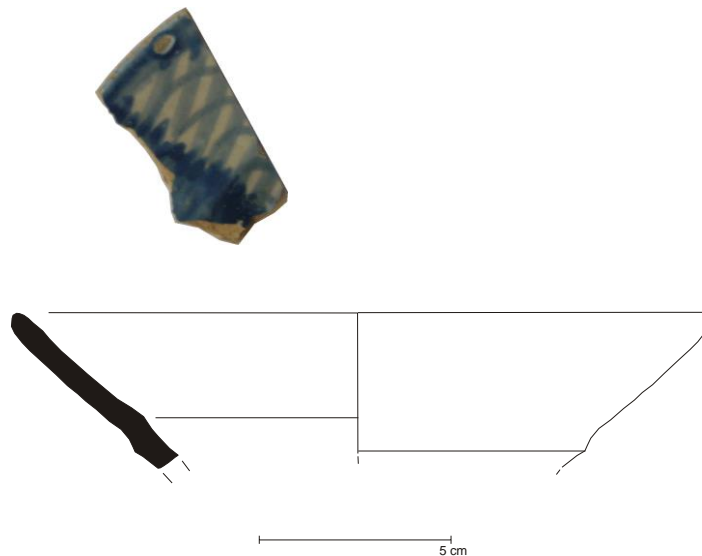
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,6-0,7 cm. Altura preservada: 4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7586

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

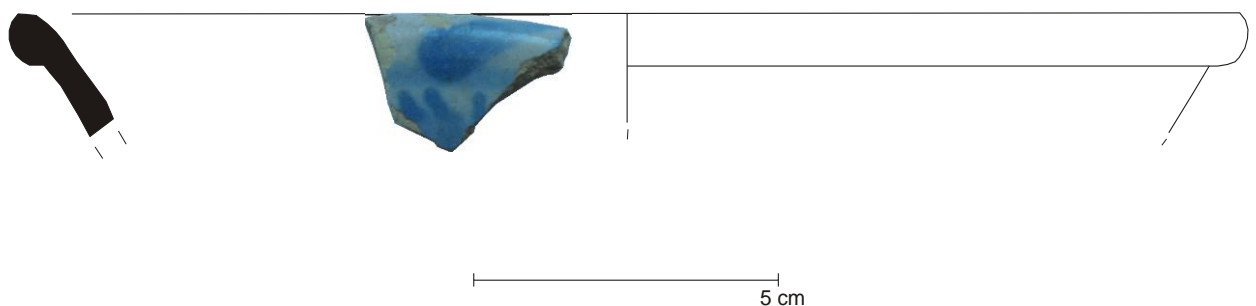
Bordo de espessamento exterior exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7710

Fragmento de prato fundo preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo em

pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos no interior e linhas no exterior.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm.

Altura total: 4,7 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Recolha Superfície.



SP65 7965

Fragmento de prato fundo preservando porção do bordo.

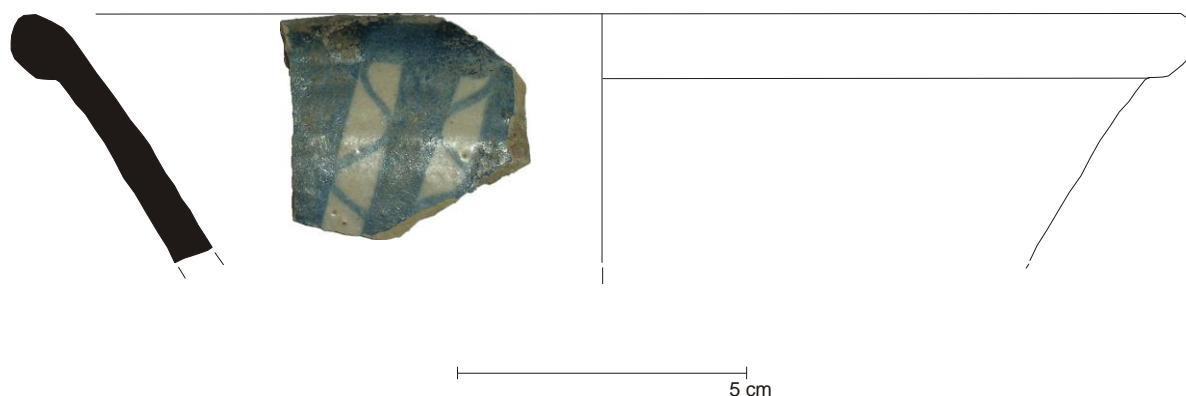
Bordo de espessamento exterior exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: linhas rectas e linhas onduladas.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,6-0,9 cm. Altura preservada: 5,2 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Recolha Superfície.



SP65 8000

Fragmento de prato fundo preservando porção do fundo.

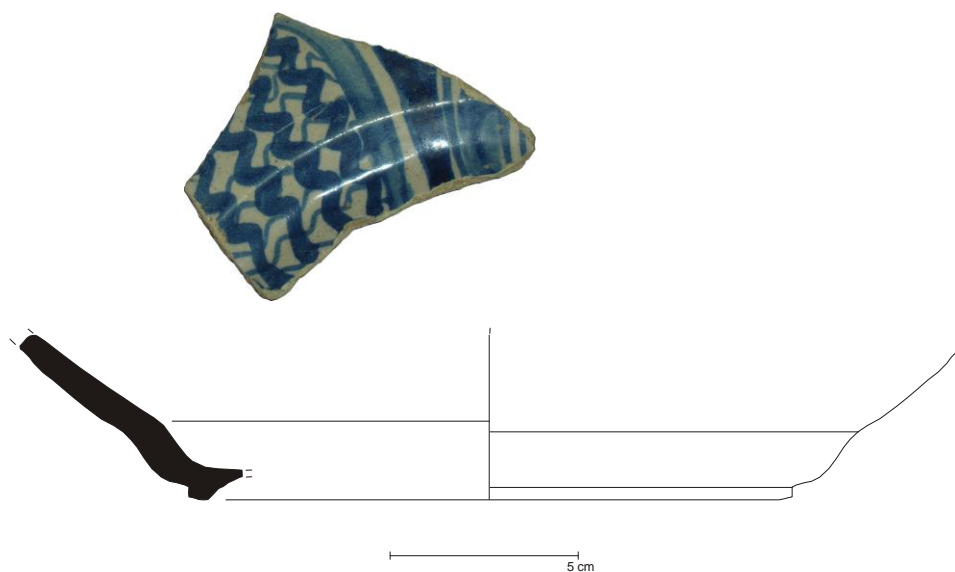
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 16 cm. Espessura da parede: 0,2-0,9 cm. Altura preservada: 4,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Recolha Superfície.



SP65 81

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

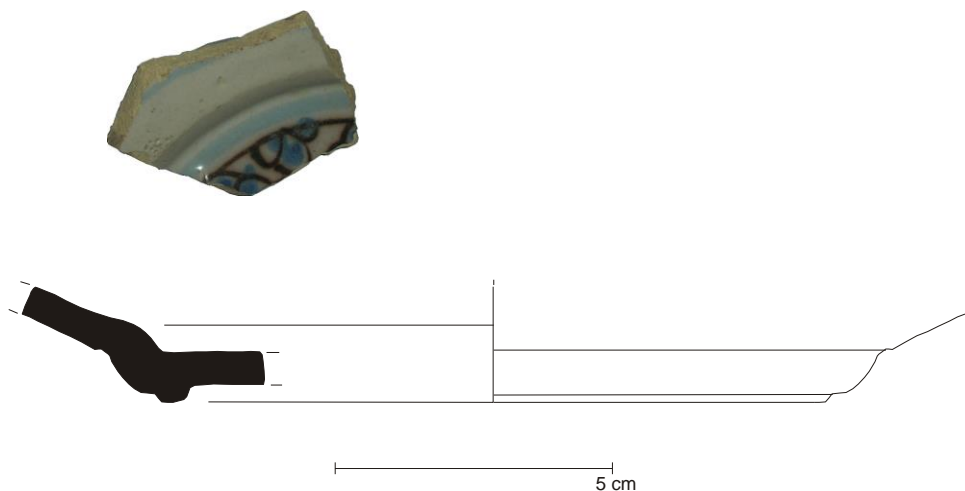
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso. Decoração: contas.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,6-0,9 cm. Altura preservada: 2,1 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).



Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 3.



SP65 143

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

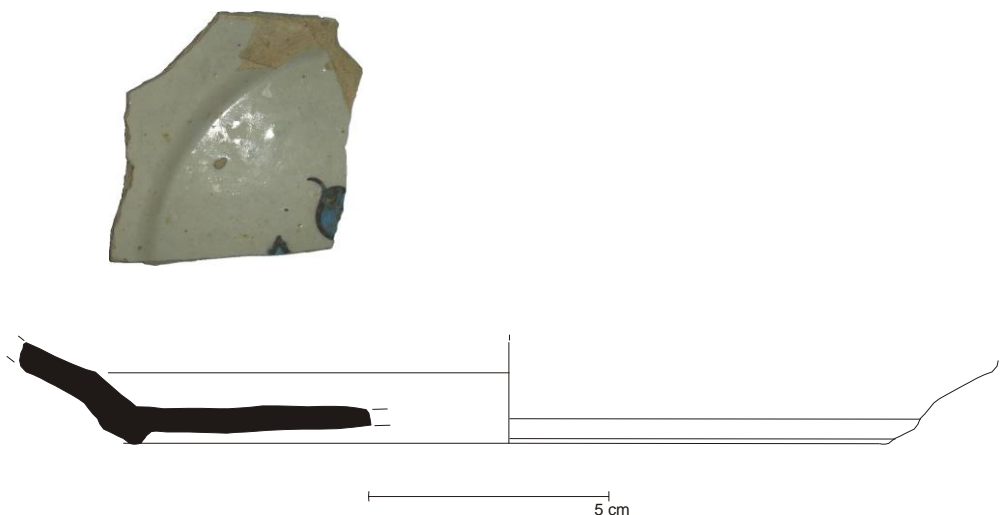
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: elemento floral.

Diâmetro do fundo: 16 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 2,1 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 1; Q. AA8,9; U.E. 4.



SP65 490

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

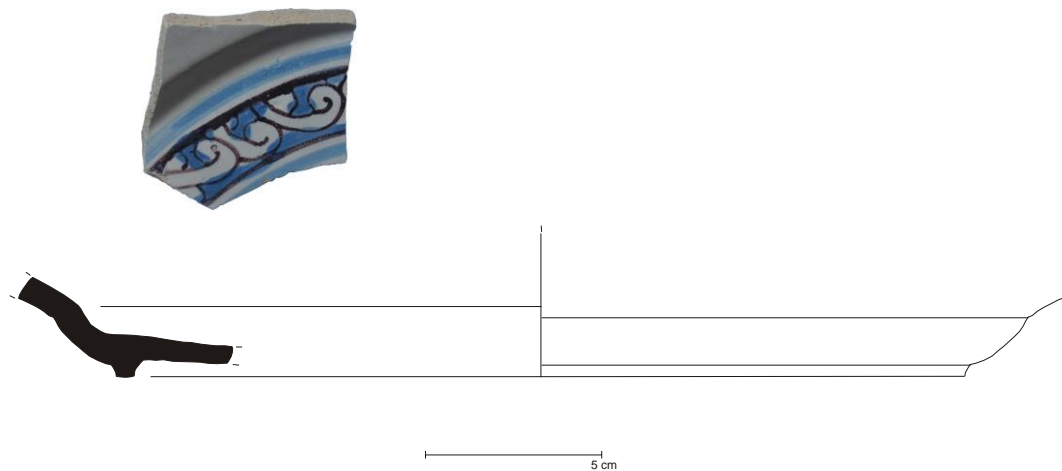
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: faixa barroca ou volutas.

Diâmetro do fundo: 24 cm. Espessura da parede: 0,5-1,2 cm. Altura preservada: 1,9 cm.

Cronologia: século XVII e XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 3.



SP65 510/536

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

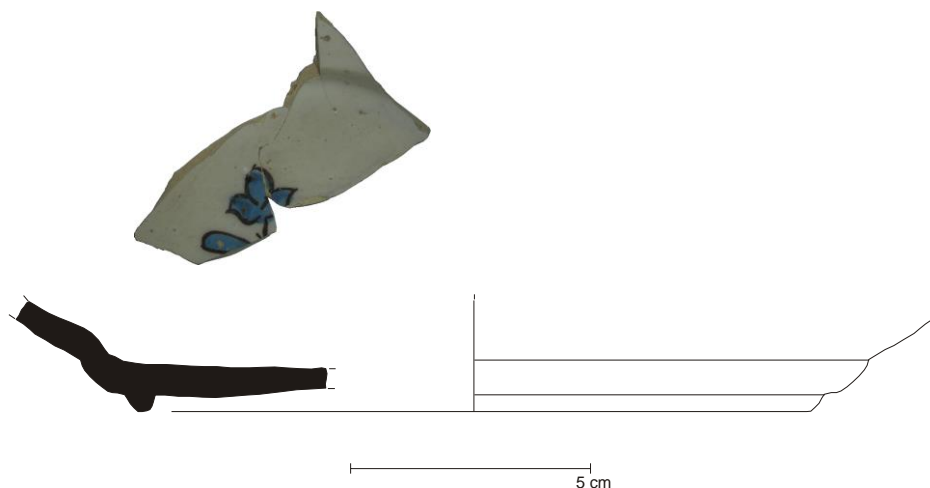
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: elemento floral.

Diâmetro do fundo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4-1 cm. Altura preservada: 2,4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5.



SP65 529

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: Espada-Cruz da Ordem de Santiago.

Diâmetro do bordo: 20,5 cm. Diâmetro do fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,6-0,9 cm. Altura total: 3,4 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5.



SP65 532

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-1 cm. Altura total: 3,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5.



SP65 582

Fragmento de parto raso preservando porção do fundo.

Fundo de pé anelar.

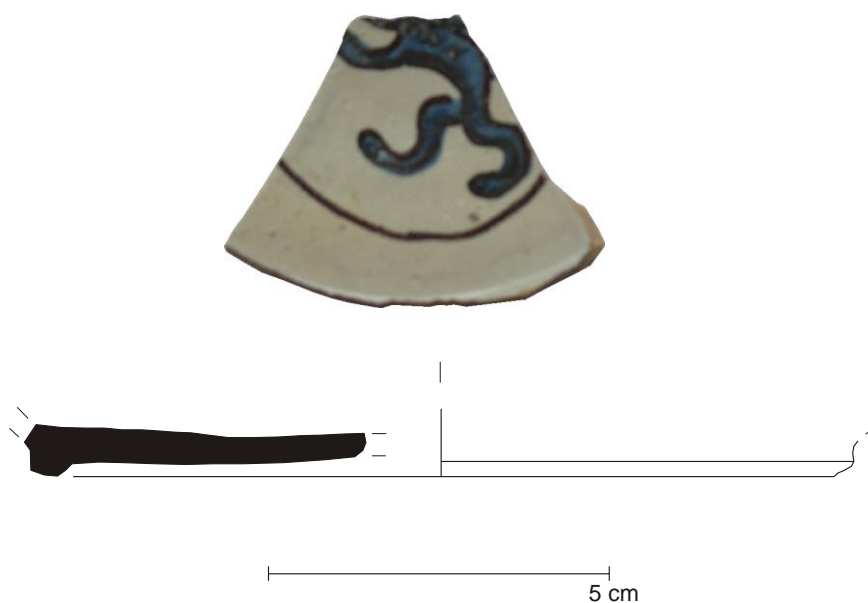
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: Brasão da família Silva.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,7 cm. Altura preservada: 0,7 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 673

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

Bordo redondo exvertido.

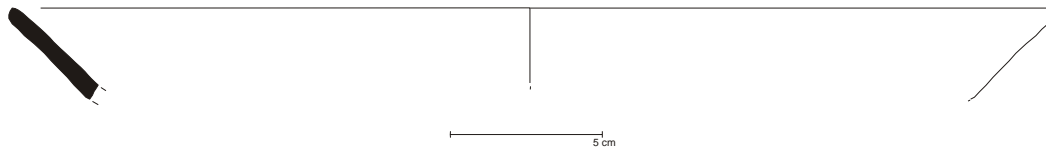
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: faixa barroca ou volutas.

Diâmetro do bordo: 34 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 3,7 cm.

Cronologia: século XVII e XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 998

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

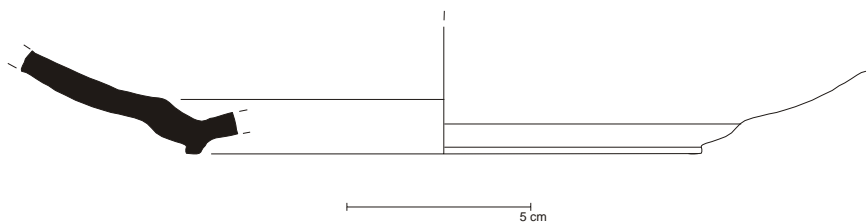
Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 14 cm. Espessura da parede: 0,6-0,9 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 6.



SP65 1824

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: montanhas (paisagem naturalista), influência Oriental (?).

Diâmetro do fundo: 18 cm. Espessura da parede: 0,4-0,8 cm. Altura preservada: 1 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B7 e 6/A6; U.E. 31.



SP65 1826/7573 (cola com 7572 ?)

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

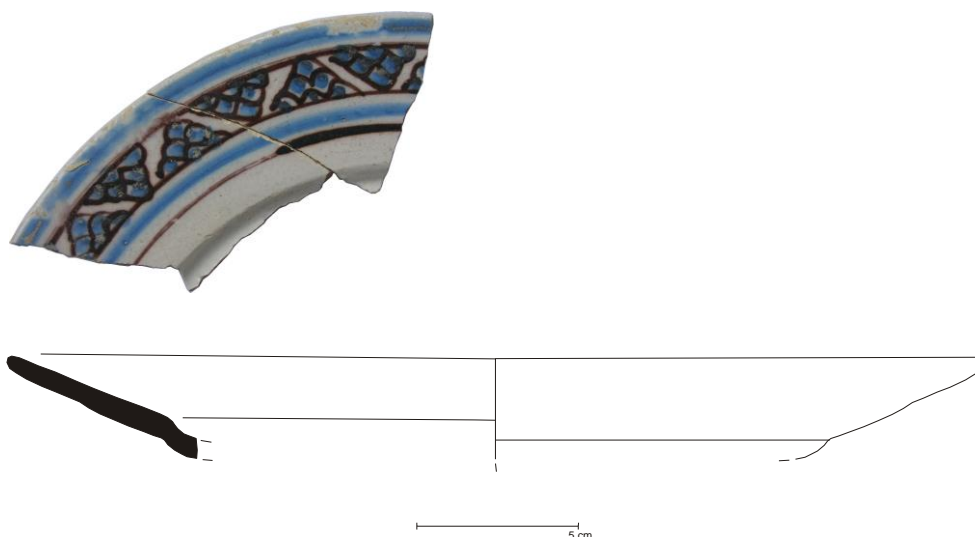
Decoração: contas.

Diâmetro do bordo: 30 cm. Espessura da parede: 0,6-0,7 cm. Altura preservada: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII e XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais:

- SP65 1826 – Área 7; Q. B7 e 6/A6; U.E. 31;
- SP65 7573 e 7572 – Área 7/Acompanhamento;



SP65 2115/2134

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

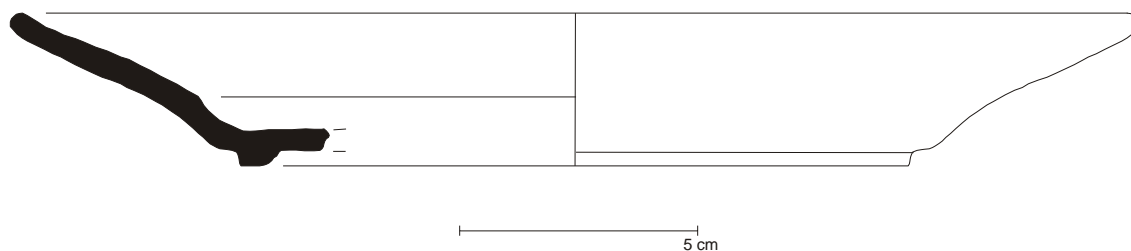
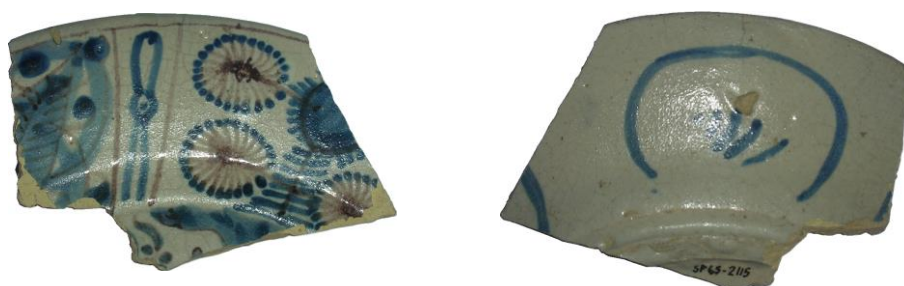
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: Aranhões, laço e flor rodeada por outras quatro no interior, círculos com cinco linhas no exterior.

Diâmetro do bordo: 23,5 cm. Diâmetro do fundo: 14 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura total: 3,1 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2121

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

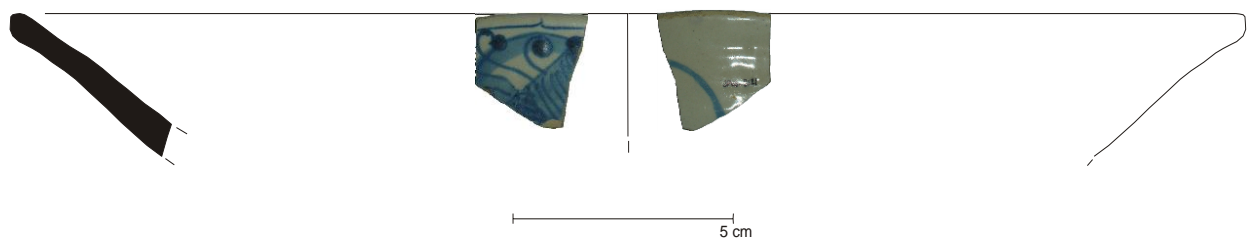
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: aranhões no interior e indeterminada no exterior.

Diâmetro do bordo: 28 cm. Espessura de parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII (1610-1635;1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2139

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

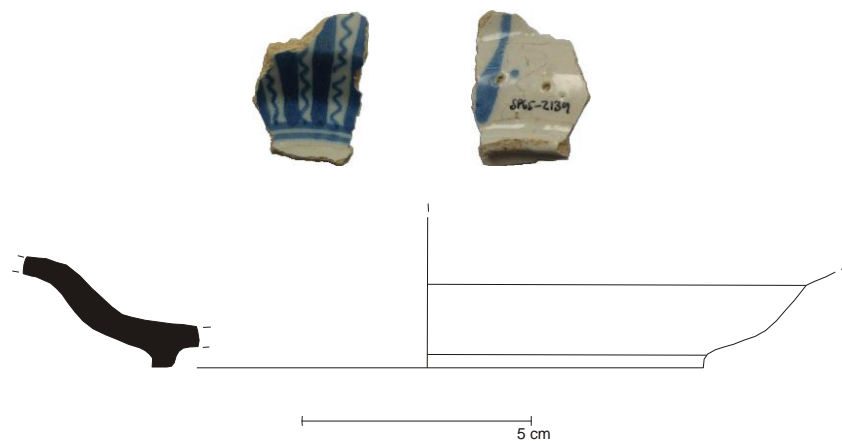
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: linha rectas e onduladas.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-1 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q.B6; U.E. 35.





SP65 2141

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

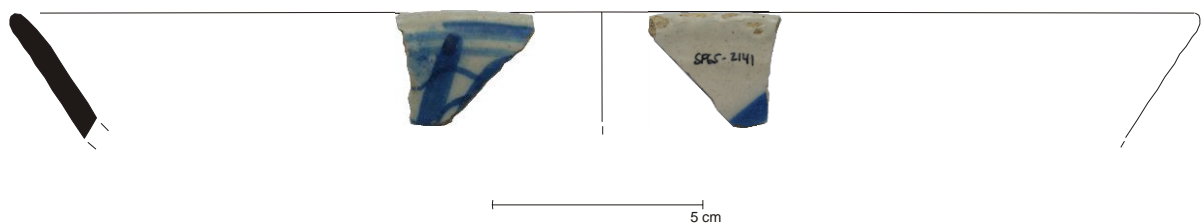
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: antropomórfico (dedo (?)) no interior e indeterminada no exterior.

Diâmetro do bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2143

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

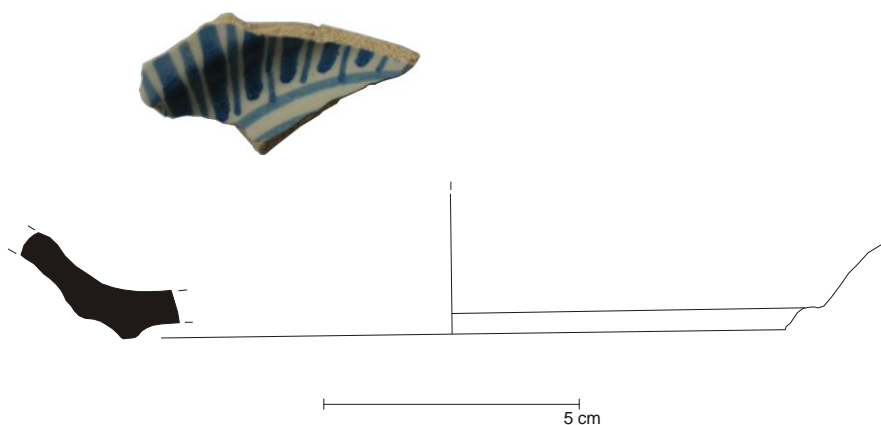
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,6-0,9 cm. Altura preservada: 2,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2164

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

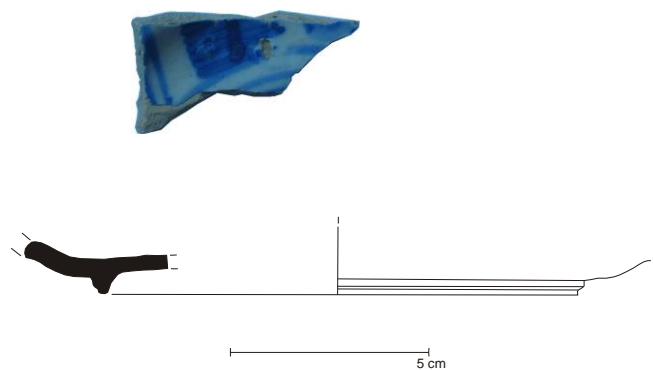
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 1,3 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6/B6,7; U.E. 35.



SP65 2167

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

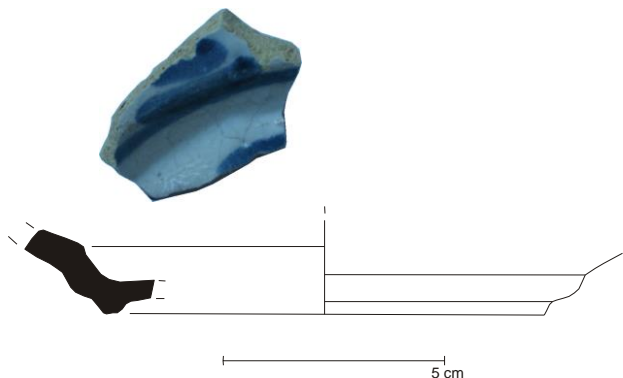
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,4-0,8 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6/B6,7; U.E. 35.



SP65 2526

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

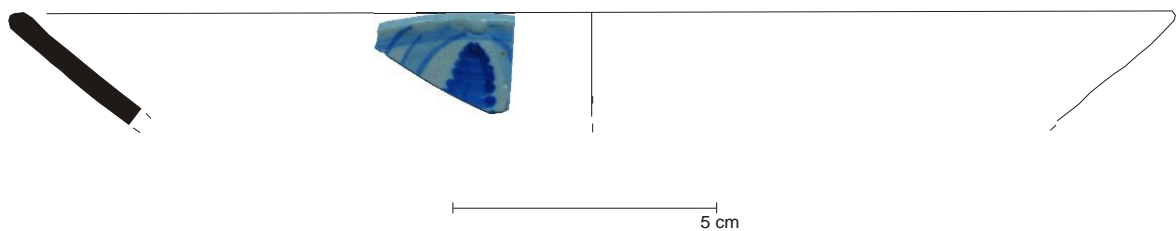
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2528

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

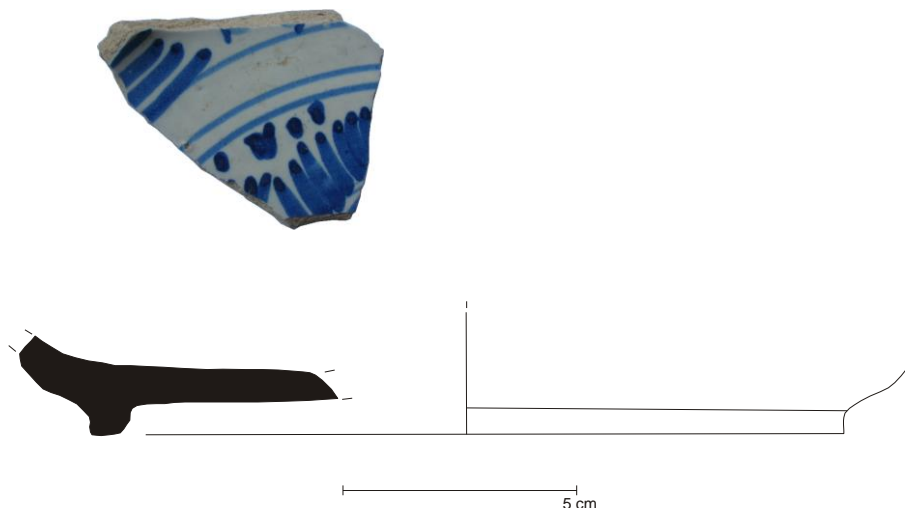
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista.

Diâmetro do fundo: 16 cm. Espessura da parede: 0,7-1,5 cm. Altura preservada: 2,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 ?).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2546

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

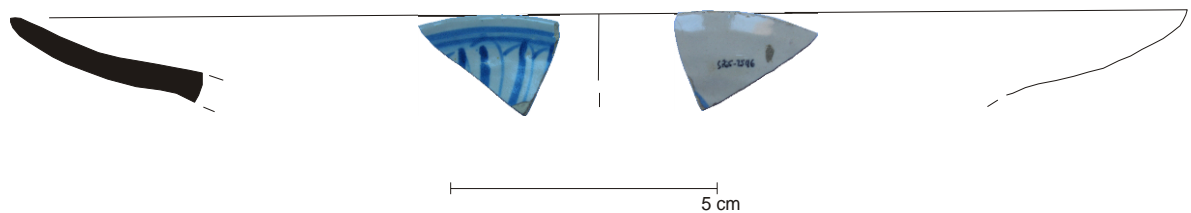
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 1,8 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. C5; U.E.36.



SP65 3222

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

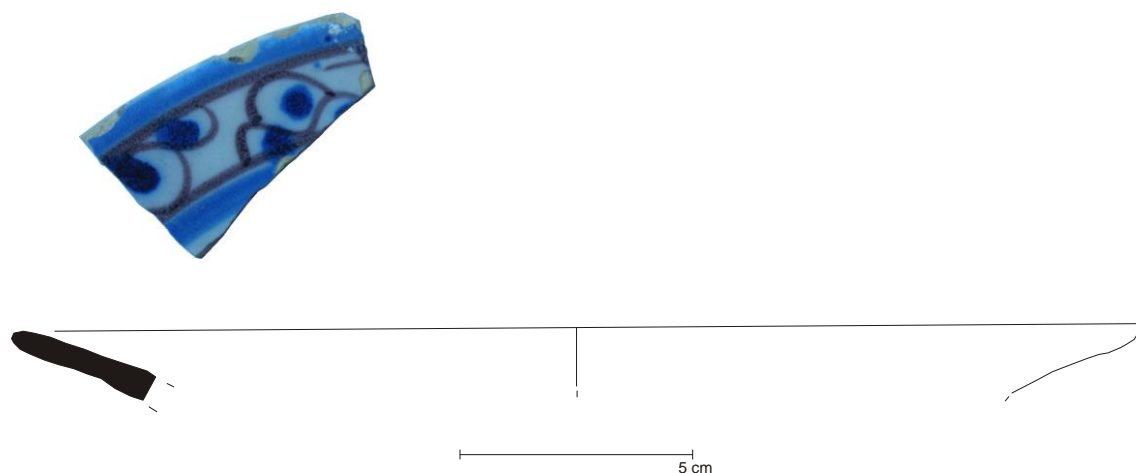
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso. Decoração: contas.

Diâmetro do bordo: 24 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 1,7 cm.

Cronologia: século XVII e XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 1; Q. B4; U.E. 22.



SP65 3236

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

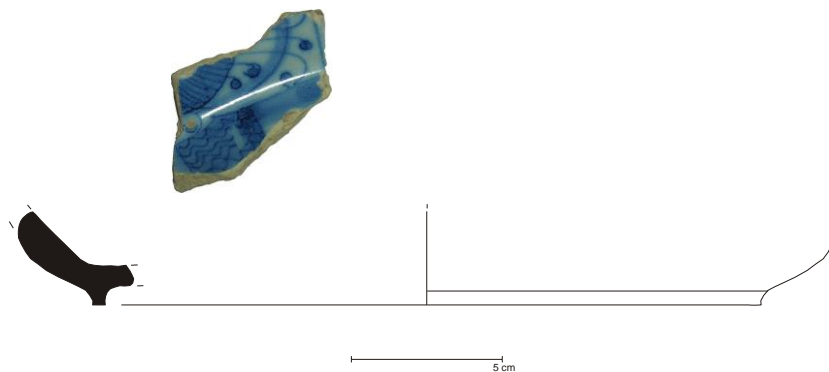
Fundo em pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: aranhões.

Diâmetro do fundo: 22 cm. Espessura da parede: 0,7-1,3 cm. Altura preservada: 3,2 cm.

Cronologia: século XVII (1610-1635; 1635-1660).

Indicações contextuais: Área 1; Q. D3; U.E. 30.



SP65 3501

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos (?).

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 1; Q. C3; U.E. 33.



SP65 3502

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

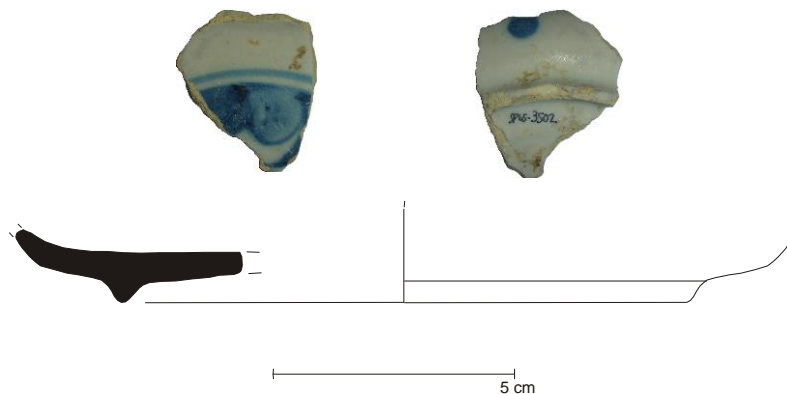
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-1 cm. Altura preservada: 1,7 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 (?).

Indicações contextuais: Área 1; Q. C3; U.E. 33.



SP65 3676/3712

Fragmentos de prato raso preservando porção da parede.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: contas.

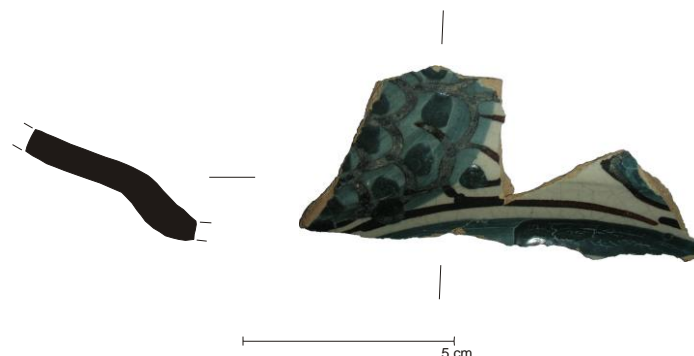
Diâmetro: indeterminado. Espessura da parede: 0,7-0,8 cm. Altura preservada:

Cronologia: século XVII e XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais:

- SP65 3676 – Área 1; Q. D4; U.E. 35;

- SP65 3712 – Área 1; Q. D4; U.E. 37.



SP65 3882

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

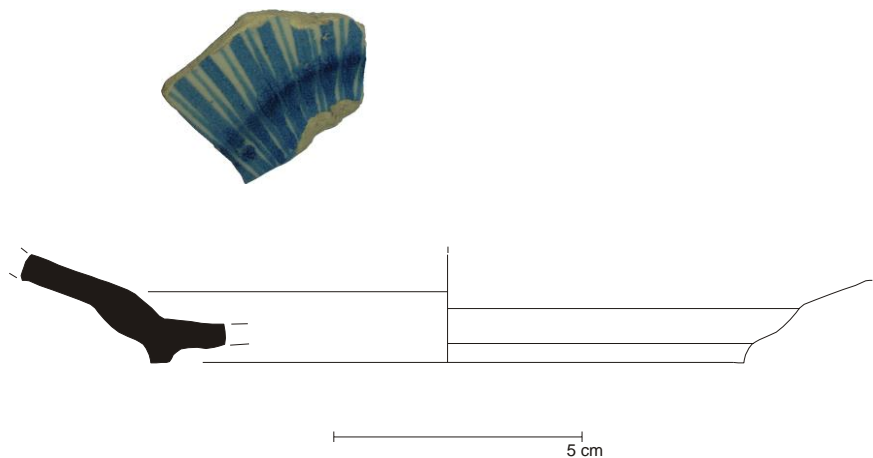
Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decorações: pétalas.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 2,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 1; Q. D4; U.E. 41.



SP65 4002

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

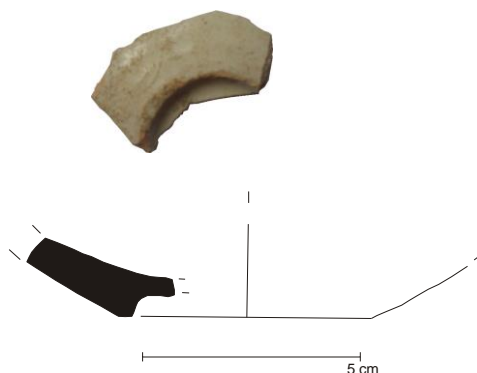
Fundo em ônfalo.

Pasta de cor laranja claro (Munsell 10yr8/2). Vidrado cinzento.

Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,4-1 cm. Altura preservada: 2,8 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 1; Q. 34; U.E. 45.



SP65 4106/4107

Fragmentos de prato raso preservando porção do bordo.

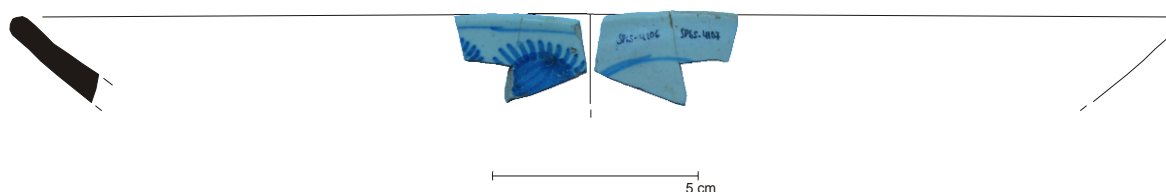
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista.

Diâmetro do bordo: 28 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 2,3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 (?).

Indicações contextuais: Área 1; Q. C4; U.E. 49.



SP65 6198/6199

Fragmentos de prato raso preservando porção do bordo.

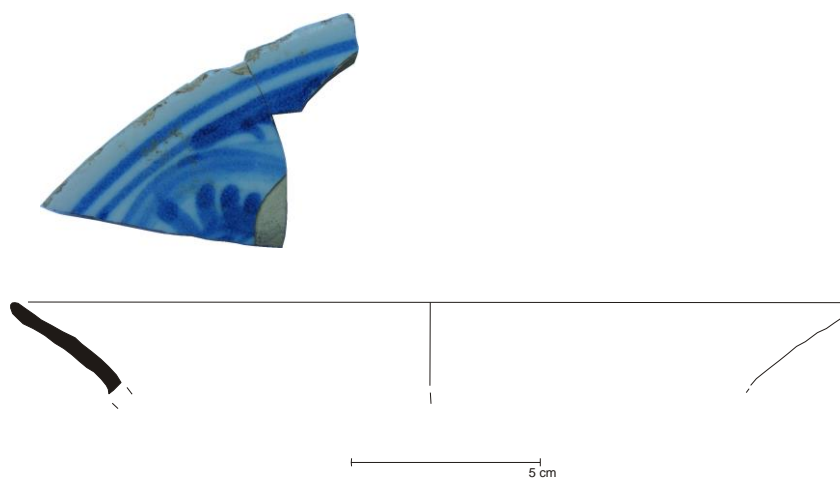
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 (?).

Indicações contextuais: Área 3; Q. Q9; U.E. 1.





SP65 6258

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

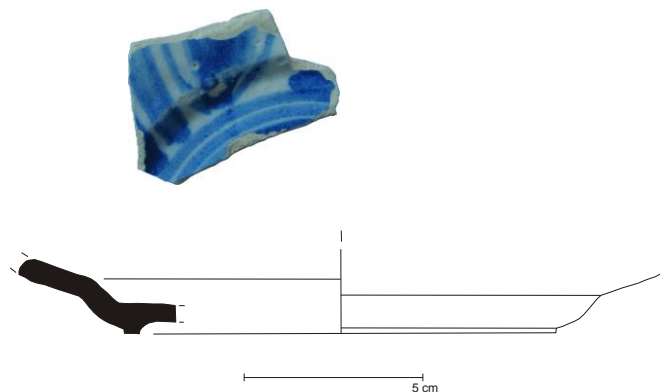
Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,6-0,8 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q9 e 10; U.E. 1.



SP65 6262

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

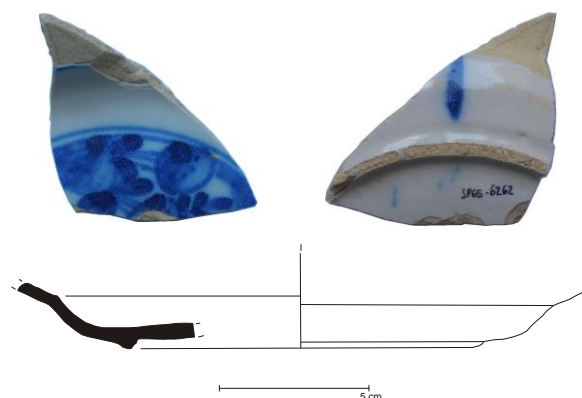
Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: elemento vegetalista no interior e indeterminada no exterior.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,7 cm. Altura preservada: 2,3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660 (?)).

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q9 e 10; U.E. 1.



SP65 6998

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

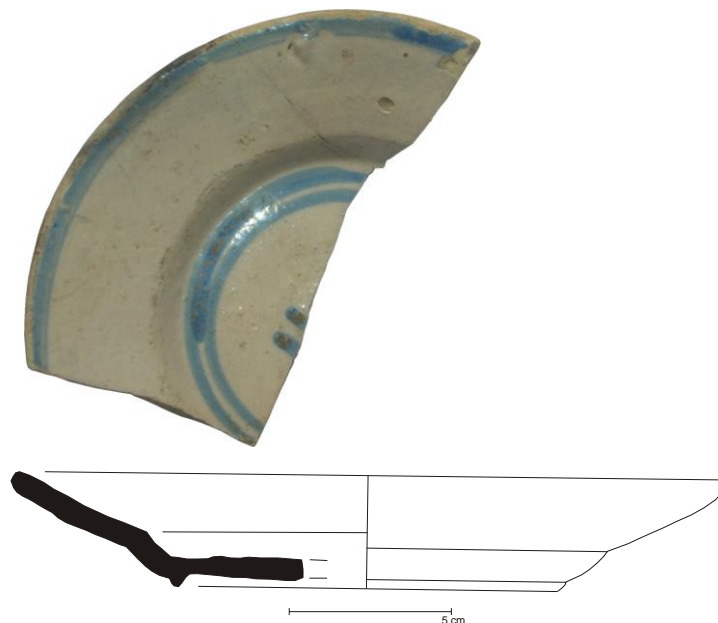
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: espiga.

Diâmetro do bordo: 21,7 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,7-0,9 cm. Altura total: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 6; U.E. 1.



SP65 7016

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

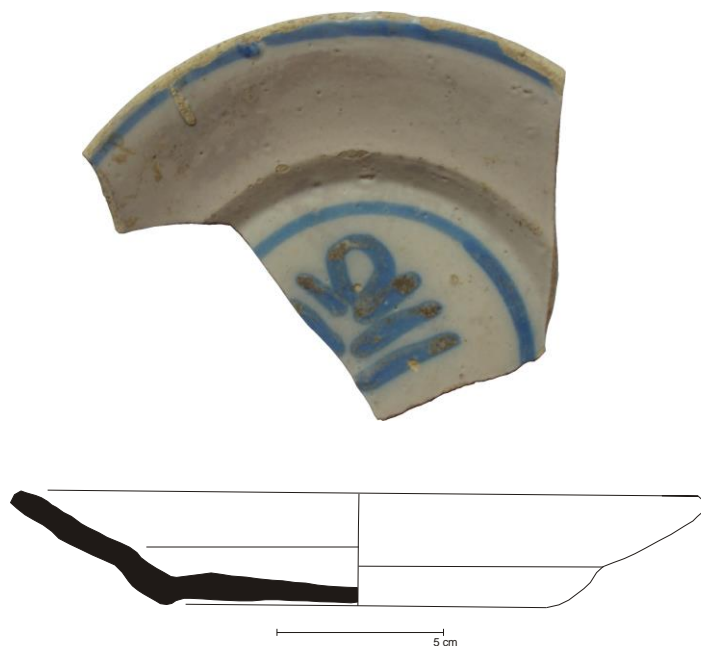
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: espiga.

Diâmetro do bordo: 20,4 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,8-0,9 cm. Altura total: 3,4 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 6; U.E. 1.



SP65 7017

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração:

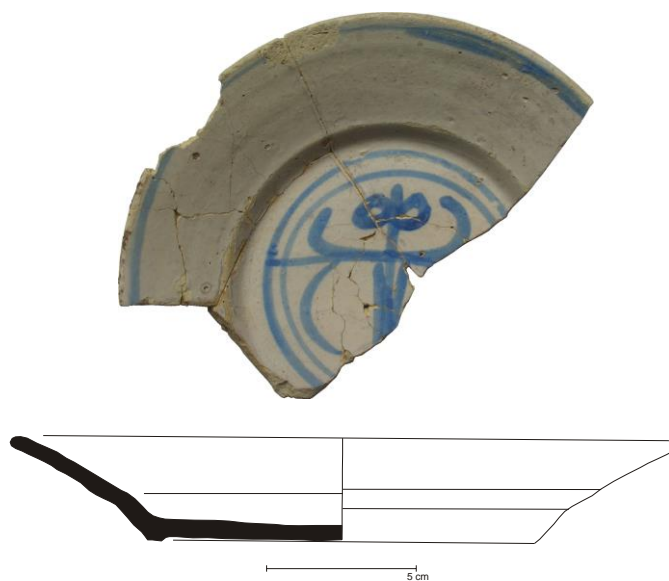
Espada-Cruz da Ordem de Santiago.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Diâmetro do fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm.

Altura total: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 6; U.E. 1.



SP65 7020

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: elemento floral.

Diâmetro do bordo: 21 cm. Diâmetro do fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,6-0,8 cm.

Altura total: 2,6 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 6; U.E. 1.



SP65 7570

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

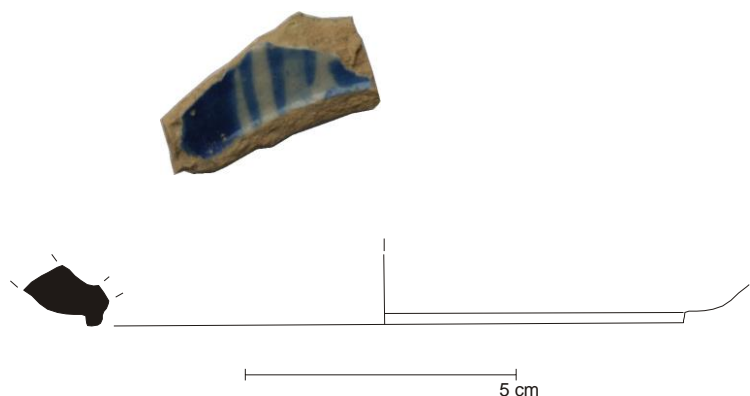
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,3-0,9 cm. Altura preservada: 1,2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7575

Fragmento de prato raso preservando porção do fundo.

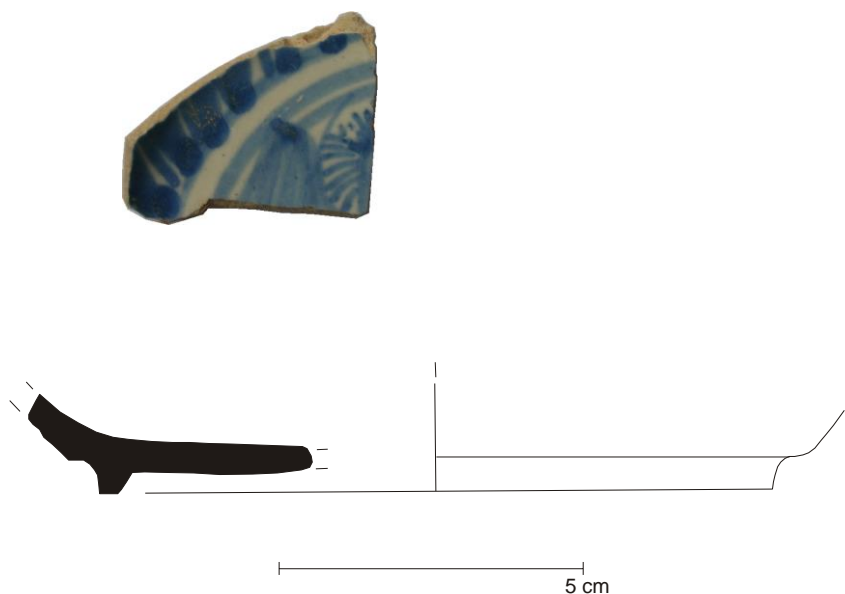
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas (?).

Diâmetro do fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm. Altura preservada: 1,7 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7582

Fragmento de prato raso preservando o perfil completo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado branco com pintura azul. Decoração:

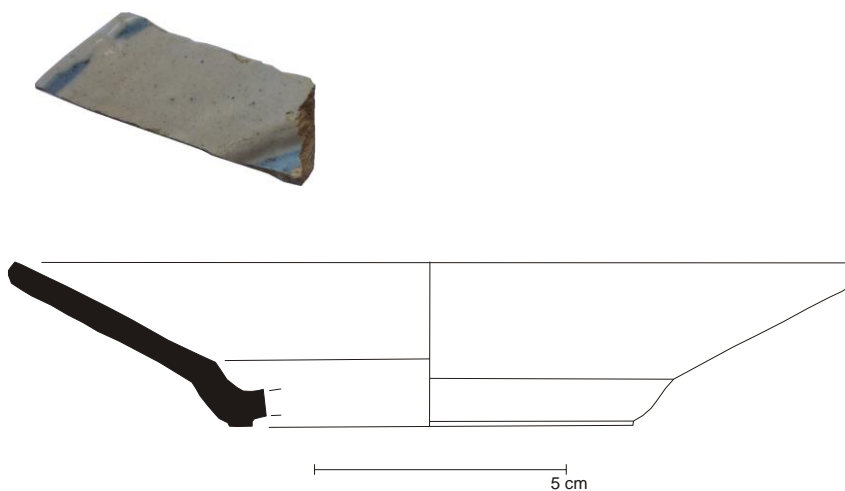
filete no bordo e fundo.

Diâmetro do bordo: 16,5 cm. Diâmetro do fundo: 8 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm.

Altura total: 3,3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7588

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

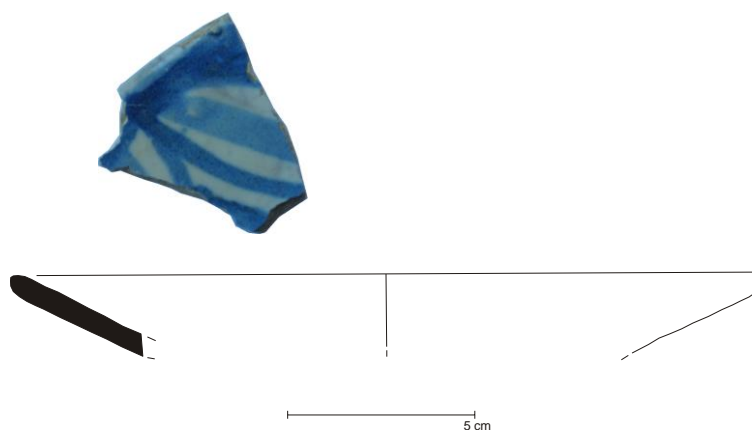
Bordo redondo exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 2,4 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 8123

Fragmento de prato raso preservando porção do bordo.

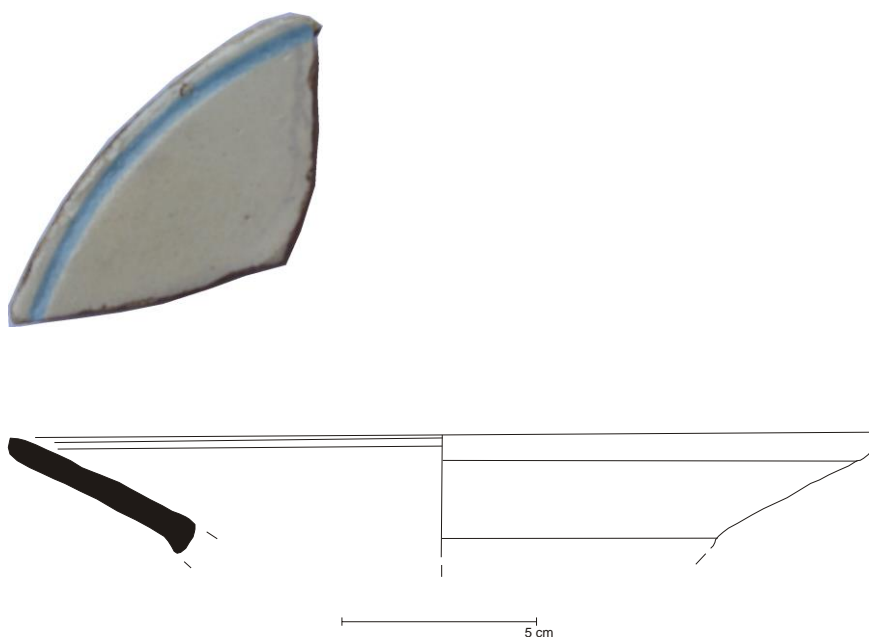
Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: 22 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 3,4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 5/Acompanhamento.



SP65 1838/2555

Fragmentos de salseira preservando o perfil completo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia tronco-cônica. Fundo plano.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 5yr8/4). Vidrado verde.

Diâmetro do bordo: 7,8 cm. Diâmetro do fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm.

Altura total: 2,4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais:

- SP65 1838: Área 7; Q. D6; U.E. 33;

- SP65 2555; Área 7; Q. C6; U.E. 36.



SP65 6219

Fragmento de salseira preservando o perfil completo.

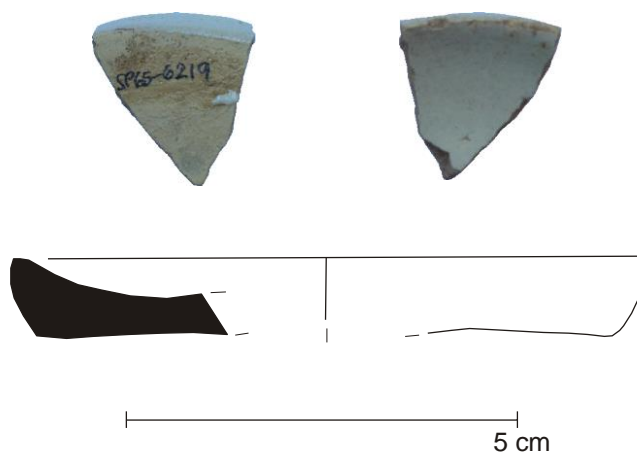
Bordo redondo direito. Corpo de morfologia rectangular. Fundo ligeiramente côncavo.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10Yr8/3). Vidrado cinzento.

Diâmetro do bordo: 8 cm. Espessura da parede: 0,4-0,8 cm. Altura total: 1 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q8 e 9; U.E. 1.





SP65 7041

Fragmento de salseira preservando perfil completo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia tronco-cônico. Fundo plano.

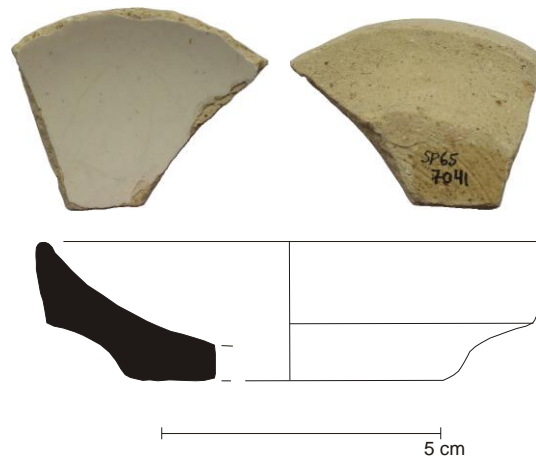
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 9 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,3-1 cm.

Altura total: 2,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 6; Q./; U.E. 1.



SP65 7043

Fragmento de salseira preservando o perfil completo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia tronco-cônica. Fundo plano.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 12,3 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm. Altura total: 1,2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 6; Q./; U.E. 1.



SP65 17

Fragmento de tampa preservando porção da parte inferior.

Corpo de morfologia tronco-cônica invertida.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 5YR8/3). Vidrado de cor indeterminado.

Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,4-1,2 cm. Altura preservada: 1,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A9; U.E. 1.



SP65 460/613

Fragmentos de tampa preservando porção da parte inferior.

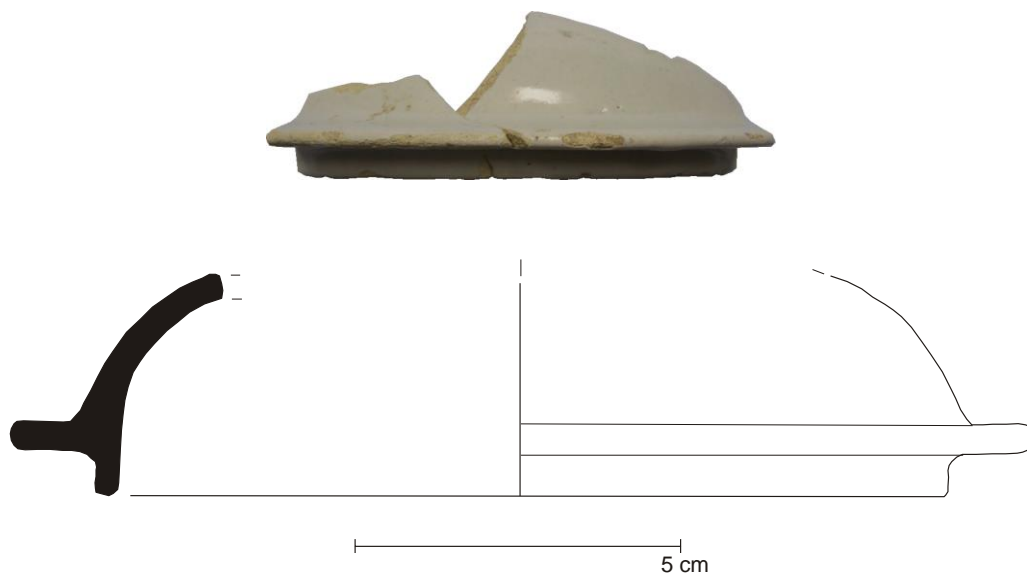
Corpo de morfologia elíptica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5Y8/3). Vidrado branco.

Diâmetro do fundo: 13 cm. Espessura da parede: 0,4-1,7 cm. Altura preservada: 3,4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 603

Fragmento de tampa preservando porção da parte inferior.

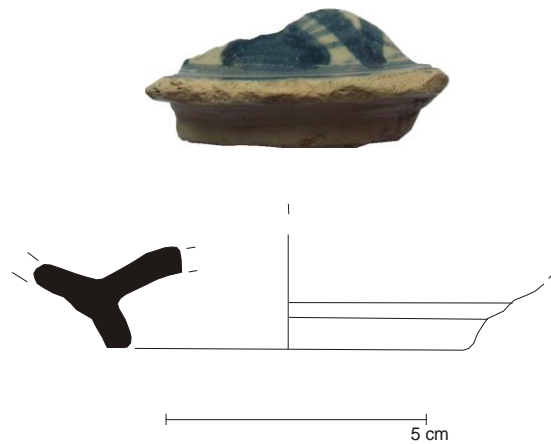
Corpo de forma semi-hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 1,9 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 7567

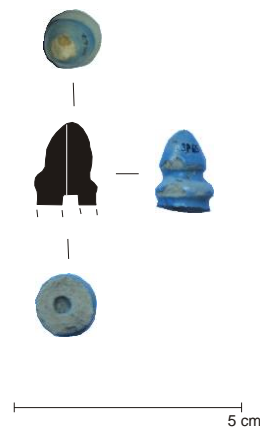
Fragmento de tampa preservando a parte correspondente à pega.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro: indeterminado. Espessura: 1-1,3 cm. Altura preservada: 1,8 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7/ Acompanhamento.



SP65 146/477/463/580

Fragmentos de tigela preservando porção do fundo.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

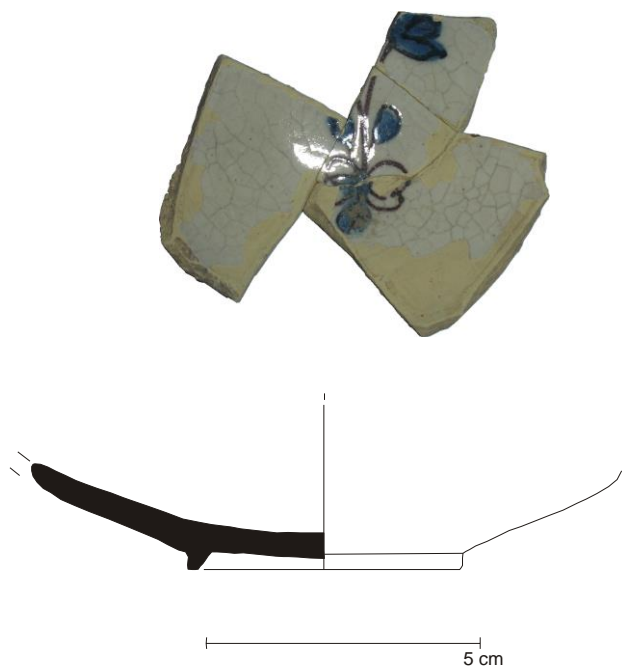
Decoração: elemento floral.

Diâmetro do fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais:

- SP65 146 – Área 1; Q. AA8,9; U.E. 4;
- SP65 477 – Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5;
- SP65 580 – Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5;
- SP65 463 – Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 424/446/447/637/423

Fragmentos de tigela preservando o perfil completo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos no exterior, espiral e filete junto ao bordo no interior.

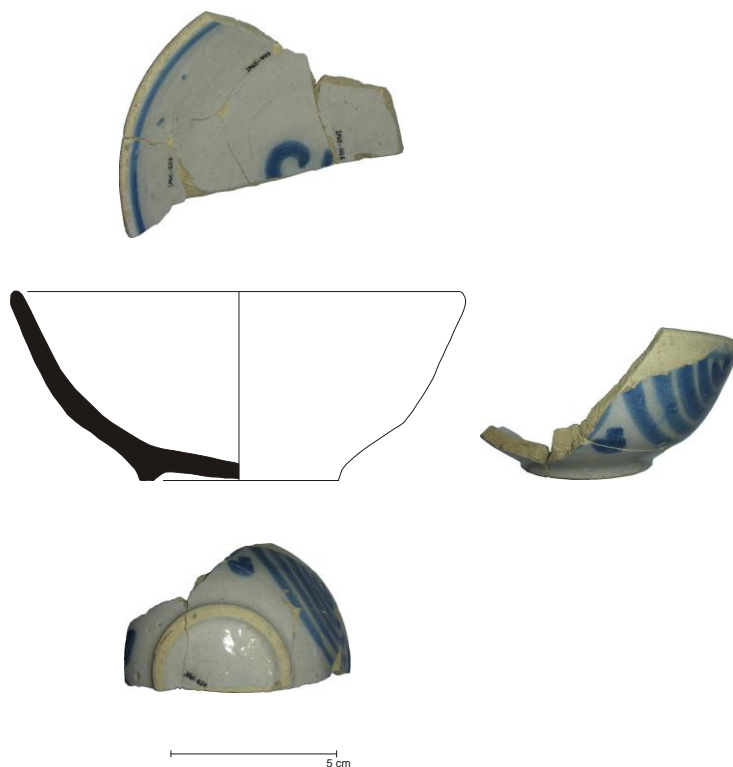
Diâmetro do bordo: 13,5 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,5-1 cm.

Altura total: 5,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais:

- SP65 424 – Área 7; Q. A8,9; U.E. 5;
- SP65 446 – Área 7; Q. A8,9; U.E. 5;
- SP65 447 – Área 7; Q. A8,9; U.E. 5;
- SP65 637 – Área 7; Q. A8,9; U.E. 5;
- SP65 423 – Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 466

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

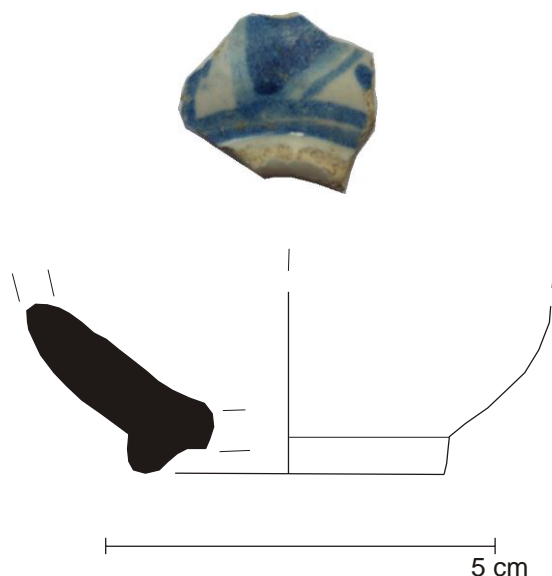
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,5-1,1 cm. Altura preservada: 2,3 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 484

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: aranhões no exterior, enrolamentos (?) no interior, Influência Oriental (?).

Diâmetro do bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3-0,4 cm. Altura preservada: 2,7 cm.

Cronologia: século XVII (1610-1635; 1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 496

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia rectangular. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo e fundo.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Diâmetro do fundo: 12,5 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura total: 6,1 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5.



SP65 538/461/441

Fragmentos de tigela preservando porção do bordo.

Bordo de espessamento exterior exvertido. Corpo de morfologia tronco-cônica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado acinzentado com pintura azul.

Decoração: linha e pontos no bordo.

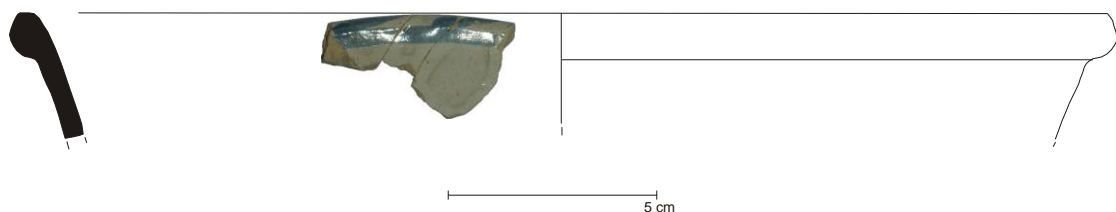
Diâmetro do bordo: 26 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais:

- SP65 538: Área 7; Q. A, AA, AB9; U.E. 5;

- SP65 441 e 461: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 553

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia redonda.

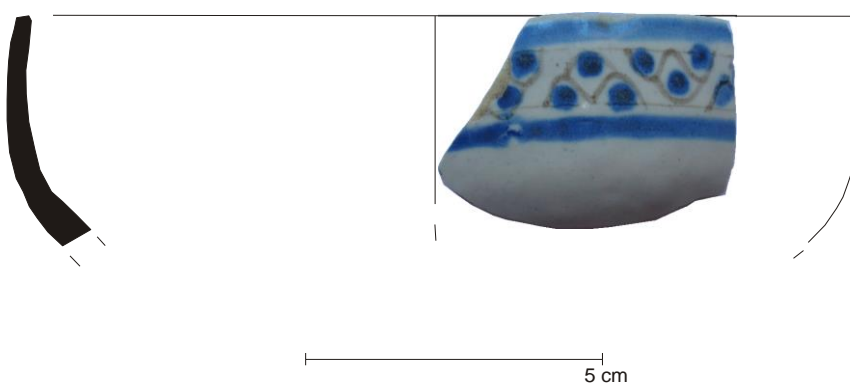
Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: contas.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 4 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 554

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

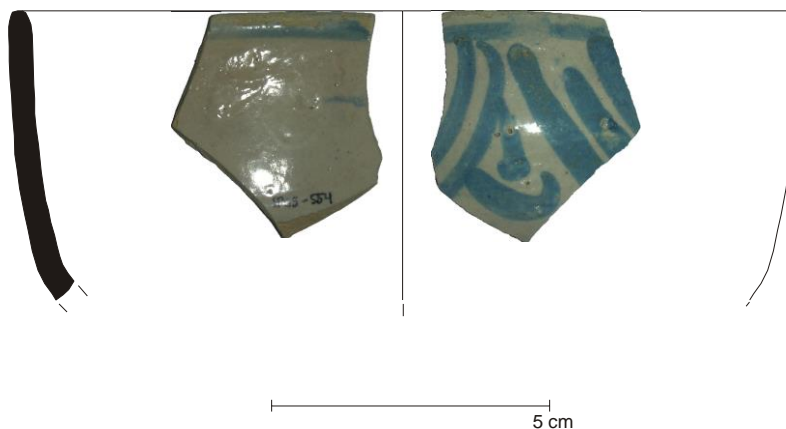
Bordo redondo direito. Corpo de morfologia oval (?).

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 5,3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.





SP65 568

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia cônica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo e fundo.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Diâmetro do fundo: 11 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm.

Altura total: 5,2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 577/542/506

Fragmentos de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia oval (?).

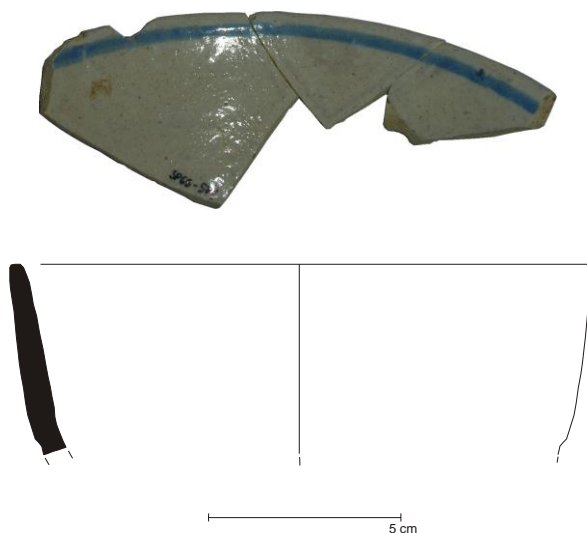
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: 15 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais:

- SP65 577 – Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5;
- SP65 542 – Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5;
- SP65 506 – Área 7; Q. A,AA,AB9; U.E. 5.



SP65 644

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia oval (?). Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

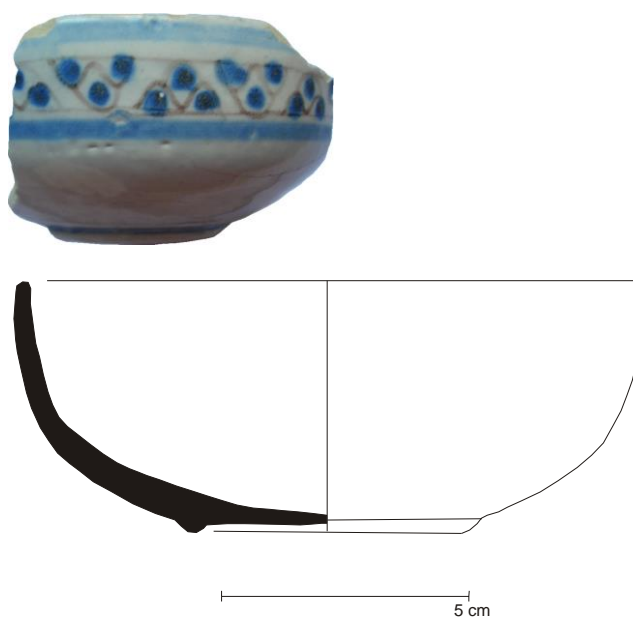
Decoração: contas.

Diâmetro do bordo: 12,5 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,3-0,7 cm.

Altura total: 5 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



SP65 1017

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

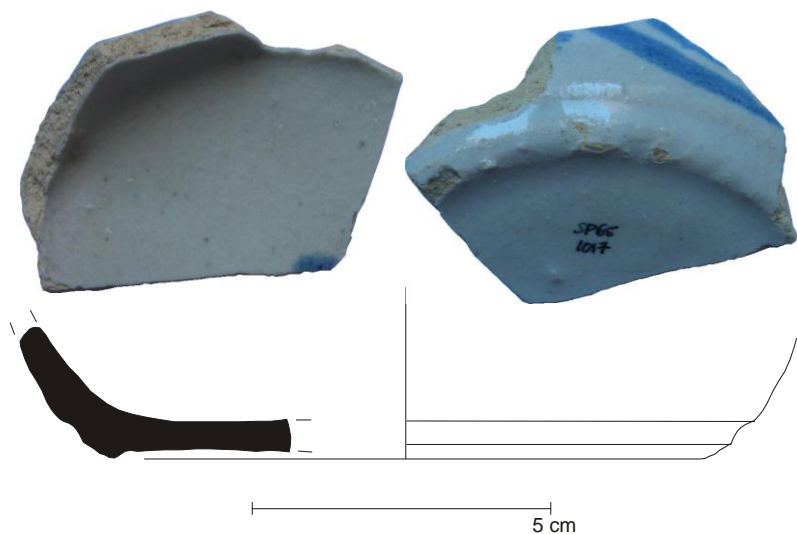
Fundo de pé anelar (?).

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do fundo: Espessura da parede: Altura preservada:

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 6.



SP65 1023

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

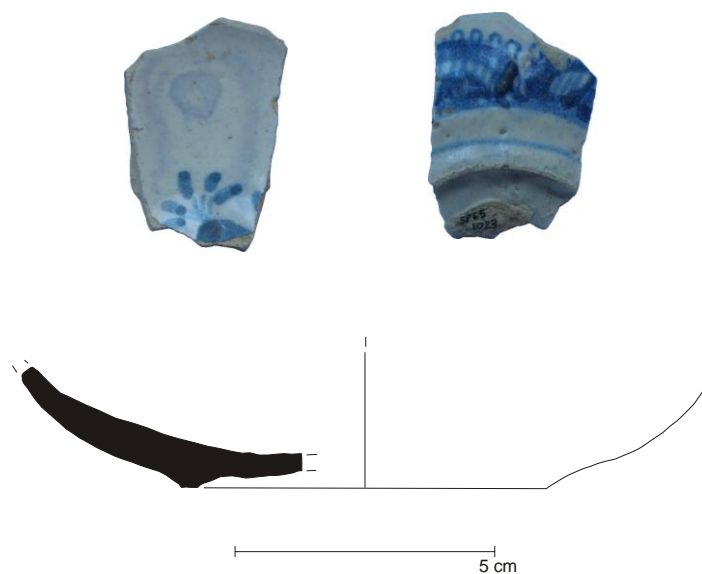
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: rendas no exterior, elemento vegetalista no interior.

Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,3-0,9 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 6.



#### SP65 1307

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia oval.

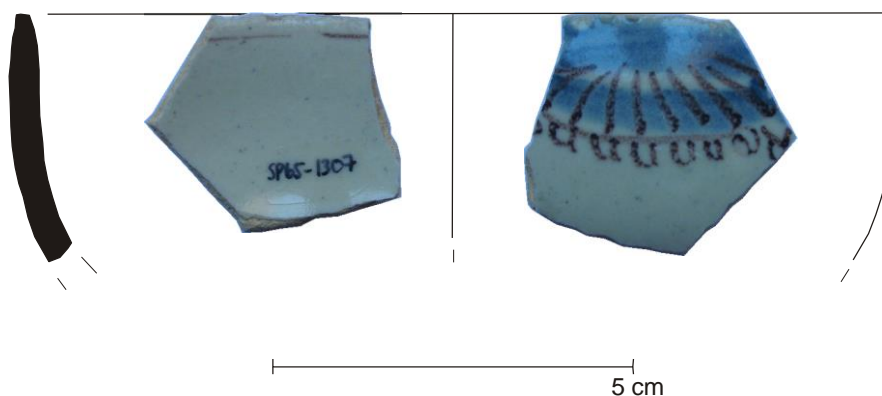
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado cinzento com pintura azul e vinoso.

Decoração: rendas.

Diâmetro do bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3-0,4 cm. Altura preservada: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. D5; U.E. 8.



#### SP65 1323/467

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia rectangular.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

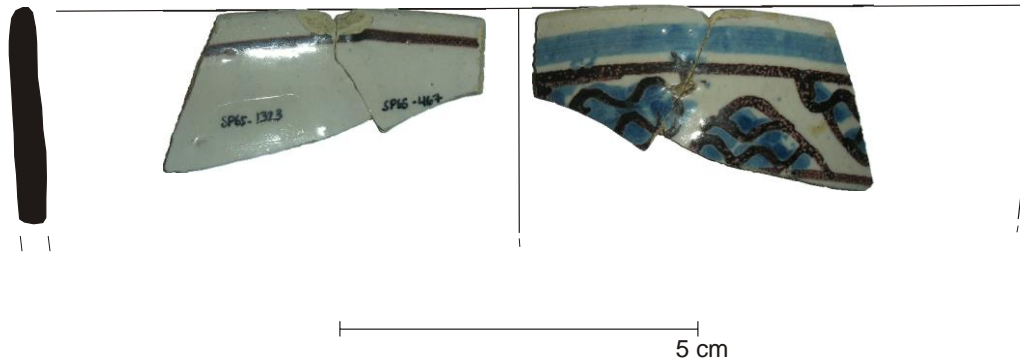
Decoração: contas.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais:

- SP65 1323 – Área 7; Q. B5; U.E. 8;
- SP65 467 – Área 7; Q. AA8,9; U.E. 5.



SP65 1325

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso.

Decoração: elemento floral.

Diâmetro do fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B5; U.E. 8.



SP65 1330

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

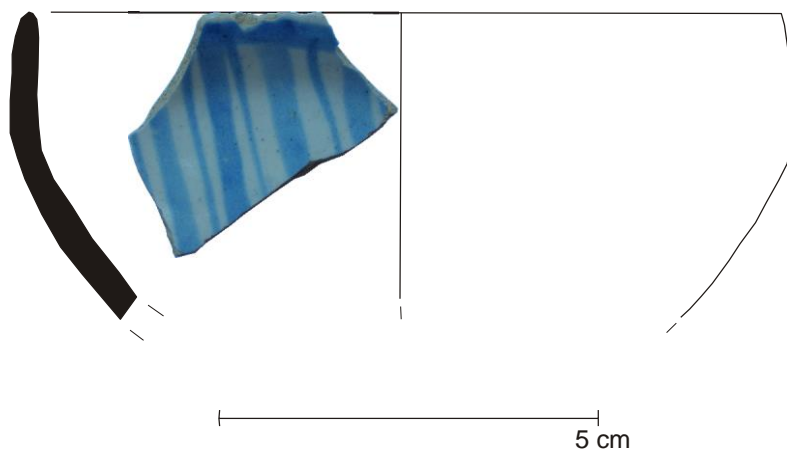
Bordo redondo direito. Corpo de morfologia oval.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,3-0,4 cm. Altura preservada: 4,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B5; U.E. 8.



SP65 1800

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

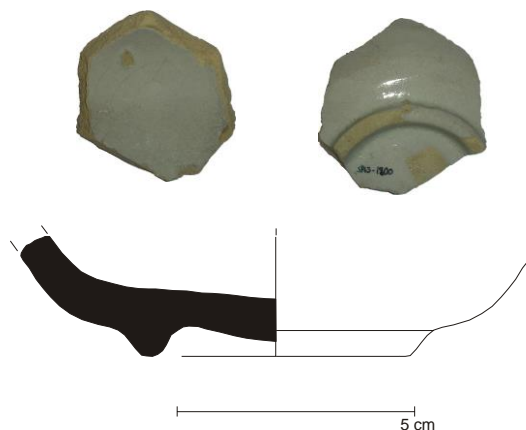
Fundo em pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco.

Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,8-1,4 cm. Altura preservada: 2,6 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. C5; U.E. 30.



SP65 2113

Fragmento de tigela preservando parte da parede e do fundo.

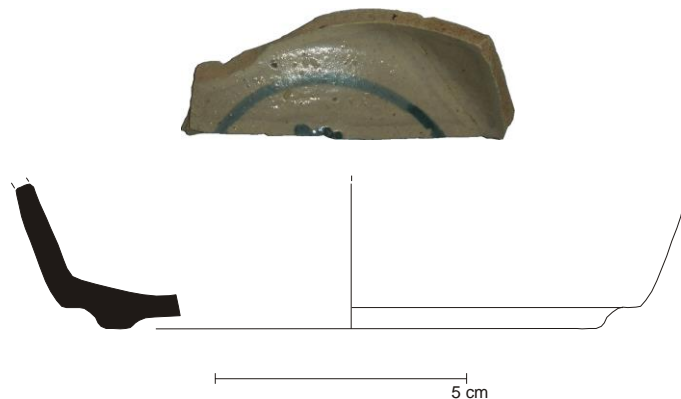
Fundo de pé anelar. Corpo de morfologia rectangular.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/3). Vidrado cinzento com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 10 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 2,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2114/2116

Fragmentos de tigela preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior. Corpo de morfologia cónica. Fundo de pé anelar.

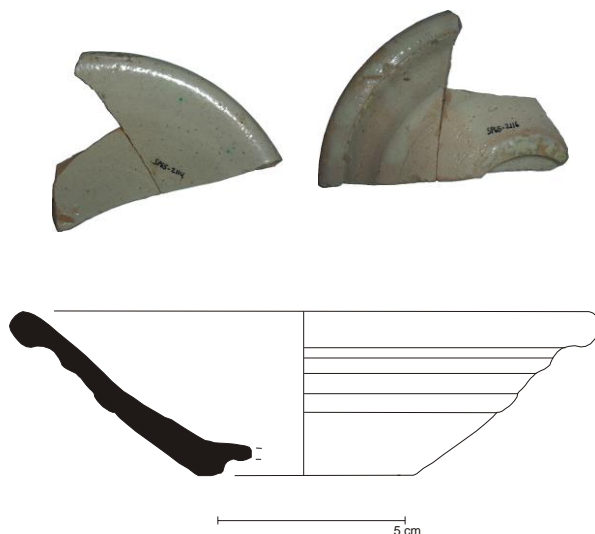
Pasta de cor rosa claro (Munsell 5yr8/4). Vidrado cinzento.

Diâmetro do bordo: 15 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm.

Altura total: 4,3 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2120

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia redonda. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 5Yr8/4). Vidrado cinzento.

Diâmetro do bordo: 15 cm. Diâmetro do fundo: 7,2 cm. Espessura da parede: 0,5-1,1 cm.

Altura total: 5,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2125/2127

Fragmentos de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo direito. Corpo de morfologia oval (?).

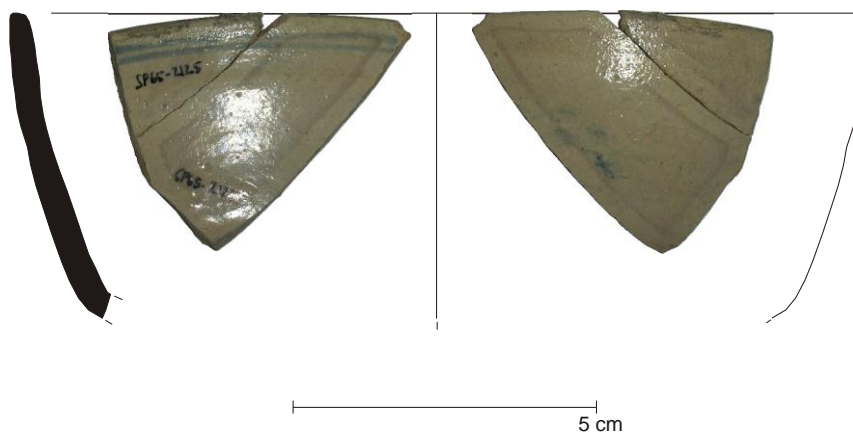
Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5Yr8/3). Vidrado cinzento com pintura azul. Decoração: filete duplo junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4 cm. Altura preservada: 5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.





SP65 2128

Fragmento de peça indeterminada preservando porção do fundo.

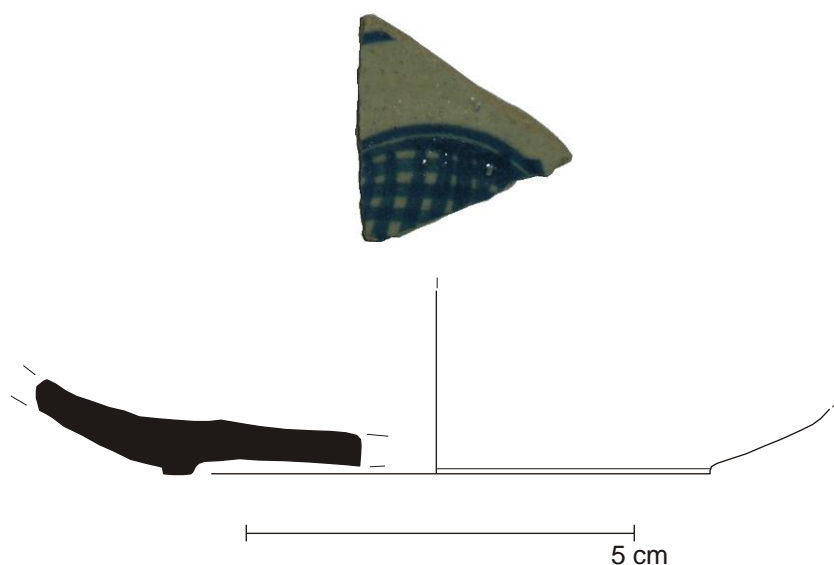
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado cinzento com pintura azul. Decoração: reticulados.

Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,4-0,7 cm. Altura preservada: 1,2 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. AA6; U.E. 35.



SP65 2142 (cola com 2145?)

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior. Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração:

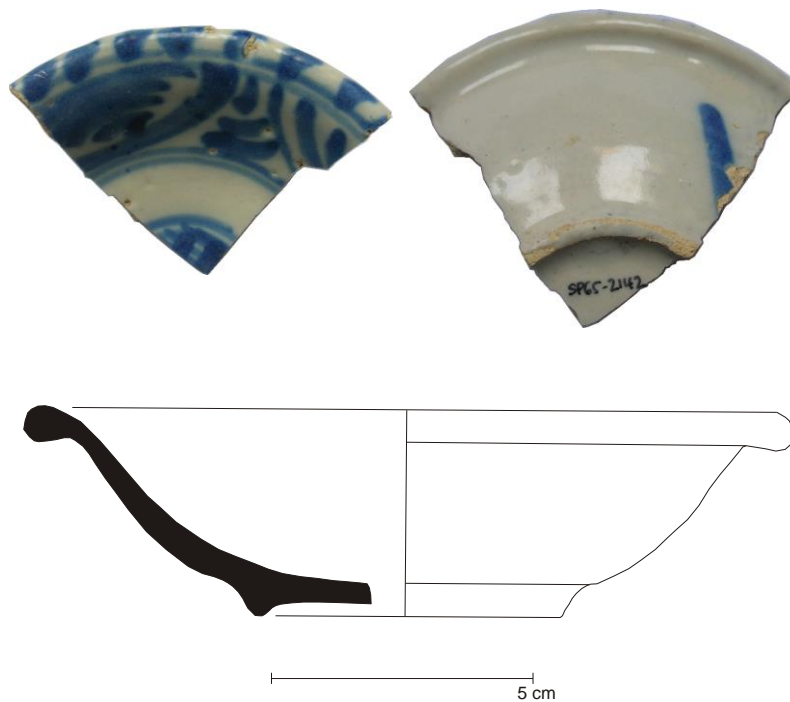
semicírculos concêntricos, Influência Oriental.

Diâmetro do bordo: 14,5 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,3-0,9 cm.

Altura total: 3,9 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2146

Fragmento de tigela preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração:

Espada-Cruz da Ordem de Santiago.

Diâmetro do bordo: 13,3 cm. Diâmetro do fundo: 9 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm.

Altura total: 5,3 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; U.E. 35.



SP65 2148/2149

Fragmentos de tigela preservando o perfil completo.

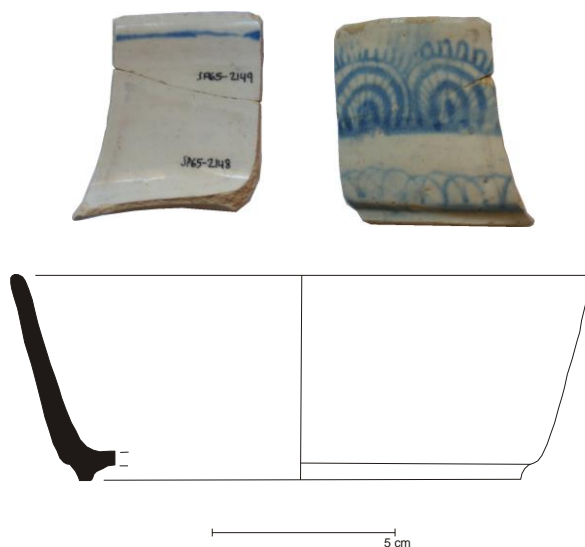
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia cônica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: rendas no exterior, filete junto ao bordo no interior.

Diâmetro do bordo: 15,2 cm. Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura total: 5,5 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660; 1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6; U.E. 35.



SP65 2152

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5YR8/3/4). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,5-1,1 cm. Altura preservada: 1,5 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6; U.E. 35.



SP65 2156

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

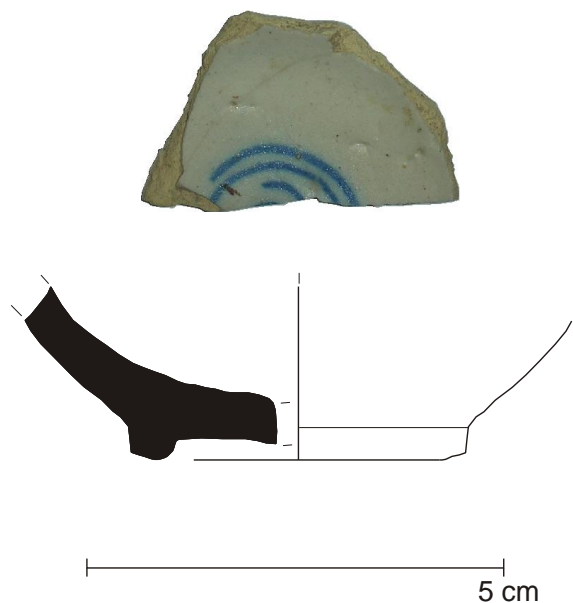
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5Y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 4 cm. Espessura da parede: 0,5-1 cm. Altura preservada: 2 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. C6; U.E. 35.



SP65 2163

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

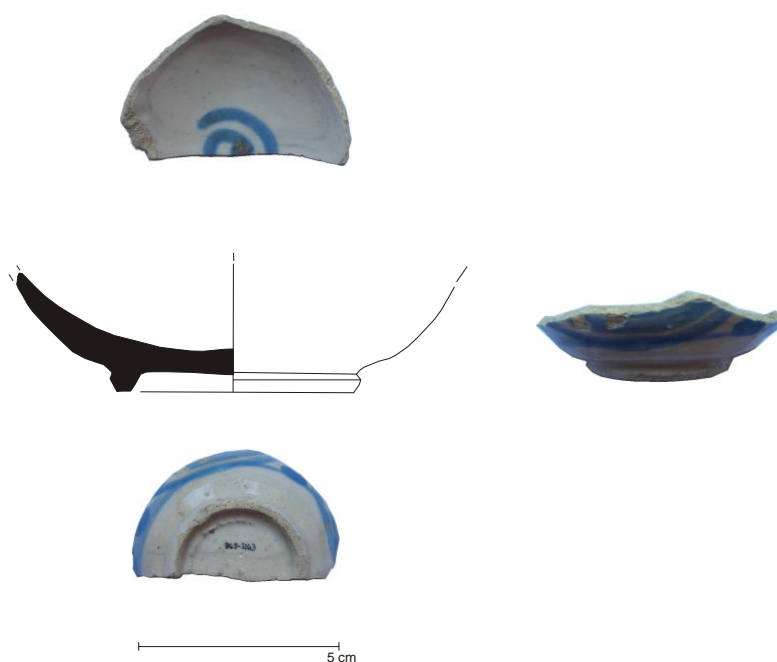
Corpo de morfologia redonda. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,3-1,3 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q. A6/B6,7; U.E. 35.



SP65 2527

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

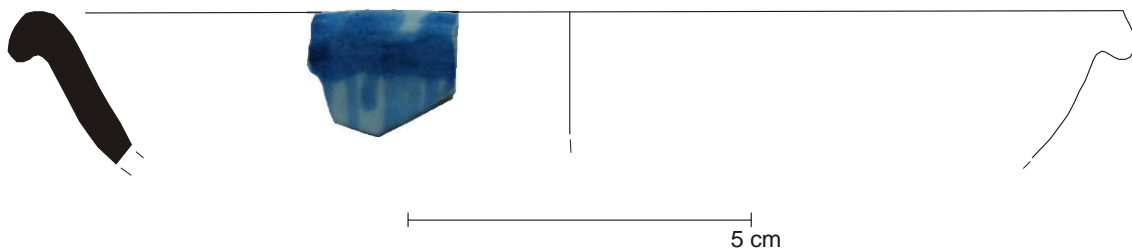
Bordo em aba exvertido. Corpo de morfologia aberta.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,5-0,9 cm. Altura preservada: 2,9 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 2530 2531

Fragmentos de tigela preservando porção do fundo.

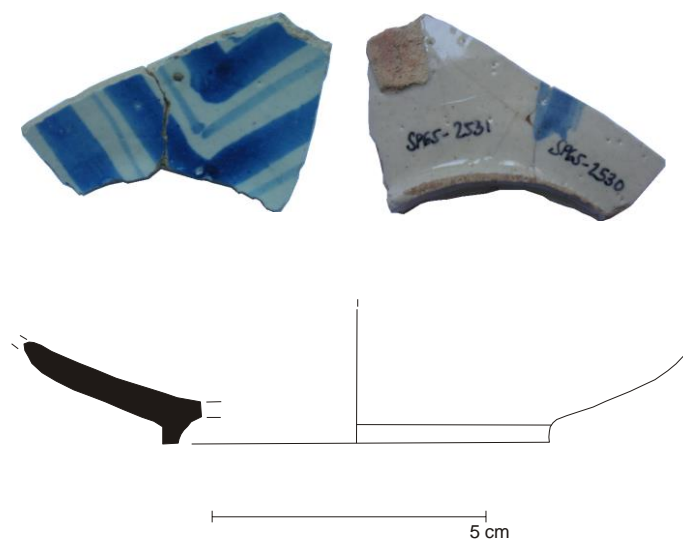
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,5-0,8 cm. Altura preservada: 1,9 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. B6; U.E. 35.



SP65 3148

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

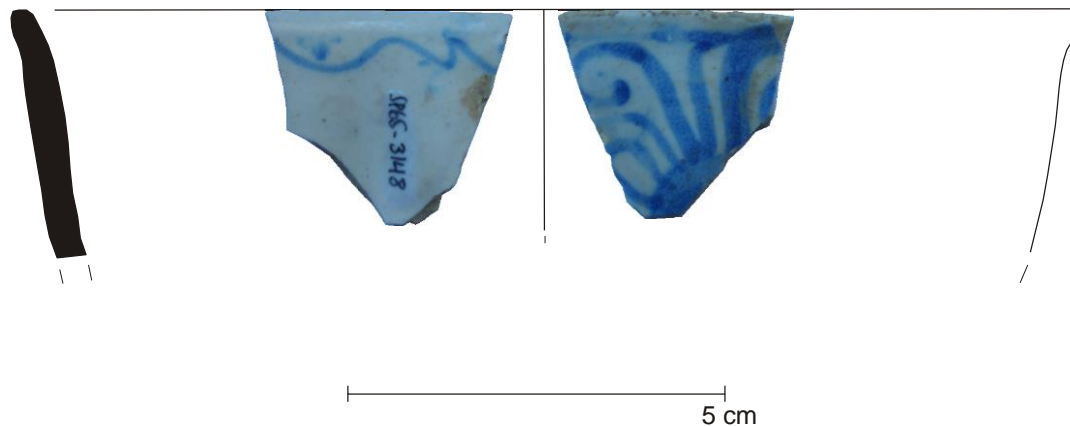
Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: Aranhões.

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 3,3 cm.

Cronologia: século XVII (1610-1635; 1635-1660).

Indicações contextuais: Área 1; Q. D3; U.E. 16.



SP65 3208

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

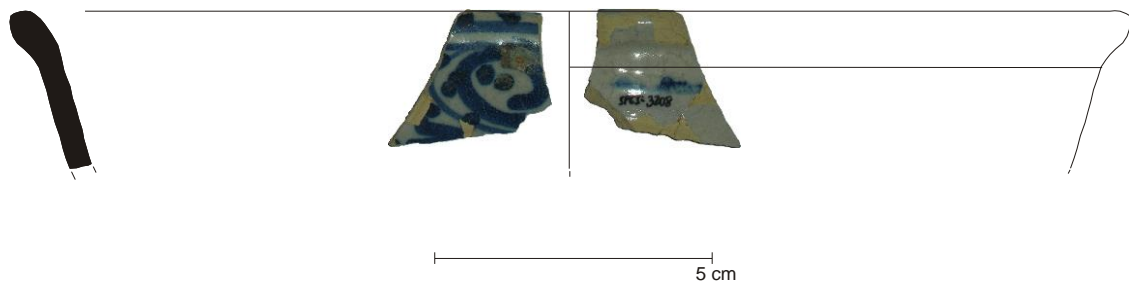
Bordo em redondo exvertido. Corpo de morfologia tronco-cônica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: desenho miúdo ou “Monte Sinai”.

Diâmetro do bordo: 20 cm. Espessura da parede: 0,4-0,6 cm. Altura preservada de 2,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII (1635-1700; 1660-1767).

Indicações contextuais: Área 1; Q. C3; U.E. 20c.



SP65 3735/3233/3680/3232

Fragmentos de tigela preservando o perfil completo.

Bordo de espessamento exterior ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado cinzento com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 13,1 cm. Diâmetro do fundo: 7 cm. Espessura da parede: 0,4-0,9 cm.

Altura total: 5,8 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais:

- SP65 3735 – Área 1; Q. D4; U.E. 37;
- SP65 3233 – Área 1; Q. D4; U.E. 27;
- SP65 3680 – Área 1; Q. D4; U.E. 35;
- SP65 3232 – Área 1; Q. D4; U.E. 27.



SP65 4136

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo de espessamento exterior direito.

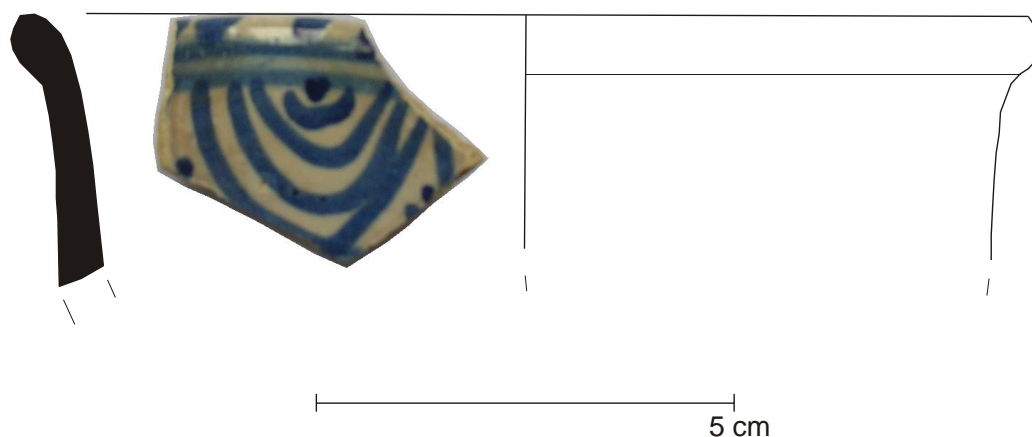
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,6 cm. Altura preservada: 3,3 cm.



Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 1; Q. A1; U.E. 50.



SP65 4140

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

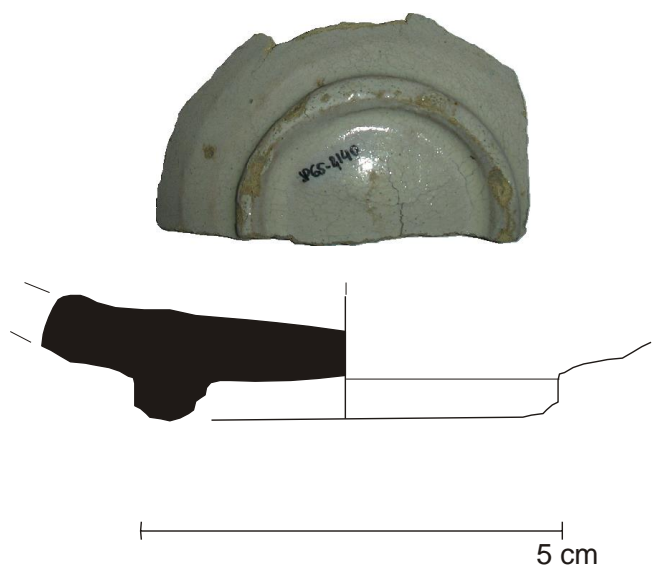
Fundo de pé anelar.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/3). Vidrado branco.

Diâmetro do fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,5-1,3 cm. Altura preservada: 1,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 1; Q. A1; U.E. 50.



SP65 6218

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

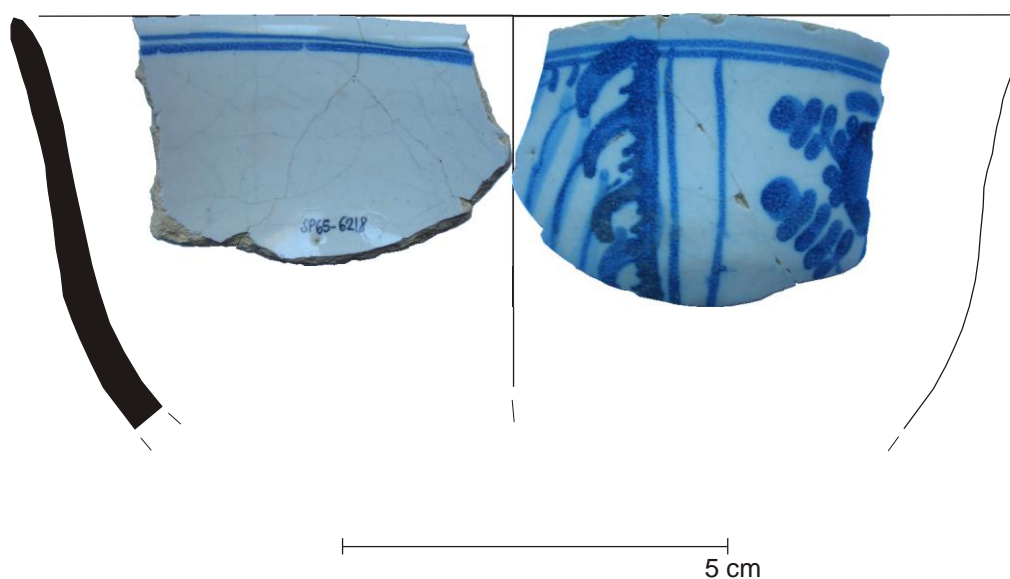
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: cartelas com elementos vegetalistas no exterior, filete junto ao bordo no interior.

Diâmetro do bordo: 13 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 5,4 cm.

Cronologia: século XVII (1610-1635).

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q8 e 9; U.E. 1.



SP65 6260

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

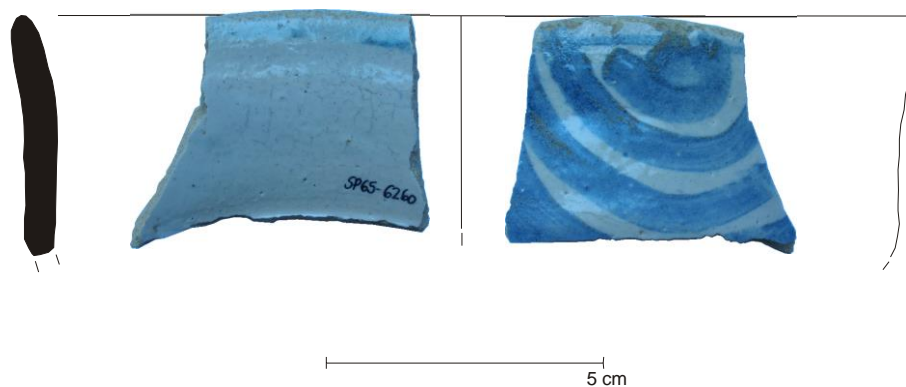
Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,5-0,6 cm. Altura preservada: 4,3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q9 e 10; U.E. 1.



SP65 6069

Fragmentos de tigela grande preservando o perfil completo.

Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia elíptica. Fundo em pé anelar.

Pasta de cor laranja claro (Munsell 5yr7/6). Vidrado acinzentado com pintura azul.

Decoração: "S".

Diâmetro do bordo: 20,3 cm. Diâmetro do fundo: 6 cm. Espessura da parede: 0,6-1,4 cm.

Altura total: 6 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 3; Q. P/Q8 e 9; U.E. 1.



SP65 7430

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

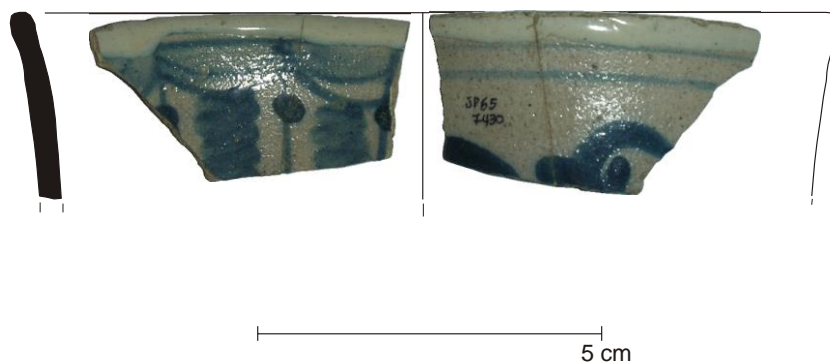
Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado cinzento com pintura azul. Decoração: indeterminada.

Diâmetro do bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,3-0,4 cm. Altura preservada: 2,7 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Acompanhamento.



SP65 7566

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

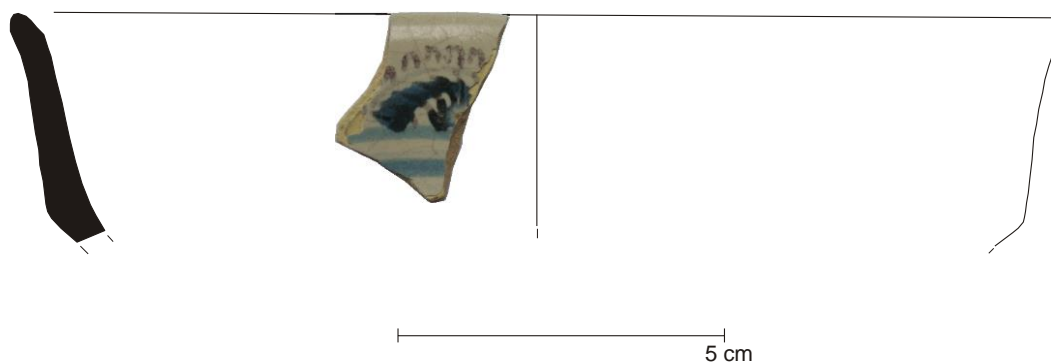
Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado cinzento com pintura azul e vinoso.

Decoração: rendas.

Diâmetro do bordo: 16 cm. Espessura da parede: 0,4-0,7 cm. Altura preservada: 3,7 cm.

Cronologia: século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7569

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

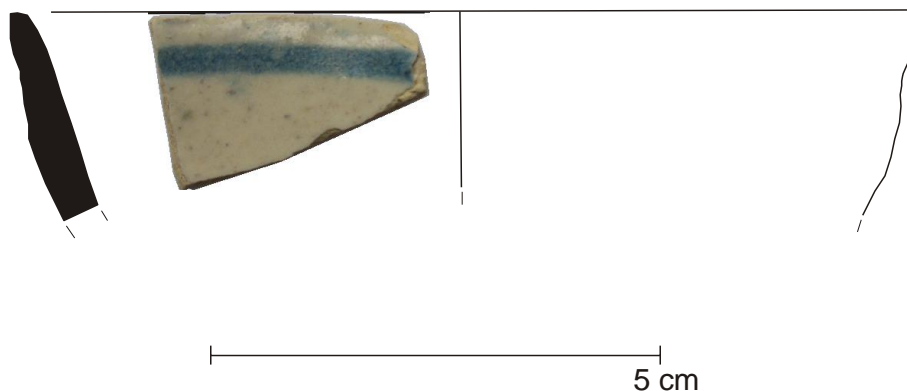
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 2,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7571

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

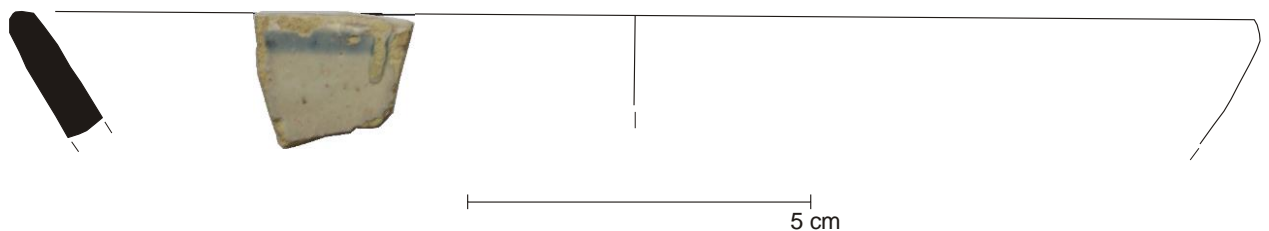
Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: Espessura da parede: Altura preservada:

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



#### SP65 7576

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

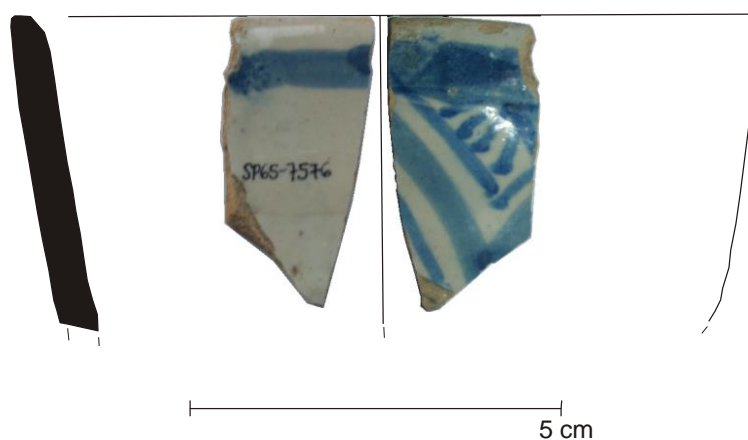
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia oval.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5YR8/4), Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,5 cm. Altura preservada: 4,2 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



#### SP65 7578

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

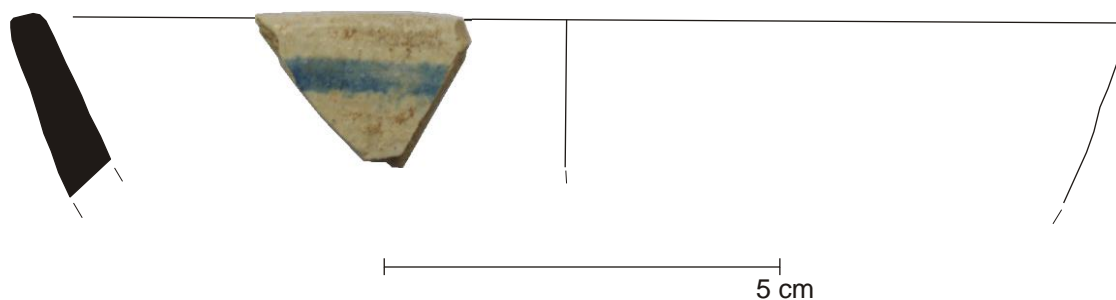
Bordo redondo ligeiramente exvertido.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5Y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: filete junto ao bordo.

Diâmetro do bordo: Espessura da parede: Altura preservada:

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7583

Fragmento de tigela preservando porção do fundo.

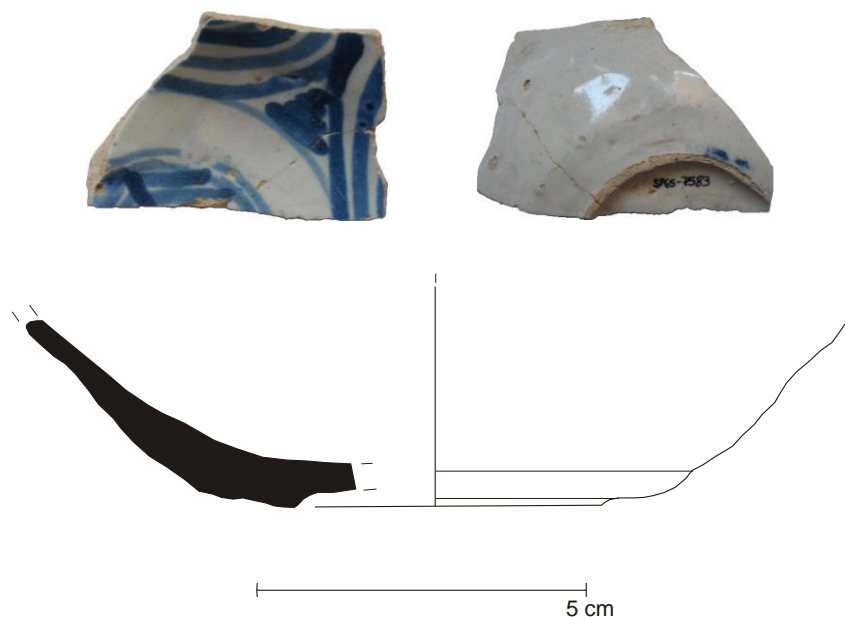
Corpo de morfologia hemisférica. Fundo de pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: semicírculos concêntricos.

Diâmetro do fundo: 5 cm. Espessura da parede: 0,3-0,8 cm. Altura preservada: 3 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1700).

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7585

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

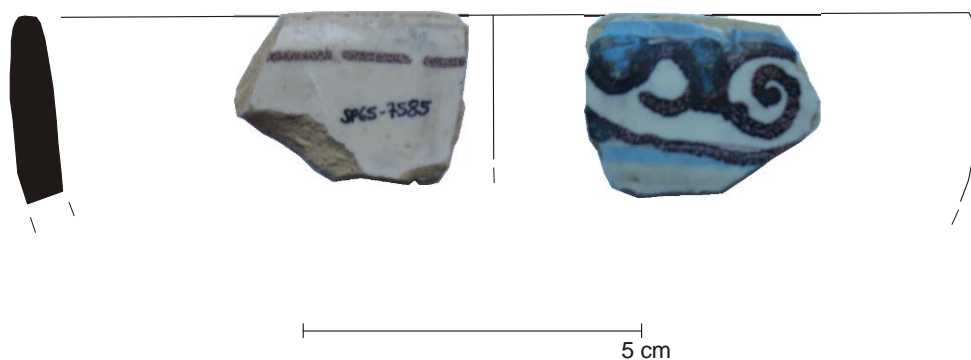
Bordo redondo direito.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/2). Vidrado branco com pintura azul e vinoso. Decoração: faixa barroca (?).

Diâmetro do bordo: 14 cm. Espessura da parede: 0,4-0,6 cm. Altura preservada: 2,8 cm.

Cronologia: século XVII-XVIII (1660-1700; 1700-1767).

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 7587

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

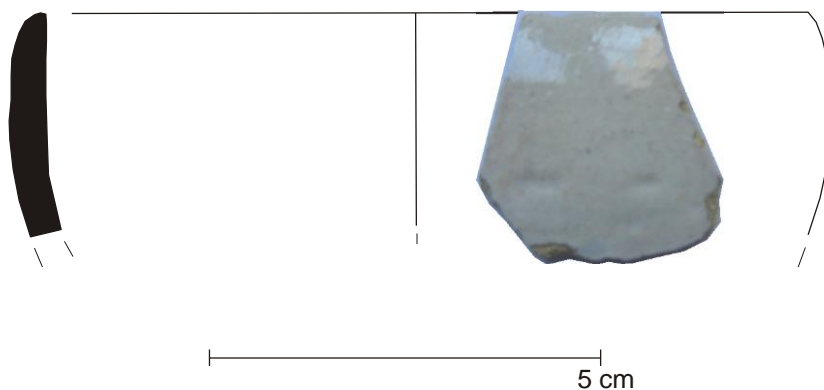
Bordo redondo direito.

Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco.

Diâmetro do bordo: 10 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 2,9 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7/Acompanhamento.



SP65 8005

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

Bordo redondo invertido. Corpo com forma elíptica.

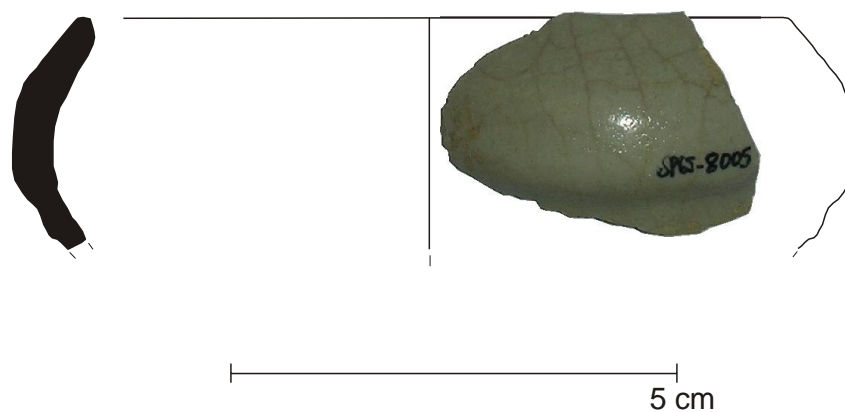
Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado cinzento.

Diâmetro do bordo: 8 cm. Espessura da parede: 0,3-0,5 cm. Altura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Recolha de superfície.





#### SP65 8007

Fragmento de tigela preservando porção do bordo.

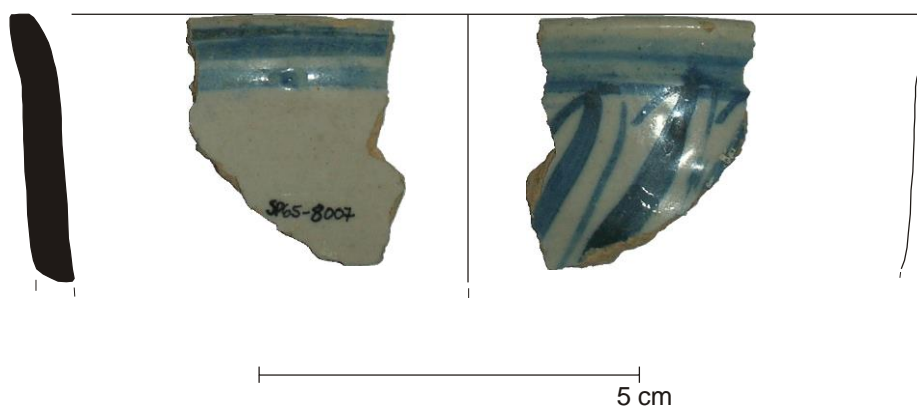
Bordo redondo ligeiramente exvertido. Corpo de morfologia hemisférica.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5Yr8/4). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: pétalas.

Diâmetro do bordo: 12 cm. Espessura da parede: 0,4-0,5 cm. Altura preservada: 3,5 cm.

Cronologia: século XVII (1635-1660).

Indicações contextuais: Recolha Superfície.



#### SP65 6994

Fragmento de vaso de noite preservando porção do bordo e asa.

Bordo em aba de ponta redonda. Corpo de morfologia tronco-cônica. Asas verticais.

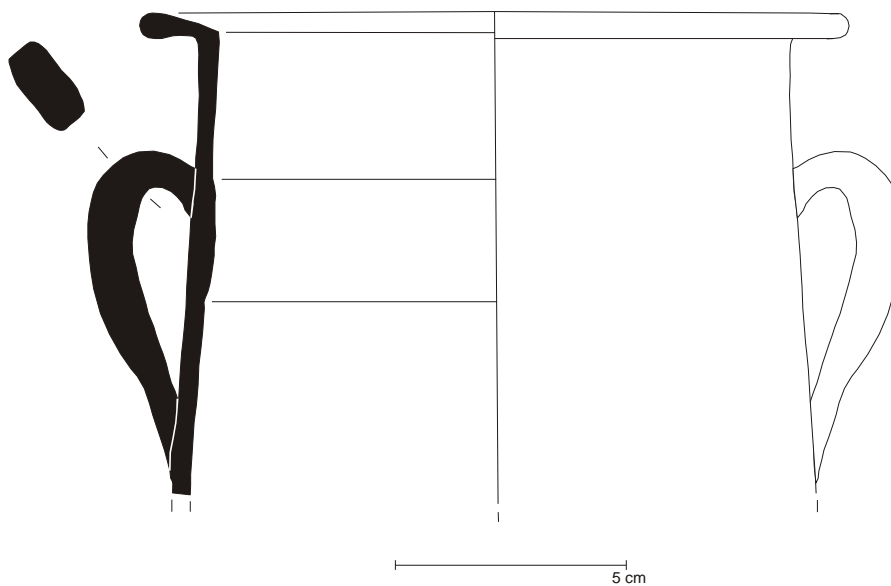
Pasta de cor rosa claro (Munsell 10Yr8/3). Vidrado branco com pintura azul e vinoso em elemento floral.

Diâmetro do bordo: 24 cm. Espessura de parede: 0,5-0,9 cm (ver resto das medidas).

Largura da asa: 3,1 cm. Largura lateral: 1,5 cm. Altura preservada: 16,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 6; Q./; U.E. 1.



SP65 451

Fragmento de peça indeterminada preservando porção do fundo.

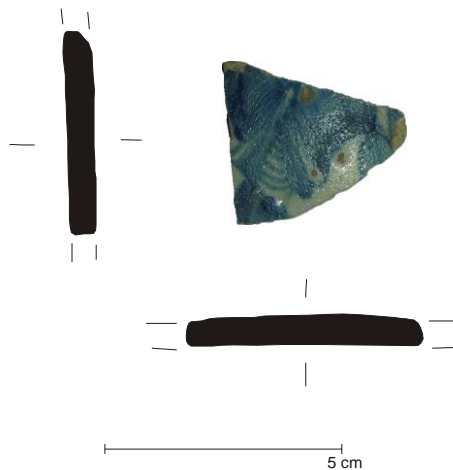
Pasta de cor amarela (Munsell 2.5y8/3). Vidrado branco com pintura azul. Decoração: borboleta (?).

Diâmetro: indeterminado. Espessura da parede: 0,6 cm. Altura preservada: 4,3 cm.

Largura preservada: 4,9 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 5.



#### SP65 617

Fragmento de peça indeterminada (tigela?) preservando porção do fundo.

Corpo de morfologia cilíndrica (?). Fundo em pé anelar.

Pasta de cor rosa claro (Munsell 10yr8/3). Vidrado cinzento com pintura azul e vinoso.

Decoração: rendas.

Diâmetro do fundo: 12 cm. Espessura da parede: 0,5-0,7 cm. Altura preservada: 4,2 cm.

Cronologia: finais do século XVII (1660-1700).

Indicações contextuais: Área 7; Q.A8,9; U.E. 5.



#### SP65 995

Fragmento de morfologia indeterminada.

Pasta de cor amarela (Munsell 5y8/2). Vidrado branco com pintura azul. Decoração:

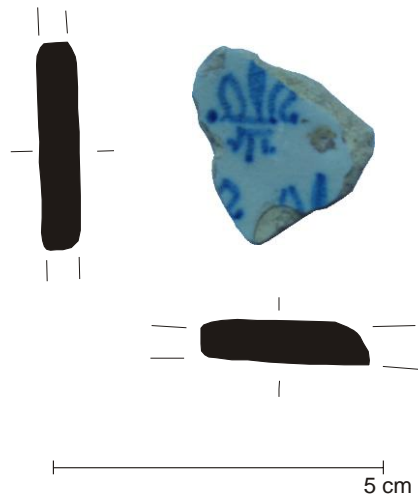
Flor de Lis (?).

Diâmetro: indeterminado. Espessura da parede: 0,6 cm. Altura preservada: 3,2 cm.

Largura preservada: 2,5 cm.

Cronologia: séculos XVII-XVIII.

Indicações contextuais: Área 7; Q. A8,9; U.E. 6.



SP65 5630 5465

Fragmento de parede de peça de morfologia indeterminada (garrafa?; jarro?).

Pasta de cor rosa claro (Munsell 7.5yr8/4). Vidrado branco com pintura azul.

Decoração: indeterminada (espirais?).

Diâmetro: indeterminado. Espessura da parede: 0,4-0,8 cm. Altura preservada: 7,3 cm.

Largura preservada: 6,5 cm.

Cronologia: século XVII.

Indicações contextuais:

- SP65 5630: Área 1; Q. A3; U.E. 90;

- SP65 5465: Área 1; Q. A3; U.E. 80.



## Anexos II – Mapas e Plantas

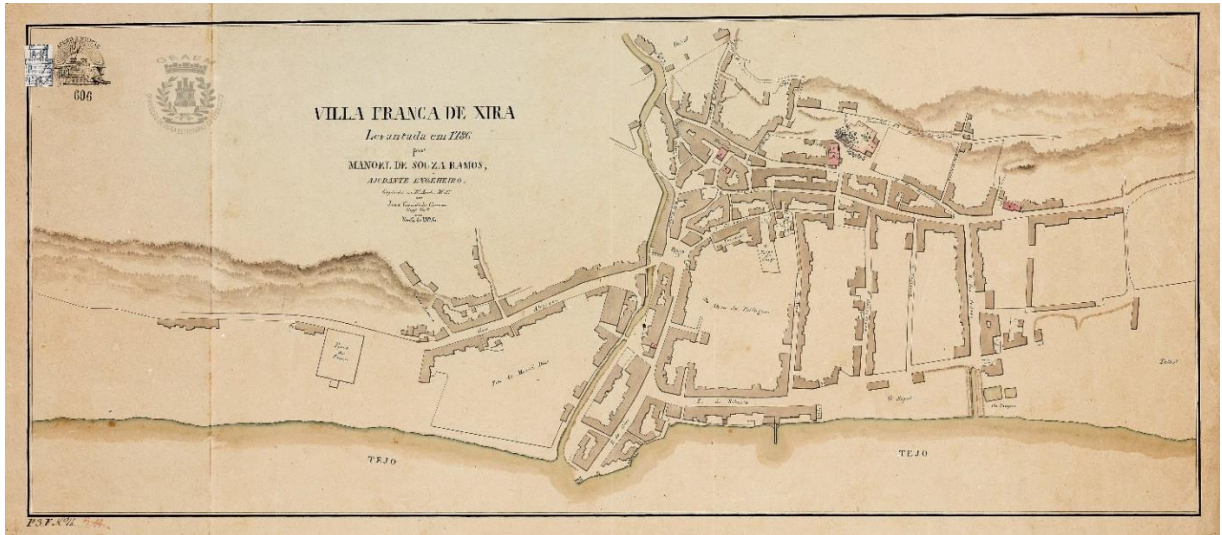


Figura 1 – Planta de Vila Franca de Xira no ano de 1786. (Cota 2935-2A-26-37, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército; PIMENTA e MENDES, 2017, p. 190 e 191)

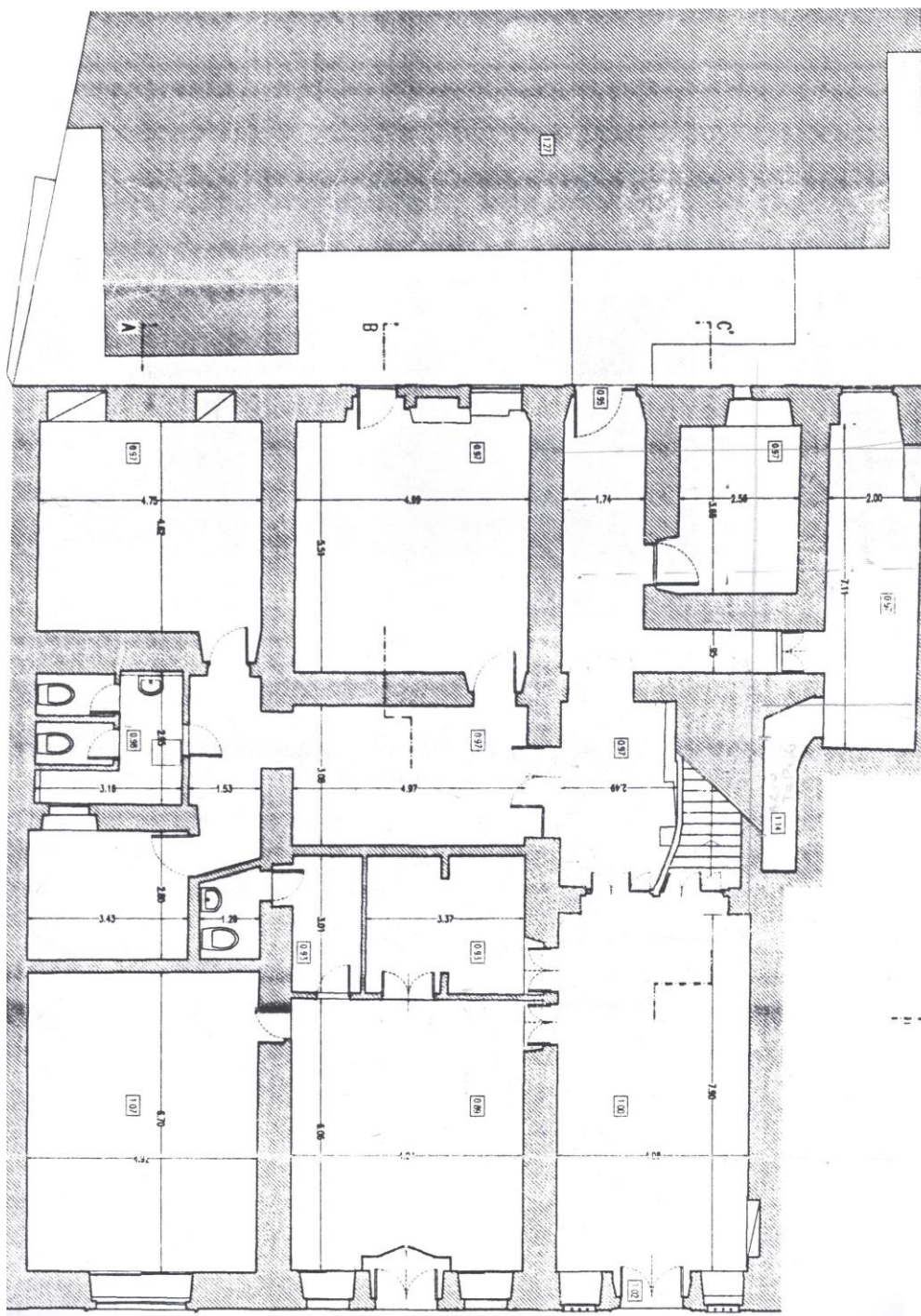


Figura 2 – Planta do piso 0 do palacete. (PINTO, 2005, Anexo I)



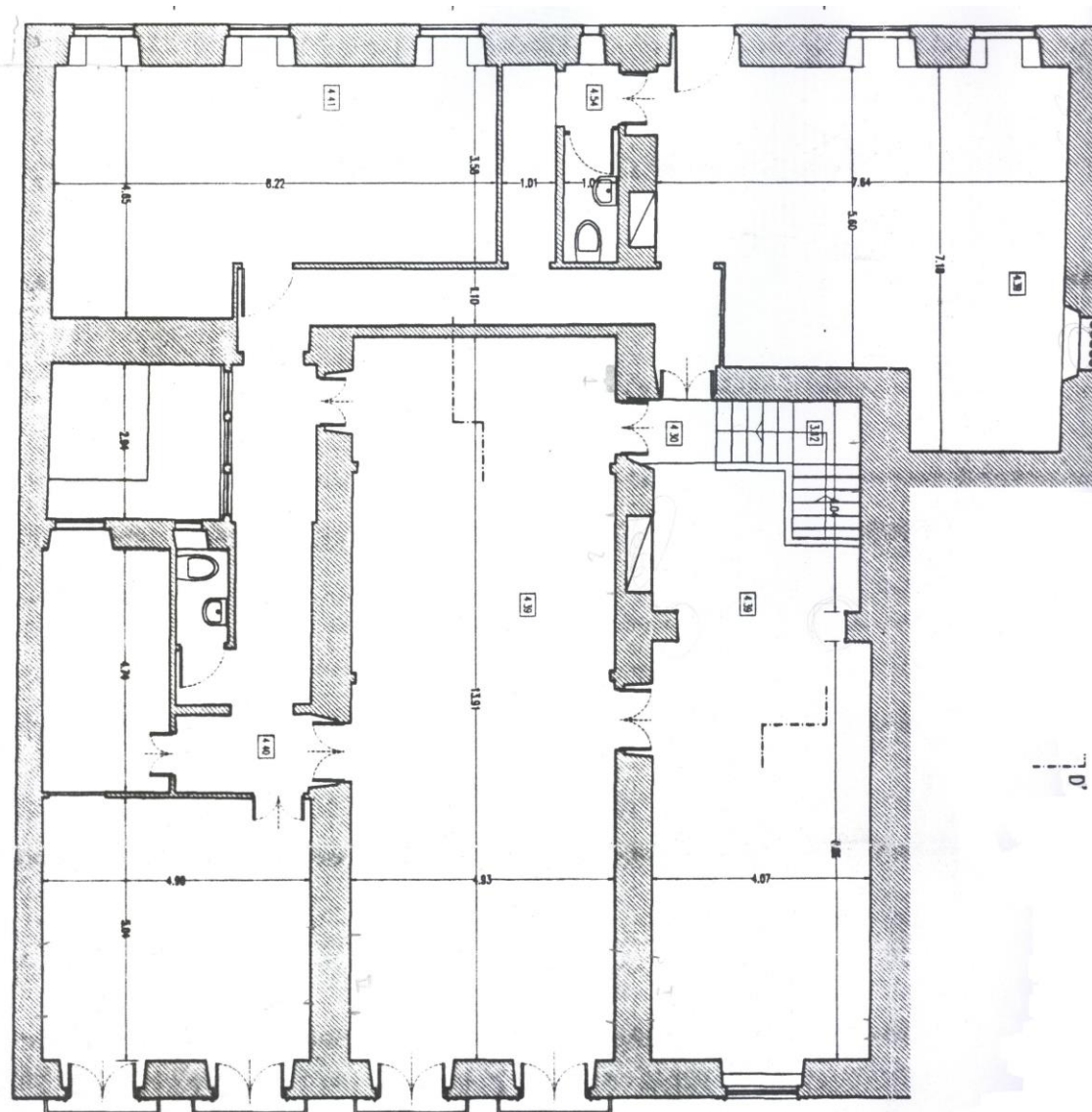


Figura 3 – Planta do piso 1 do palacete. (PINTO, 2005, Anexo I)



Figura 4 – Desenho da fachada do século XVIII. (PINTO, 2005, p. 12)

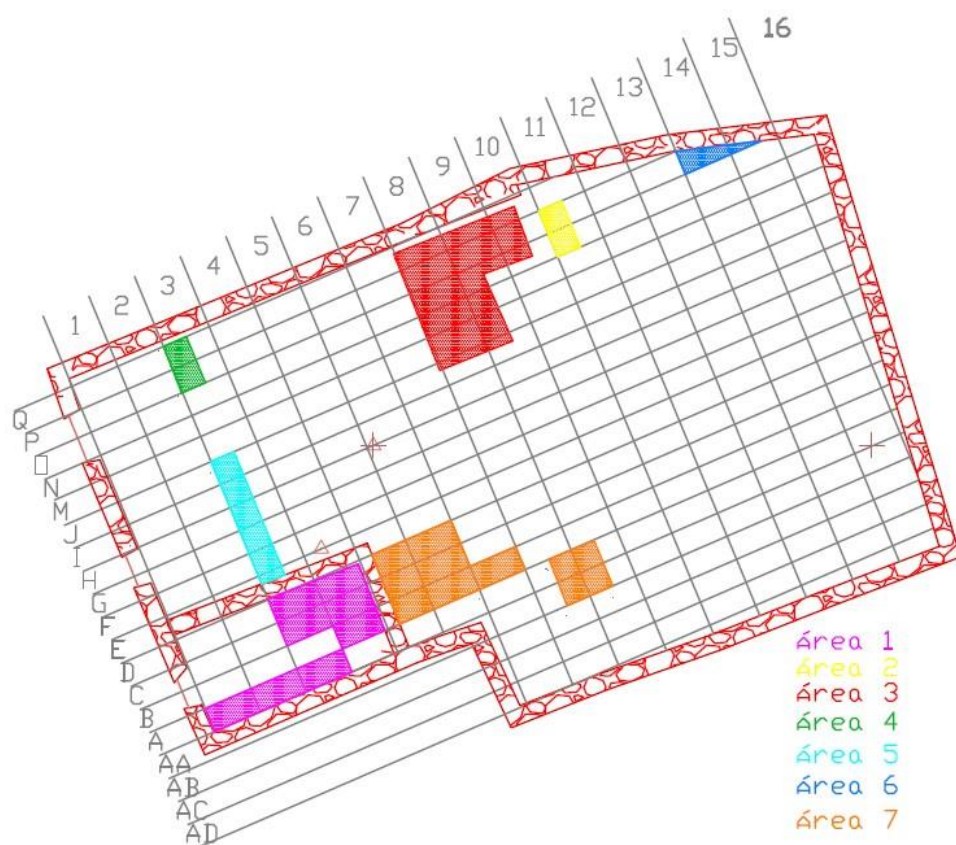


Figura 5 – Planta destacando as áreas intervencionadas. (PINTO, 2005, Anexos IV)



### Anexos III – Matriz de Harris

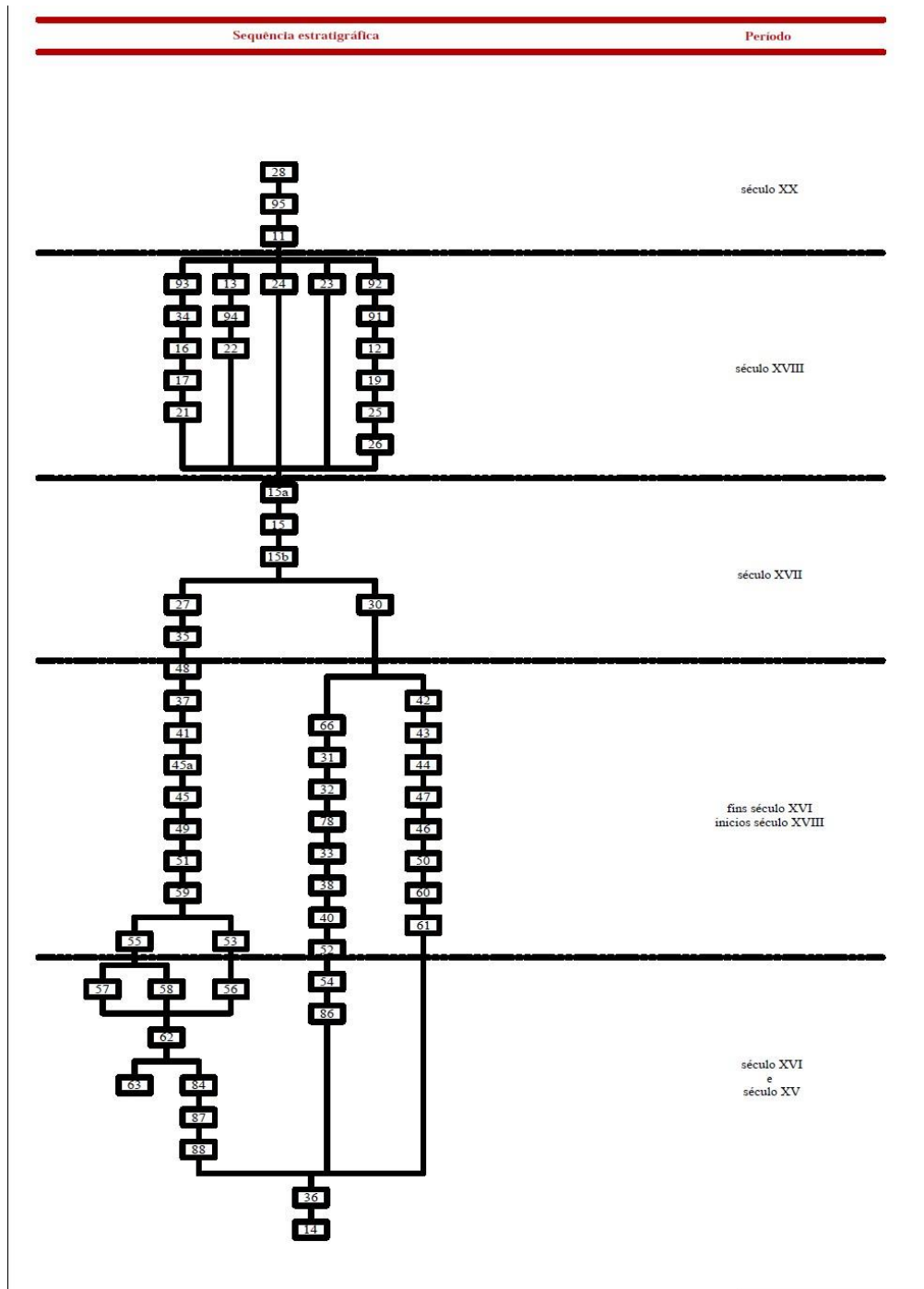


Figura 1 – Matriz de Harris da Área 1. (PINTO, 2005, Anexo III)

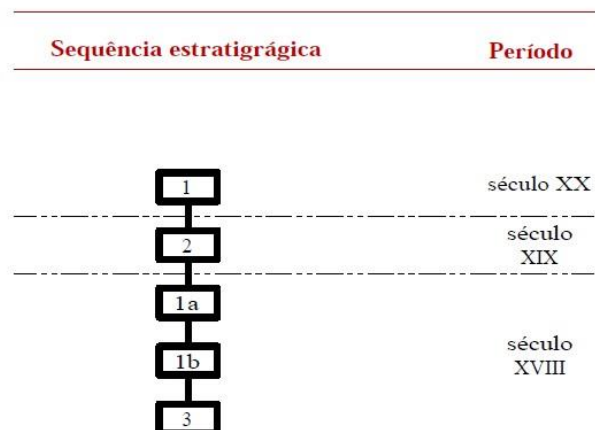


Figura 2 – Matriz de Harris da Área 2. (PINTO, 2005, Anexo III)

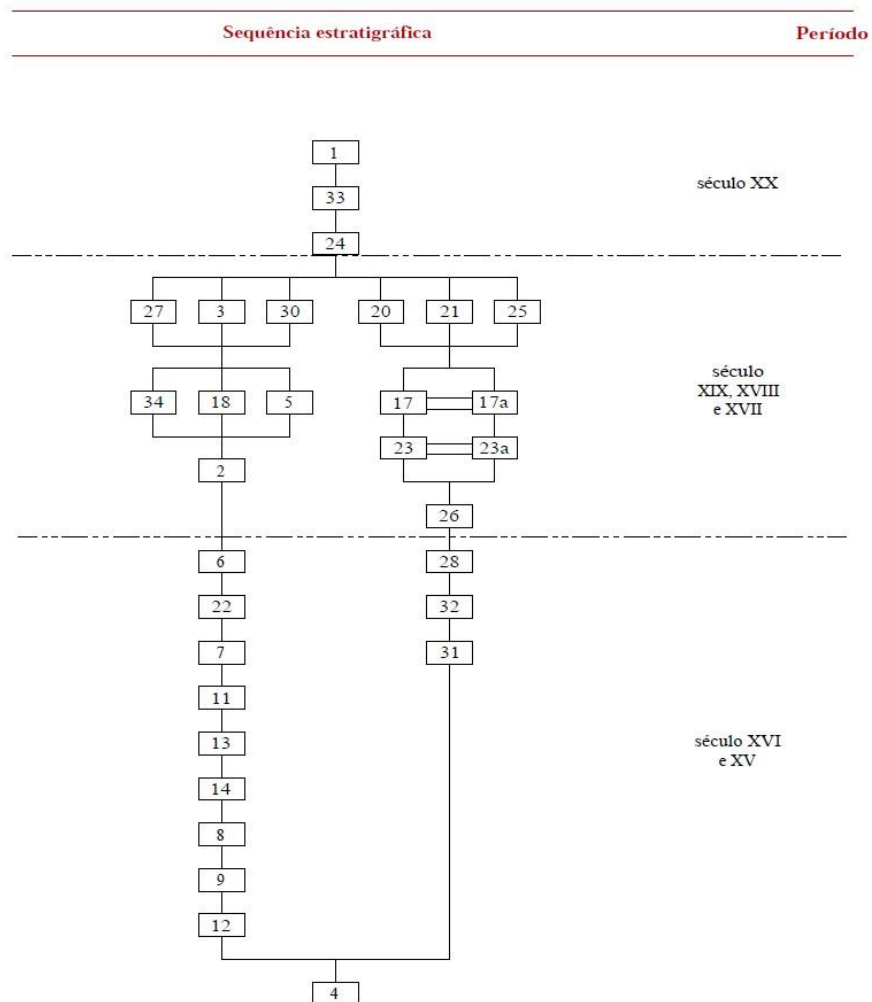


Figura 3 – Matriz de Harris da Área 3. (PINTO, 2005, Anexo III)

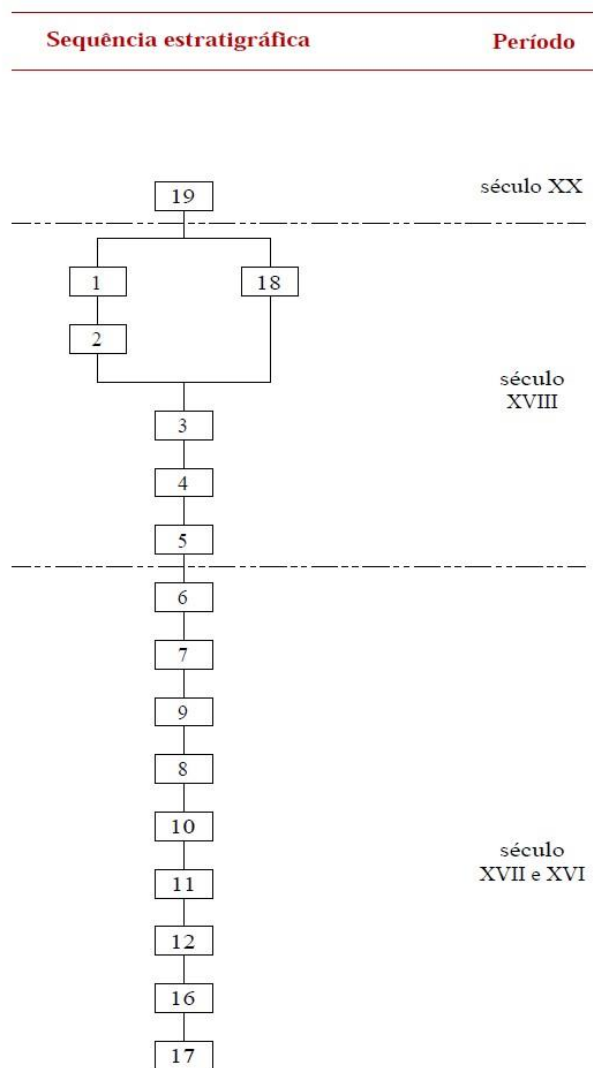


Figura 4 – Matriz de Harris da Área 4. (PINTO, 2005, Anexo III)

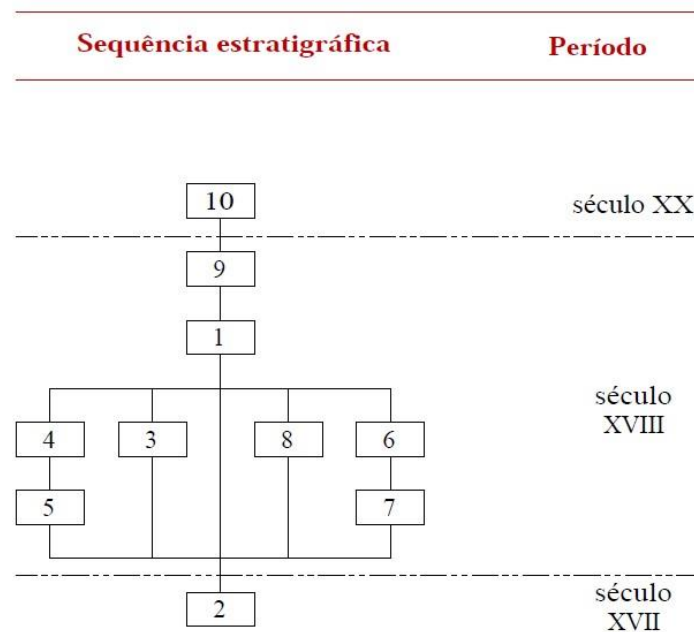


Figura 5 – Matriz de Harris da Área 5. (PINTO, 2005, Anexos III)

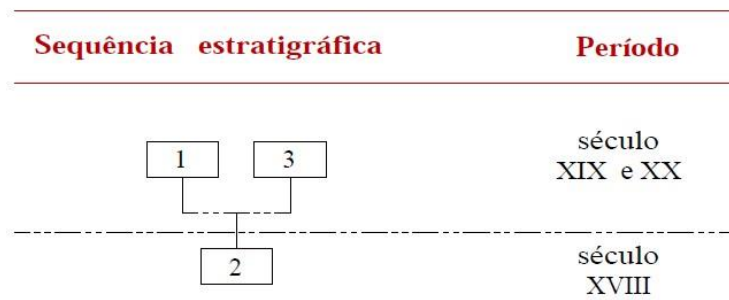


Figura 6 – Matriz de Harris da Área 6. (PINTO, 2005, Anexos III)

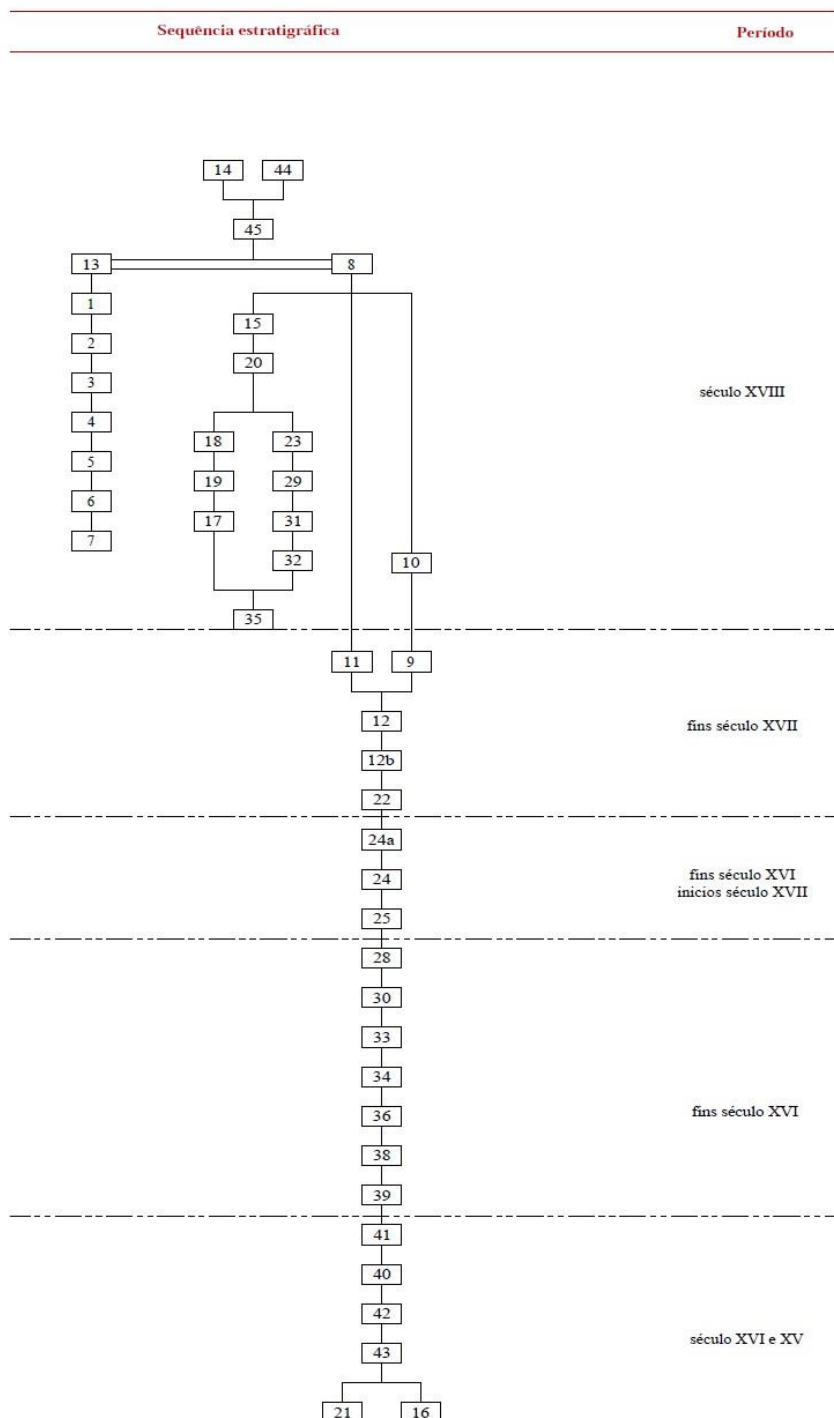


Figura 7 – Matriz de Harris da Área 7. (PINTO, 2005, Anexos III)

## Anexos IV – Fotografias



Figura 1 – Área 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 2 – Área 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 3 – Área 2, U.E. 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 4 – Área 2, Unidade 3. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 5 – Área 3. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 6 – Área 3. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 7 – Área 3, Calçada. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 8 – Área 4, Lajeado U.E. 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 9 – Área 4, U.E. 2. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 10 – Área 5, U.E. 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 11 – Área 5, Tijoleira (U.E. 2). (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 12 – Área 6. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 13 – Área 6, Unidade 1 e Estrutura 3. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 14 – Área 7. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 15 – Área 7, U.E. 1. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 16 – Foto da fachada interior, zona da capela. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 17 – Foto da fachada interior, zona da ala central. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 18 – Foto da fachada interior, zona da ala lateral. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 19 – Foto da parede Este, destacando o arco e o pé direito. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 20 – Foto da parede Este, destacando o nicho. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 21 – Foto da parede Oeste, destacando uma abertura. (PINTO, 2005, Anexos IV)



Figura 22 – Foto do lajeado de calcário. (PINTO, 2005, Anexos IV)





Figura 23 – Fachada do palacete actualmente.

([https://www.google.pt/search?q=nucleo+sede+museu+municipal+de+vila+franca+de+xira&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixzKH2zo7XAhVIthQKHfmwA4UQ\\_AUICygC&biw=1368&bih=807#imgsrc=hO-Bcz\\_ulYCu8M](https://www.google.pt/search?q=nucleo+sede+museu+municipal+de+vila+franca+de+xira&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixzKH2zo7XAhVIthQKHfmwA4UQ_AUICygC&biw=1368&bih=807#imgsrc=hO-Bcz_ulYCu8M): (consultado

26/10/2017)

### Anexos V - Tabelas e Gráficos

Forma	Bordo		Fundo		Parede		Asa ou Arranque		Indeterminado	Total	
	MNI	NMI	MNI	NMI	MNI	NMI	MNI	NMI	MNI	MNI	NMI
Bacias	2	2								2	2
Castiçais					2	2				2	2
Covilhetes	8	6								8	6
Escudelas	1	1								1	1
Jarros							2	2		2	2
Maçanetas					2	2				2	2
Pratos Fundos	21	21	2	2						23	21
Pratos Rasos	143	139	77	75	5	2				225	139
Salseiras	5	4								5	4
Tampas			3	3			1	1		4	3
Tigelas	194	171	85	77	3	3				282	171
Vasos de Noite	1	1					1	1		2	1
Indeterminados	143		159		1220				3	1525	

Figura 1 – Tabela com distribuição de formas.

Forma/Decora ção	Bran co		Cinze ro		Conta s		Renda s		Motivos Fitomórfi cos e Geométr icos		Semi- Círculos Concêntri cos		Heráldi ca		Verde		Desenh os Miúdo		Lecterifor mes		Elemen to Floral		Pétal as		Element o Vegetali sta		Faixa Barro ca		Paisage m		Aranhã es		Antropomórf icos		Zoomórfi cos		Indetermina dos		
	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	M	N	
Bacias	1	1							1	1																													
Castiçais	2	2																																					
Covilhetes	4	4			3	1					1	1																											
Escudelas									1	1																													
Jarros (?)									2	2																													
Maçanetas	2	2																																					
Pratos Fundos	1	1	1	1	1	1	1	1	5	5	4	4										2	2	2	2												6		
Pratos Rasos	25	2	15	1	1	1	3	3	27	27	33	30	3	3	1	1	2(?)	2			6	5	1	1	6	4	2	2	1	1	6	4	1	1			65		
		5		5	7	2																1	1																
Salseiras	2	2	1	1											2	1																							
Tampas	2	1							1	1																											2		
Tigelas	65	6	17	1	1	1	8	7	47	42	37	29	1	1	3	3	1(?)	1	1	1	5	3	6	6	1	1					2	2					55		
		1		6	4	3																																	
Vasos de Noite	1	1																			1	1																	
Indeterminad os	45		37		3		1		47		6		1		2		1				22		1		8										1		880		
	3						1								0								7																

Figura 2 – Tabela com a distribuição das decorações por formas.

U.E./Forma		Bacias	Castiçais	Covilhetes	Escudelas	Jarros	Maçanetas	Pratos Fundos	Pratos Rasos	Salseiras	Tampas	Tigelas	Vasos de Noite	Indeterminados
U.E. 1	MNI	1						1	31	3	1	19	1	190
	NMI	1						1	30	3	1	19	1	
Sem Número	MNI	1						7	33		1	32		221
	NMI	1						7	33		1	32		
U.E. 5	MNI		1	7	1		1	1	52		3	87	1	372
	NMI		1	5	1		1	1	47		2	77	1	
U.E. 6	MNI			1				3	33			31		196
	NMI			1				3	33			28		
U.E. 35	MNI							4	17			29		57
	NMI							4	16			23		
U.E. 78	MNI					1								
	NMI					1								
U.E. 3	MNI					1			2			2		28
	NMI					1			2			2		
U.E. 8	MNI							1	6			13		63
	NMI							1	6			13		
U.E. 31	MNI							1	3			1		6
	NMI							1	3			1		
U.E. 49	MNI							2	2					11
	NMI							2	1					
U.E. 79	MNI							1						7
	NMI							1						
U.E. 19	MNI							1				2		
	NMI							1				2		
U.E. 36	MNI							1	2	2		5		53
	NMI							1	2	2		5		
U.E. 4	MNI								11			7		33
	NMI								11			7		
U.E. 22	MNI								1					

	NMI								1					
U.E. 30	MNI								3			4		29
	NMI								3			4		
U.E. 41	MNI								1					15
	NMI								1					
U.E. 45	MNI								1					1
	NMI								1					
U.E. 23	MNI								3			2		
	NMI								1			2		
U.E. 33	MNI								6			4		22
	NMI								6			4		
U.E. 20c	MNI											1		
	NMI											1		
U.E. 16	MNI								3			1		12
	NMI								3			1		
U.E. 37	MNI											38		6
	NMI											2		
U.E. 27	MNI											1		10
	NMI											1		
U.E. 50	MNI								4			3		31
	NMI								4			3		
U.E. 90	MNI													1
	NMI													
U.E. 80	MNI													11
	NMI													
U.E. 28a	MNI													1
	NMI													
U.E. 7	MNI													9
	NMI													
U.E. 24	MNI													7
	NMI													

U.E. 11	MNI											1		2
	NMI											1		
U.E. 44	MNI													13
	NMI													
U.E. 60	MNI													1
	NMI													
U.E. 2	MNI													1
	NMI													
U.E. 34	MNI											1		5
	NMI											1		
U.E. 77	MNI													1
	NMI													
U.E. 65	MNI													5
	NMI													
U.E. 39	MNI													5
	NMI													
U.E. 46a	MNI											2		3
	NMI											2		
U.E. 15	MNI								1			2		7
	NMI								1			2		
U.E. 25	MNI													8
	NMI													
U.E. 48	MNI											2		8
	NMI											2		
U.E. 70	MNI								1					2
	NMI								1					
U.E. 32	MNI								2			3		4
	NMI								2			3		
U.E. 52	MNI											2		1
	NMI											2		
U.E. 27a	MNI								1					



	NMI								1					
U.E. 13	MNI								1					2
	NMI								1					
U.E. 19	MNI								1			2		3
	NMI								1			2		
U.E. 21	MNI								1			1		
	NMI								1			1		
U.E. 16a	MNI											1		3
	NMI											1		
U.E. 16	MNI											1		7
	NMI											1		
U.E. 20	MNI											1		1
	NMI											1		
U.E. 39a	MNI											1		1
	NMI											1		
U.E. 26a	MNI													2
	NMI													
U.E. 21a	MNI													1
	NMI													
U.E. 73	MNI													1
	NMI													
U.E. 38	MNI													7
	NMI													
U.E. 12	MNI													2
	NMI													
U.E. 55	MNI													1
	NMI													
U.E. 75	MNI													1
	NMI													
U.E. 67/68	MNI													5
	NMI													

U.E. 16/16a	MNI													3
	NMI													
U.E. 66	MNI													2
	NMI													
U.E. 17	MNI													2
	NMI													
U.E. 28	MNI													1
	NMI													
U.E. 68	MNI													1
	NMI													
U.E. 46	MNI													4
	NMI													
U.E. A1/B1	MNI													1
	NMI													
U.E. 18	MNI													3
	NMI													
U.E. 69	MNI													3
	NMI													
U.E. 42	MNI													6
	NMI													

Figura 3 – Tabela com a distribuição das formas pelas U.E.

U.E./Decoração		Branco	Cinzentos	Contas	Rendas	Motivos Fitomórficos e Geométricos	Semi-Círculos Concêntricos	Heráldica	Verde	Desenho Miúdo	Lecteriformes	Elemento Floral	Pétalas	Elemento Vegetalista	Faixa Barroca	Paisagem	Aranhães	Antropomórficos	Zoomórficos	Indeterminados
U.E. 1	M	51	5	3	2	17	5	1	10	1	1	6	2	3						129
	N	51	5	3	2	17	5	1	10	1	1	6	2	2						
Sem Número	M	77	8	5	3	22	12		2	2		2	3				2			155
	N	77	8	4	3	22	12		2	2		2	3				2			
U.E. 5	M	184	55	16	2	35	24	2				16		3	2		1		1	189
	N	184	53	15	2	35	17	2				13		3	2		1		1	
U.E. 6	M	56		2	5	9	20	1	5				3	4			1			155
	N	28		2	5	9	20	1	5				3	4			1			
U.E. 35	M	13	4	2	1	11		1					3	1			3	1		57
	N	13	4	1	1	11		1					3	1			2	1		
U.E. 78	M						1													
	N						1													
U.E. 3	M	10		1		2	1													16
	N	10		1		2	1													
U.E. 33	M	8				1	2		3				3	1						25
	N	8				1	2		3				3	1						
U.E. 36	M	27				3	3		2				1	1						26
	N	27				3	3		2				1	1						
U.E. 20c	M									1										
	N									1										
U.E. 80	M	2	2																	6
	N	2	2																	
U.E. 90	M																			1
	N																			
U.E. 27	M	1				1			1								1			7
	N	1				1			1								1			

U.E. 8	M	7	11		2	3	2					2	3	1			2			48
	N	7	11		2	3	2					2	3	1			2			
U.E. 31	M	6	4	2		1							1			1	1			4
	N	6	4	2		1							1							
U.E. 49	M	2			1								2	2						7
	N	2			1								2	1						
U.E. 79	M	4				1							1							2
	N	4				1							1							
U.E. 19	M			1					2	1							1			5
	N			1					2	1							1			
U.E. 4	M	19		3		5	2					1								19
	N	19		3		5	2					1								
U.E. 22	M			1																
	N			1																
U.E. 30	M	14	2			1							2				1			16
	N	14	2			1							2				1			
U.E. 41	M	6										2	1							7
	N	6										2	1							
U.E. 45	M	1																		1
	N	1																		
U.E. 23	M	1		4		1														
	N	1		2		1														
U.E. 16	M	3	2			2	1					1					1			16
	N	3	2			2	1					1					1			
U.E. 37	M	1				1	16													5
	N	1				1	1													
U.E. 50	M	5				3	2							2						25
	N	5				3	2							2						
U.E. 28a	M					1														
	N					1														
U.E. 7	M	2																		7

	N	2																		
U.E. 24	M	2											3							2
	N	2											3							
U.E. 11	M					1	1													1
	N					1	1													
U.E. 44	M												3							10
	N												3							
U.E. 60	M	1																		
	N	1																		
U.E. 2	M	1																		
	N	1																		
U.E. 34	M	5																		1
	N	5																		
U.E. 77	M	1																		
	N	1																		
U.E. 65	M	2																		3
	N	2																		
U.E. 39	M	3																		2
	N	3																		
U.E. 46a	M		1		1		1						1							1
	N		1		1		1						1							
U.E. 15	M	1	2		1								2							4
	N	1	2		1								2							
U.E. 25	M	3				2														3
	N	3				2														
U.E. 48	M	1	3		2	1														2
	N	1	3		2	1														
U.E. 70	M					1							1							1
	N					1							1							
U.E. 32	M	3	1										1							10
	N	3	1										1							

U.E. 52	M	2																		1
	N	2																		
U.E. 27a	M					1														
	N					1														
U.E. 13	M	1																		2
	N	1																		
U.E. 21	M	1																		1
	N	1																		
U.E. 16a	M					1											1			2
	N					1											1			
U.E. 20	M	2																		
	N	2																		
U.E. 39a	M	2																		
	N	2																		
U.E. 26a	M																			2
	N																			
U.E. 21a	M		1																	
	N		1																	
U.E. 73	M	1																		
	N	1																		
U.E. 38	M	1							1											5
	N	1							1											
U.E. 12	M																			2
	N																			
U.E. 55	M																			1
	N																			
U.E. 75	M																			1
	N																			
U.E. 67/68	M																			1
	N																			
U.E. 16/16a	M																			1

	N																			
U.E. 66	M																			1
	N																			
U.E. 17	M																			1
	N																			
U.E. 28	M	1																		
	N	1																		
U.E. 68	M																			1
	N																			
U.E. 46	M				2															2
	N				2															
U.E. A1/B1	M	1																		
	N	1																		
U.E. 18	M																			3
	N																			
U.E. 69	M																			3
	N																			
U.E. 42	M																			6
	N																			

Figura 4 – Tabela com a distribuição das decorações por U.E.

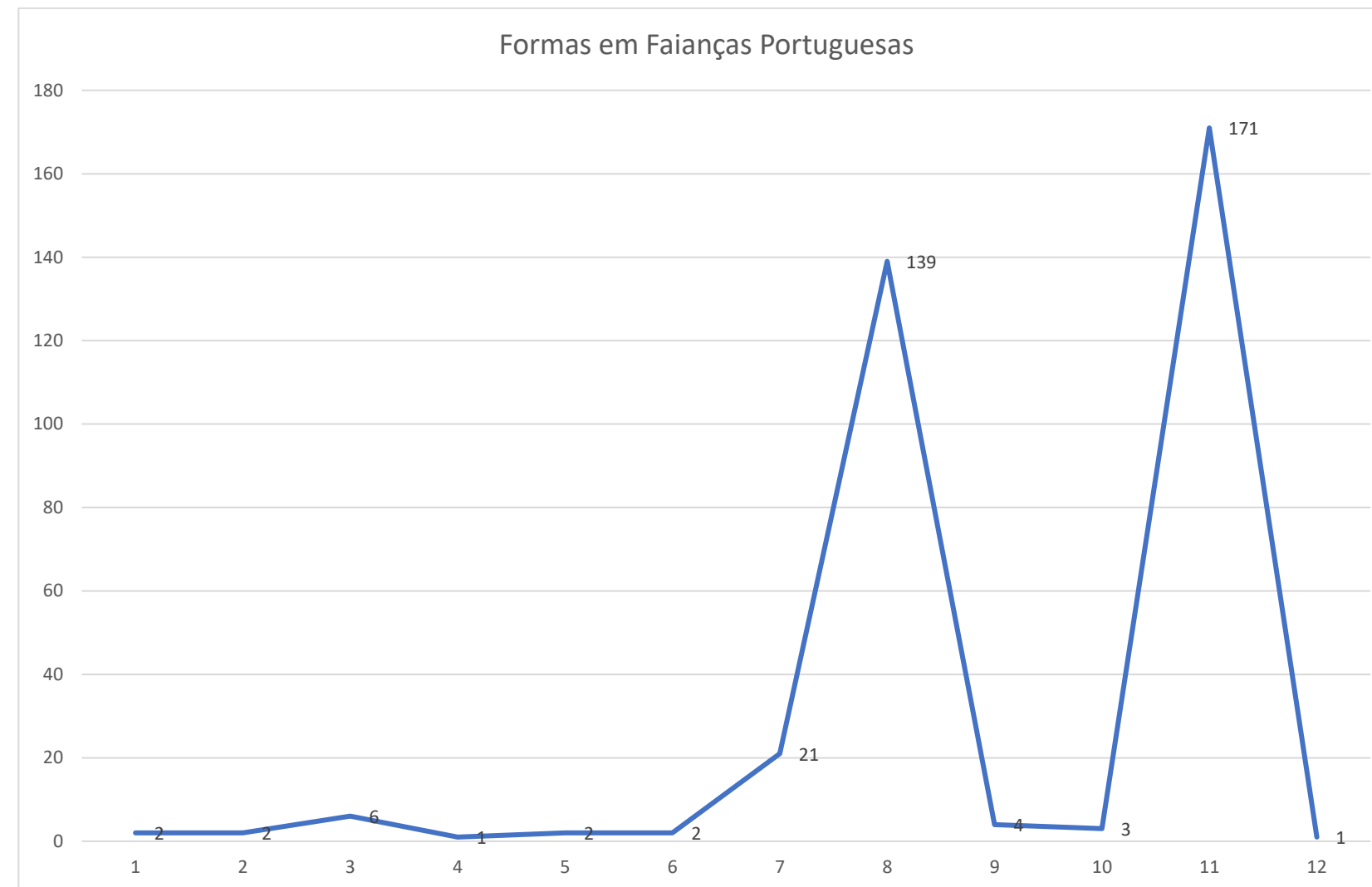


Figura 5 – Gráfico de linhas com a distribuição das formas por Número Mínimo de Indivíduos.

Legenda: 1 – Bacias; 2 – Castiçais; 3 – Covilhetes; 4 – Escudelas; 5 – Jarros; 6 – Maçanetas; 7 – Pratos Fundos; 8 – Pratos Rasos; 9 – Salseiras; 10 – Tampas; 11 – Tigelas; 12 – Vasos de Noite



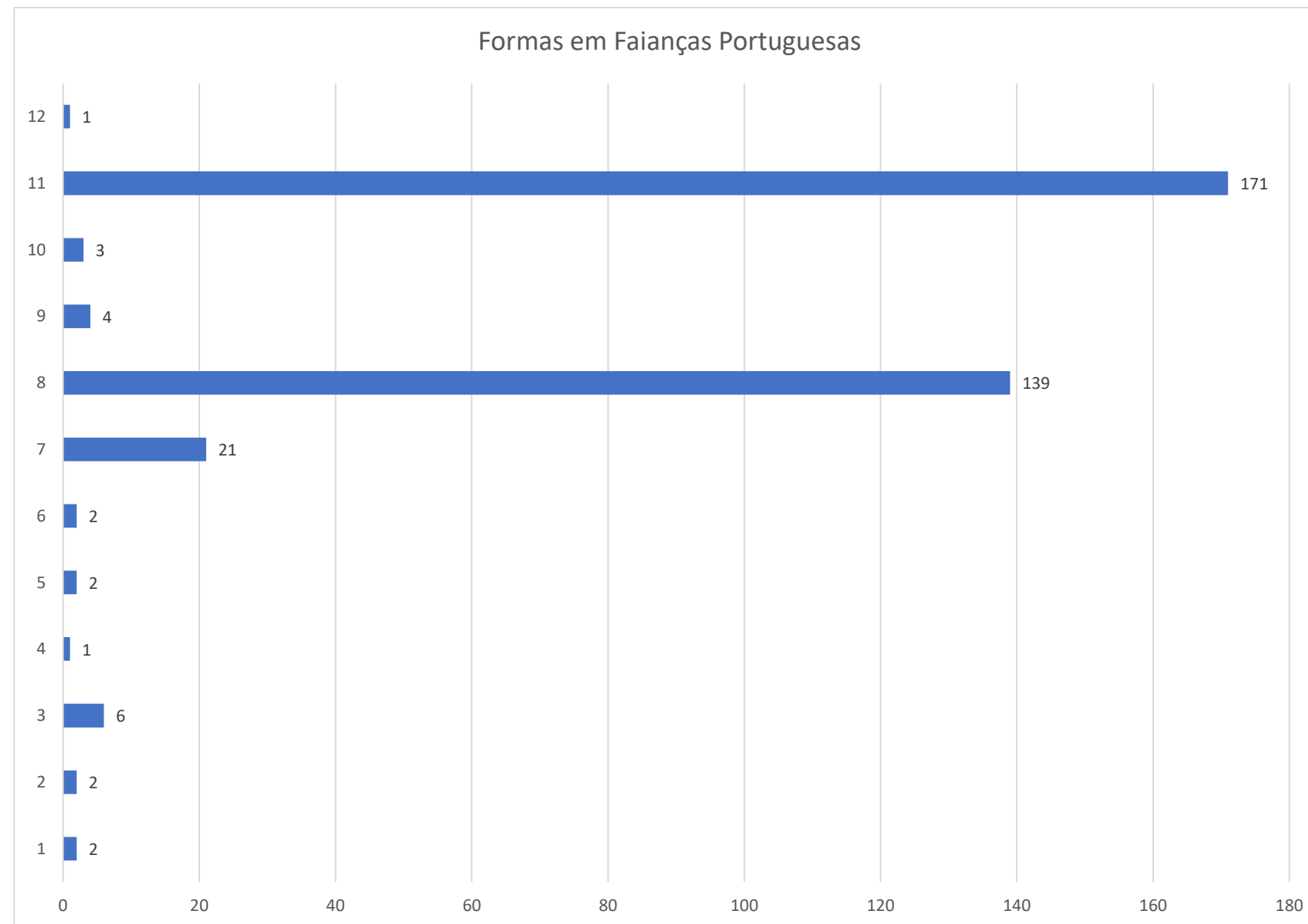


Figura 6 – Gráfico de colunas horizontais com a distribuição de formas por Número Mínimo de Indivíduos.

Legenda: 1 – Bacias; 2 – Castiçais; 3 – Covilhetes; 4 – Escudelas; 5 – Jarros; 6 – Maçanetas; 7 – Pratos Fundos; 8 – Pratos Rasos; 9 – Salseiras; 10 – Tampas; 11 – Tigelas; 12 – Vasos de Noite

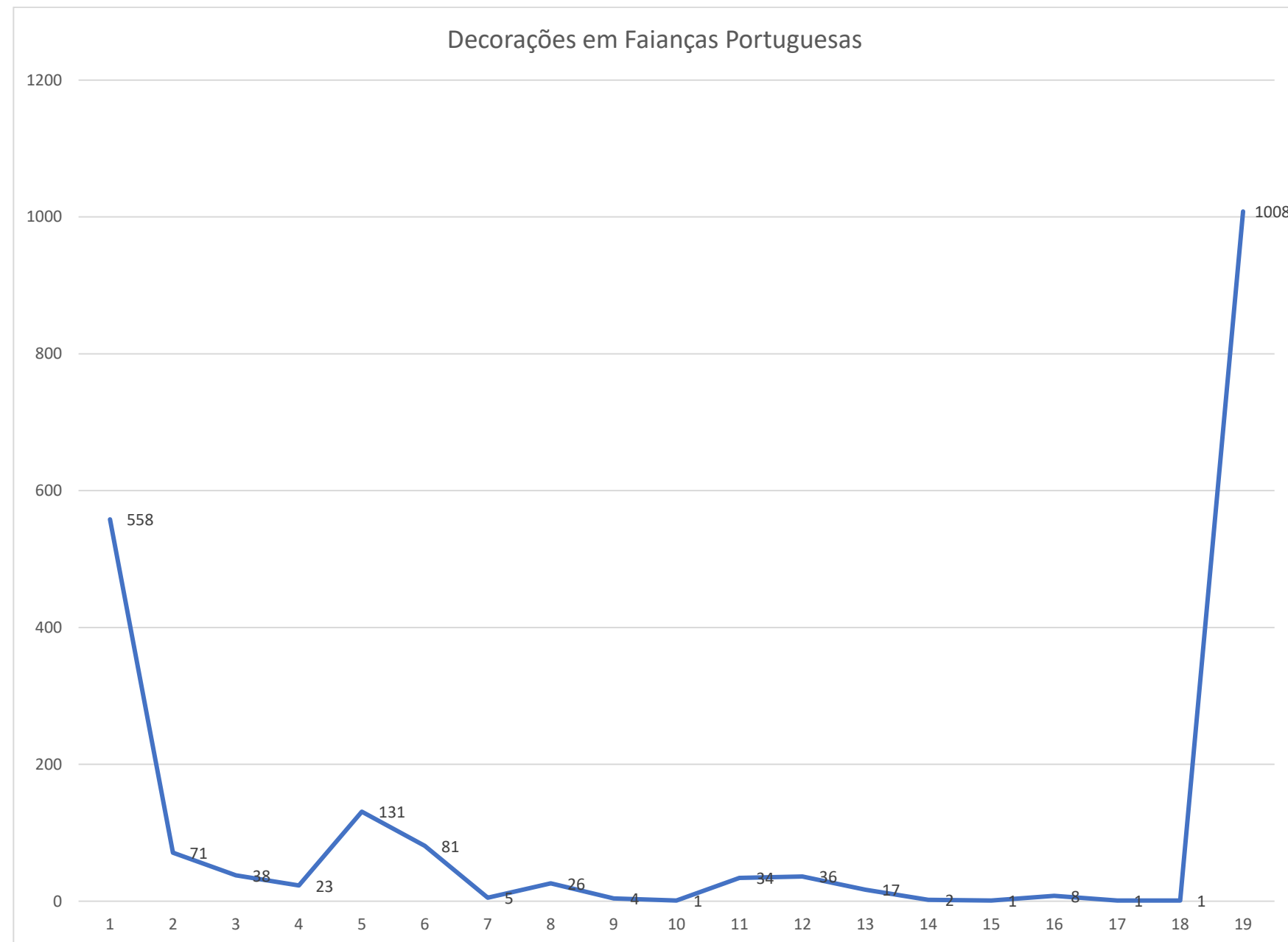


Figura 7 – Gráfico de linhas com a distribuição das decorações por Número Máximo de Indivíduos.

Legenda: 1 – Branco; 2- Cinzento; 3 – Contas; 4 – Rendas; 5 – Motivos Fitomórficos e Geométricos; 6 – Semicírculos Concêntricos; 7- Heráldica; 8 – Verde; 9 – Desenho Miúdo; 10 – Lecteriformes; 11 – Elementos Florais; 12 – Pétalas; 13 – Elementos Vegetalistas; 14 – Faixa Barroca; 15 – Paisagem; 16 – Aranhões; 17 – Antropomórfico; 18 – Zoomórfico; 19 - Indeterminados

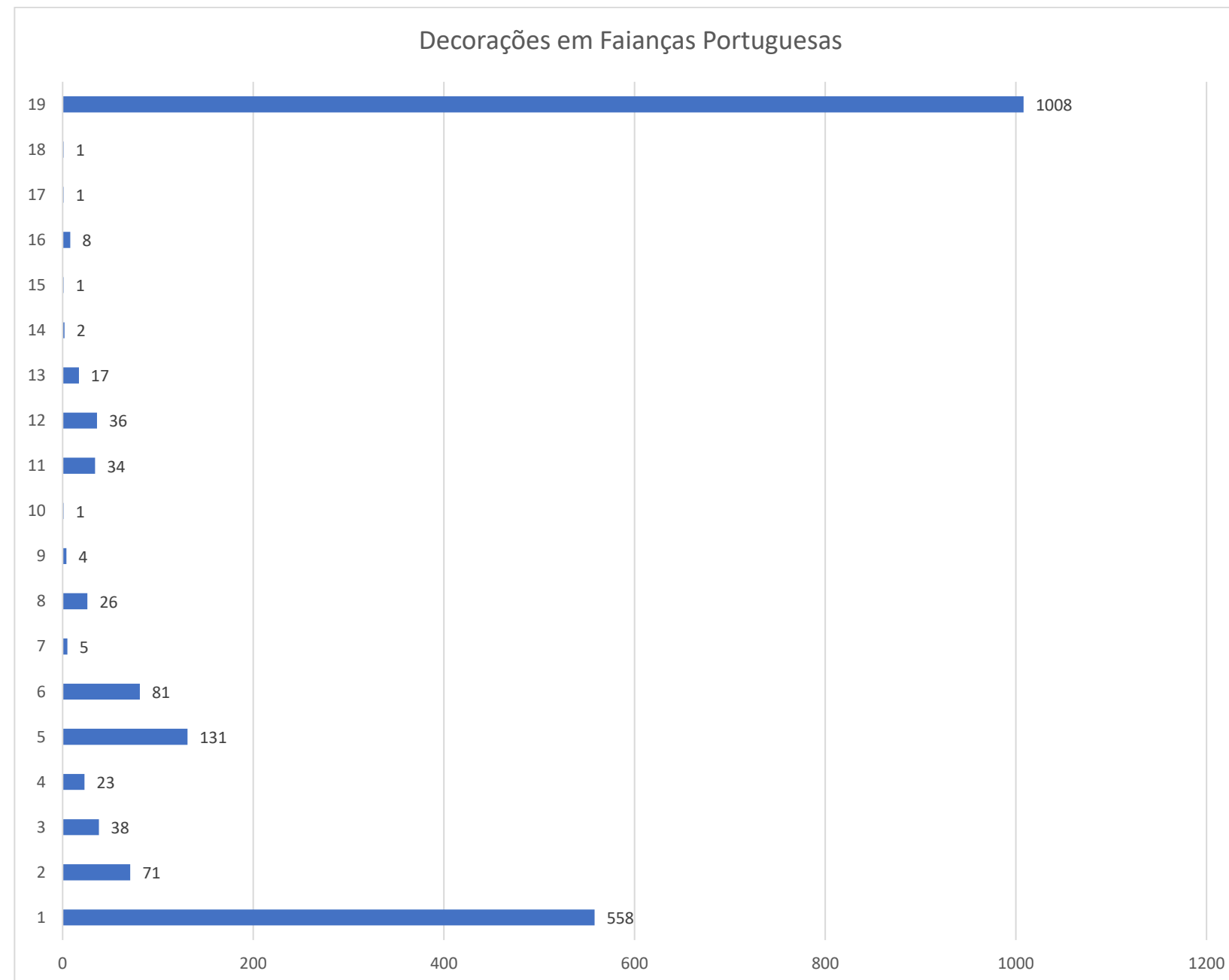


Figura 8 – Gráfico de colunas horizontais com a distribuição de decorações por Número Máximo de Indivíduos.

Legenda: 1 – Branco; 2 – Cinzento; 3 – Verde; 4 – Contas ou Pérolas; 5 – Rendas; 6 – Motivos Fitomórficos e Geométricos Simples; 7 – Semicírculos Concêntricos; 8 – Elementos Florais; 9 – Pétalas; 10 – Elementos Vegetalistas; 11 – Aranhões; 12 – Heráldica; 13 – Desenho Miúdo; 14 – Faixas Barrocas; 15 – Lecteriformes; 16 – Paisagem; 17 – Antropomórfico; 18 – Zoomórfico; 19 - Indeterminados